



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**Amanda Barbosa Guedes Silva**

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA CAPOEIRA: A PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO E A PRÁTICA DA CIDADANIA EM MACEIÓ**

**Maceió/AL**  
**2023**

**AMANDA BARBOSA GUEDES SILVA**

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA CAPOEIRA: A PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO E A PRÁTICA DA CIDADANIA EM MACEIÓ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos

**Maceió/AL  
2023**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586h Silva, Amanda Barbosa Guedes.  
Histórias, memórias e trajetórias da capoeira : a produção do espaço urbano e a prática da cidadania em Maceió / Amanda Barbosa Guedes Silva. – 2023.  
125 f. : il. color.

Orientadora: Maria Francineila Pinheiro dos Santos.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 120-124.  
Apêndice: f. 125.

1. Capoeira. 2. Produção espacial. 3. Espaços públicos. I. Título.

CDU: 911 : 796.8


Folha da Aprovação

AMANDA BARBOSA GUEDES SILVA

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DA CAPOEIRA: A PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO E A PRÁTICA DA CIDADANIA EM MACEIÓ**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Banca Examinadora:**

Documento assinado digitalmente  
 MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS  
Data: 13/07/2023 11:09:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos  
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente  
 AVELAR ARAUJO SANTOS JUNIOR  
Data: 13/07/2023 17:48:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinador Interno: Prof. Dr. Avelar Araújo Santos Júnior  
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente  
 FRANCISCA MARIA TEIXEIRA VASCONCELO  
Data: 13/07/2023 14:03:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora Externa: Profa. Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos  
(Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão)

À capoeira e aos capoeiristas alagoanos, especialmente ao Contramestre Magrão.  
(*In memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Ao longo do caminho, muitas pessoas contribuíram para que esta pesquisa se tornasse hoje uma dissertação de mestrado. Agradeço inicialmente a Deus, pela dádiva da vida e por me permitir realizar tantos sonhos nesta existência.

Agradeço à profa. Maria Francineila Pinheiro dos Santos pelas direções oferecidas, pelos ensinamentos, pelas oportunidades de desenvolvimento propiciadas e, principalmente, pelo exemplo de pessoa e profissional que certamente me guiará nesta nova etapa da minha vida de trabalho.

Agradeço à minha família pelo suporte nos momentos necessários. Ao meu parceiro de vida, Marcelo Cardoso, por todo amor, por toda força e confiança depositada em mim. Mais do que um companheiro, você foi um guia. Gratidão pelas contribuições ao presente estudo. Sem você, certamente eu não estaria aqui. À pequena Maitê, por compreender minha ausência em certos momentos e por nunca me fazer esquecer que tudo daria certo.

Aos amigos do Grupo Muzenza de Capoeira, por tantos momentos compartilhados. Gratidão, meu mestre Girafa, por ter me ensinado a amar e viver a capoeira de maneira inexplicável.

Agradeço aos mestres de capoeira entrevistados, pela disponibilidade, atenção, presteza e valiosa contribuição para a realização deste trabalho, por cederem suas experiências com a capoeira aqui discutida, em especial, mestre Ventania, mestre Cláudio e mestre Besourão. Estendo ainda meus agradecimentos ao mestre Carlos por suas valiosas contribuições.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

## RESUMO

Presente em todo o país, a roda de capoeira e o ofício de mestres também se distribuem por todo o Estado de Alagoas. A trajetória da capoeira é composta por diversos acontecimentos históricos complexos, os quais estão sendo investigados por pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento. Contudo, a sua história no território alagoano não está completamente contada, isto é, ainda existe uma grande carência de estudos mais aprofundados sobre a temática em Alagoas. Por isso, o objetivo principal desta dissertação é analisar e relacionar a produção espacial urbana de Maceió a partir da apropriação dos espaços públicos da cidade pela prática da capoeira e sua importância na afirmação da cidadania. Especificamente, pretendeu-se: compreender os aspectos que constituíram a história da capoeira e desta forma evidenciar sua trajetória em Maceió; realizar o mapeamento dos grupos de capoeira atuantes na capital alagoana; realizar o levantamento bibliográfico acerca das discussões em torno da produção do espaço no pensamento geográfico e da cidadania; e dialogar com os mestres a respeito da relação estabelecida entre capoeira, produção do espaço geográfico e a prática da cidadania. Tais questões articulam esta investigação, a qual se baseia em uma abordagem metodológica qualitativa, com fundamentação teórica no materialismo histórico e dialético, tendo como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico, realização de entrevistas, registros fotográficos, elaboração de tabelas e análise dos achados da pesquisa. A relevância deste estudo consiste em contribuir com a compreensão de como a capoeira, enquanto elemento da produção espacial, tem historicamente se organizado na capital alagoana, com ênfase na valorização de suas práticas sociais no âmbito da formação e consolidação da consciência espacial cidadã.

**Palavras-chave:** Capoeiragem; produção espacial; espaço público; formação cidadã.

## ABSTRACT

Present throughout the country, the capoeira circle and the craft of mestres are also distributed throughout the State of Alagoas. The trajectory of capoeira is made up of several complex historical events, which are being investigated by researchers from different areas of knowledge. However, its history in Alagoas territory is not completely told, that is, there is still a great lack of more in-depth studies on the subject in Alagoas. Therefore, the main objective of this dissertation is to analyze and relate the urban spatial production of Maceió from the appropriation of public spaces in the city by the practice of capoeira and its importance in affirming citizenship. Specifically, it was intended to: understand the aspects that constituted the history of capoeira and highlight its trajectory in Maceió, carry out a mapping of the capoeira groups active in the capital of Alagoas, carry out a bibliographical survey about the discussions around the production of space in geographical thought and citizenship, and dialogue with the masters about the relationship established between capoeira, production of geographic space and the practice of citizenship. Such questions articulate this investigation, which is based on a qualitative methodological approach, with a theoretical foundation in historical and dialectical materialism, having as methodological procedures, the bibliographical survey, conducting interviews, photographic records, elaboration of tables, and analysis of the research findings . The relevance of this study is to contribute to the understanding of how capoeira, as an element of spatial production, has historically been organized in the capital of Alagoas, with an emphasis on valuing its social practices within the scope of the formation and consolidation of citizen spatial awareness.

**Keywords:** Capoeiragem; space production; public place; citizen training.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Localização de Maceió/AL.....	16
Figura 2 – Bairros de Maceió por Região Administrativa.....	19
Figura 3 – Percurso metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa.....	24
Figura 4 – Negroes fighting. Brasils ou Negros lutando.....	37
Figura 5 – Danse de la Guerre.....	38
Figura 6 – San Salvador.....	38
Figura 7 – Negros que vão levar açoite.....	40
Figura 8 – Conflito entre Maltas Guaiamuns e Nagõas.....	42
Figura 9 – Mestre Bimba aplicando vingativa.....	47
Figura 10 – Curso de Capoeira Regional – Sequência de Mestre Bimba.....	48
Figura 11 – Mestre Bimba ensinando a ginga.....	49
Figura 12 – Variação da quantidade de teses e dissertações sobre capoeira no período analisado (1990-2022).....	75
Figura 13 – Centro de Treinamento do mestre Cláudio nos anos de 1990.....	85
Figura 14 – Centro de Treinamento: mestre Cláudio.....	86
Figura 15 – Mestre Cláudio e Marcelo.....	87
Figura 16 – Projeto de educação alternativa com a capoeira.....	88
Figura 17 – Centro de Treinamento do Grupo Muzenza de Capoeira no Clima Bom.....	89
Figura 18 – Escola Ubuntu da Capoeiragem, coordenado por mestre Besourão.....	91
Figura 19 – Apropriação dos bairros pela capoeira em Maceió (1980-1990).....	94
Figura 20 – Roda de capoeira na Grota da Alegria – Benedito Bentes.....	96
Figura 21 – Roda da Vadiagem – Benedito Bentes.....	96
Figura 22 – Mapeamento da capoeira em Maceió – IPHAN.....	98
Figura 23 – Relação dos grupos de capoeira atuantes na cidade de Maceió (2021-2023) ....	102
Figura 24 – Roda de capoeira na praça Padre Cícero – Benedito Bentes.....	105
Figura 25 – Atividade realizada na orla da Laguna Mundaú – Vergel do Lago.....	106

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de publicações sobre a capoeira no Catálogo da BDTD por ano no período de 1990 – 2022.....	76
Tabela 2 – Relação das produções em estudos no âmbito da capoeira a partir das Grandes Áreas do Conhecimento (1990 – 2022).....	78
Tabela 3 – Instituições de Ensino Superior com maior número de produções sobre capoeira (1990 – 2022).....	79
Tabela 4 – Produção acadêmica sobre a capoeira a partir do estudo geográfico disponível no Catálogo da BDTD (1990 – 2022).....	79
Tabela 5 – Grupos e entidades cadastradas do Portal da Capoeira – IPHAN (Maceió/AL)....	97
Tabela 6 – Atuação dos grupos de capoeira por Região Administrativa de Maceió.....	99
Tabela 7 – Relação de grupos de capoeira atuantes na cidade de Maceió (2021-2023).....	100
Tabela 8 – Atuação dos grupos de capoeira por Região Administrativa de Maceió (2021-2023) .....	103

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEFAL	Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECA	Centro Esportivo de Capoeira Angola
CEPA	Centro Educacional de Pesquisa Aplicada
CFAP	Centro De Formação e Aperfeiçoamento de Praças
FECEAL	Federação de Capoeira do Estado de Alagoas
FMAC	Fundação Municipal de Ação Cultural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
IPHAN	Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PDMM	Plano Diretor do Município de Maceió
RMM	Região Metropolitana de Maceió
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNCISAL	Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....</b>	<b>16</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>23</b>
<b>4 CAPOEIRA E SUA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1 Reflexões sobre a história da capoeira .....</b>	<b>29</b>
<b>4.2 Indícios da capoeira maceioense dos séculos XIX e XX .....</b>	<b>53</b>
<b>5 PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E A PRÁTICA DA CIDADANIA .....</b>	<b>62</b>
<b>5.1 Um breve resgate sobre o espaço no olhar geográfico.....</b>	<b>62</b>
<b>5.2 Cidadania .....</b>	<b>71</b>
<b>5.3 A produção acadêmica sobre a capoeira .....</b>	<b>74</b>
<b>6 A TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA MACEIOENSE: PRODUÇÃO ESPACIAL E PRÁTICA DA CIDADANIA.....</b>	<b>82</b>
<b>6.1 Histórias e memórias dos mestres de capoeira em Maceió.....</b>	<b>82</b>
6.1.1 Mestre Ventania – Grupo de Capoeira Raça.....	82
6.1.2 Mestre Cláudio – Grupo Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares.....	83
6.1.3 Mestre Girafa – Grupo Muzenza de Capoeira .....	86
6.1.4 Mestre Besourão – Escola Ubuntu da Capoeiragem.....	90
<b>6.2 Identificação e espacialização geográfica dos grupos de capoeira em Maceió .....</b>	<b>92</b>
<b>6.3 Algumas considerações sobre a produção do espaço geográfico da cidade de Maceió pela capoeira e a prática da cidadania .....</b>	<b>104</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>125</b>

# Introdução

---



---

*Berimbau chamou.  
Iê! É hora, é hora, camará!*

## 1 INTRODUÇÃO

De atividade marginalizada (século XIX) à patrimônio cultural imaterial da humanidade (século XXI), a capoeira é marcada por uma trajetória de acontecimentos históricos complexos, os quais estão sendo investigados por pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento. Essas investigações se intensificaram especialmente nas últimas décadas, a partir do seu registro no ano de 2008 como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Presente em todo o país, a roda de capoeira e o ofício de mestres também se distribuem por todo o estado de Alagoas. Contudo, a história da capoeira no território alagoano não está completamente contada, isto é, ainda existe uma grande carência de estudos mais aprofundados sobre a temática em Alagoas. Por isso, a realização desta pesquisa tensiona analisar e relacionar, pelo viés geográfico em sua perspectiva crítica, a produção espacial urbana de Maceió a partir da apropriação dos espaços públicos da cidade pela prática da capoeira e sua relevância na afirmação da cidadania.

Para isso, algumas questões norteadoras são aqui levantadas: quais são os espaços apropriados pela comunidade da capoeira na cidade de Maceió? Qual a importância desses espaços para o desenvolvimento da capoeira? Quais elementos constituem a territorialidade da capoeira e contribuem para prática da cidadania ativa e democrática? Tais questões articulam esta investigação, a qual se baseia na perspectiva do materialismo histórico e dialético, entendendo a capoeira como elemento da produção espacial. Além de buscar compreender como a capoeira tem historicamente se organizado em Maceió, as problemáticas e inquietações apresentadas surgem também da necessidade de valorização e reconhecimento das práticas sociais desenvolvidas pelos grupos de capoeira entre o período de 1980 e 2023 na capital alagoana, especificamente.

Em relação à gênese da capoeira, ainda não há consenso entre os praticantes e estudiosos da temática devido à escassez de documentos que comprovem suas raízes históricas. A tese relativamente aceita propõe que a capoeira surgiu em momentos e em contextos similares nos centros urbanos das grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Salvador e Recife (TORRES, 2016). Apesar da diversidade de hipóteses no que se refere à

origem da capoeira, o seu processo histórico é marcado por um longo período de perseguição e marginalização. Considerada subversiva, foi enquadrada no Código Penal Brasileiro, o qual associava a prática da capoeira à criminalidade e, durante meio século, permaneceu na ilegalidade. No governo Getúlio Vargas, na década de 1930, devido aos interesses conjunturais e políticos, a capoeira é reconhecida como esporte nacional, sendo-lhe concedida a liberdade vigiada mediante determinadas normas e regras (CAPOEIRA, 1998).

Em um patamar de valorização crescente, a capoeira, nascida da luta dos negros por liberdade, se popularizou adentrando as diversas instituições públicas e privadas, tais como; escolas, academias, associações comunitárias, universidades, dentre outros. De acordo com o levantamento realizado pelo IPHAN através do *Dossiê: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira* (2014), em pouco mais de quatrocentos anos de história, a capoeira é considerada uma manifestação cultural praticada em todo o território brasileiro e em mais de 150 países por pessoas de diferentes faixas etárias. Além de Patrimônio Cultural Brasileiro, é também reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desde 2014.

Na atualidade, a capoeira apresenta um elevado prestígio social nunca antes alcançado ao longo de sua história, tanto pelo reconhecimento oficial do Estado brasileiro, como também por parte da sociedade, apesar dos vestígios de preconceito ainda presentes. Por outro lado, parcela significativa de seus praticantes – sobretudo os mestres e professores – reivindica e luta politicamente por melhorias sociais. Por isso, é preciso destacar que o fenômeno de expansão da capoeira não surge de maneira espontânea, mas é resultado de um longo processo de luta do povo negro no Brasil, o qual possibilitou que a capoeira quebrasse barreiras e se transformasse de atividade marginalizada e perseguida à manifestação cultural brasileira.

Na intenção de melhor fundamentar e debater sobre a capoeira enquanto elemento da produção espacial e suas possíveis contribuições para prática da cidadania, os grupos Capoeira Raça, Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares, Muzenza Capoeira e Escola Ubuntu da Capoeiragem, localizados na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, serão analisados nesta pesquisa.

Apesar de se identificar indícios da capoeiragem em território alagoano ainda no período compreendido entre 1878 e 1911 (BARBOSA, 2017), são recentes os registros da

capoeira praticada e vivenciada de forma institucionalizada em Alagoas. De acordo com as informações fornecidas pela Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (FECEAL), em fins da década de 1970 e, especialmente, nos anos de 1980, é iniciado o processo de ascensão e institucionalização da capoeira na cidade de Maceió, gerando um aumento significativo no número de participantes. Atualmente, a capoeira está presente nos diversos bairros da capital alagoana.



## Caracterização da Área

---



---

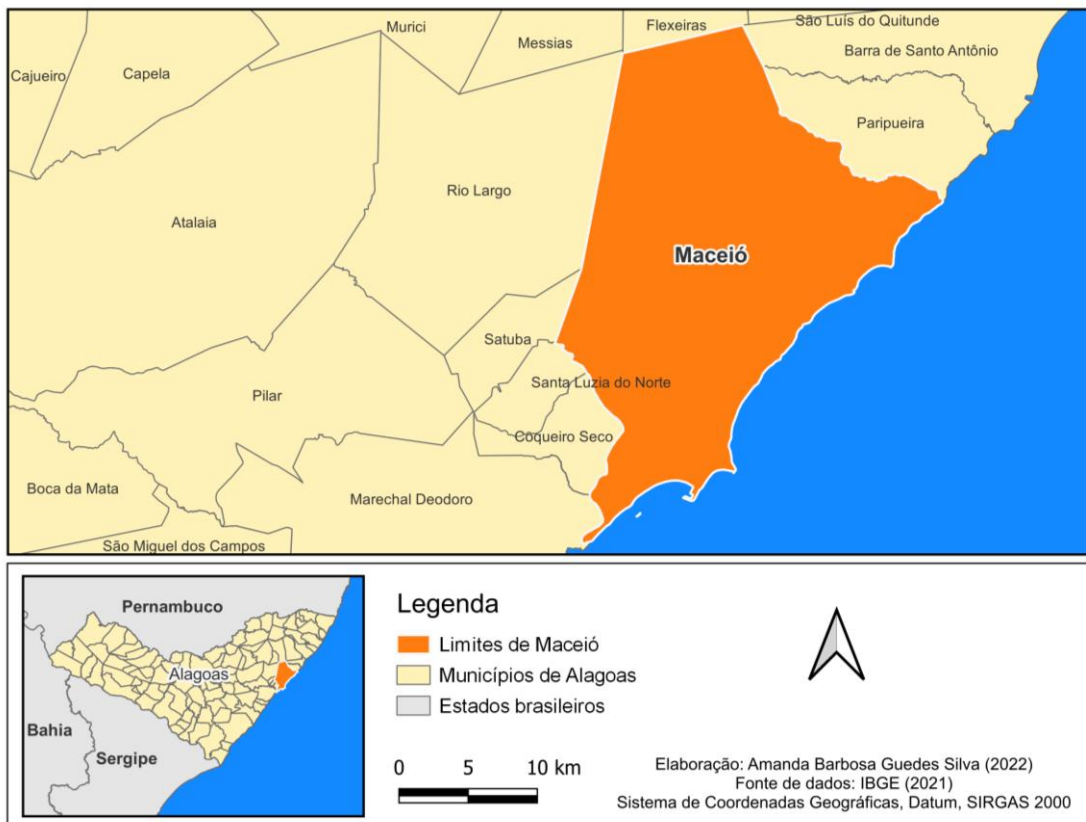
*Quando eu venho de Luanda, eu não venho só.*

## 2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O recorte espacial realizado neste trabalho refere-se ao município de Maceió, capital do estado de Alagoas, localizado na Região Metropolitana de Maceió (RMM). Especificamente, sua localização geográfica é determinada por 09°39'40" de latitude sul e 35°44'29" de longitude oeste. Segundo informações publicadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), em uma prévia da população dos municípios com base nos dados do Censo Demográfico de 2022, o município de Maceió compreende uma população estimada em 960.667 de habitantes.

A capital alagoana possui limites ao norte com os municípios de Paripueira, Barra de Santo Antônio, São Luís do Quitunde e Flexeiras. Ao sul, encontra-se a Laguna Mundaú. A oeste, também encontramos a Laguna Mundaú e os municípios de Rio Largo, Satuba e Santa Luzia do Norte. A leste, estabelece limite com o Oceano Atlântico.

**Figura 1 – Mapa de localização de Maceió/AL**



**Fonte:** IBGE (2022). Adaptado pela autora (2022).

Para compreender a organização espacial da capoeira em seu contexto histórico na cidade de Maceió, cabe uma breve reconstituição do processo de formação do território maceioense. O primeiro registro é datado de 1611 e, conforme Carvalho (2019), aponta para o primeiro sinal de colonização na região.

É uma escritura de uma doação de uma sesmaria, de Gabriel Soares da Cunha, então Alcaide-Mor de Santa Maria Madalena, para Manoel Antônio Duro, que possuía uma casa de telha em Pajuçara e nela habitava desde 1609. Essa sesmaria tinha oitocentas braças de costa e fundos, ocupando uma extensa área do litoral até encontrar o rio Mundaú. Essa propriedade foi transferida, em 1699, para Apolinário Fernandes Padilha, como uma recompensa por sua participação, como capitão, numa companhia de infantaria que derrotou Palmares. (CARVALHO, 2019, p. 184).

Apesar do registro datado de 1611 referindo-se a uma simples residência em Pajuçara – ao que seria os primeiros indícios da futura vila –, até o século XVII a região seguia praticamente desconhecida. Somente nos anos iniciais do século XVIII, especificamente em 1708, é que se instala o engenho Massayó, de propriedade de Apolinário Fernandes Padilha, e que seria o primeiro núcleo de colonização da futura cidade. O nome do engenho fazia referência ao robusto riacho de águas limpas Massayó ou Maça-ó-k que entrecortava as imediações<sup>1</sup> e significa, em tupi-guarani, “tapagem do alagadiço” ou “o que tapou o alagadiço”. Hoje, o poluído riacho Salgadinho. De acordo com Carvalho (2019), este seria o primeiro núcleo de colonização da futura cidade, no local onde atualmente encontram-se a Assembleia Legislativa e a praça D. Pedro II, no Centro da cidade. O engenho Massayó tinha ainda uma capela dedicada a São Gonçalo do Amarante, que foi demolida em 1850 para construção da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora dos Prazeres.

O engenho de açúcar, apesar de não ter progredido, impulsionou o povoamento em seu entorno e sobreviveu em função do desenvolvimento do comércio, pois era passagem para o porto natural de Jaraguá – dada sua posição geográfica privilegiada –, o que proporcionou o embarque e desembarque de mercadorias diversas vindas dos vales do Mundaú e Paraíba.

Do contrabando inicial do açúcar, o porto, pelas facilidades de aí atracarem os navios, começou a receber a produção do vale do Mundaú. Em torno do engenho

---

<sup>1</sup> [...] o riacho dividia a capital alagoana em dois bairros principais: Massayó ou Maceió, Rego Pitanga, Reginaldo e Salgadinho. Não se sabe Massayó ou Maceió foi o nome do Riacho transmitido ao sítio, ao engenho e, posteriormente, à povoação, ou se, ao contrário, desta que o pequeno curso d'água teria recebido denominação (LIMA JUNIOR, 2010, p. 138-139).

desenvolveu-se um pequeno aglomerado urbano, cuja atividade comercial, em expansão, iria suplantará a atividade agroindustrial e extingui-la. (CORRÊA, 1992, p. 99).

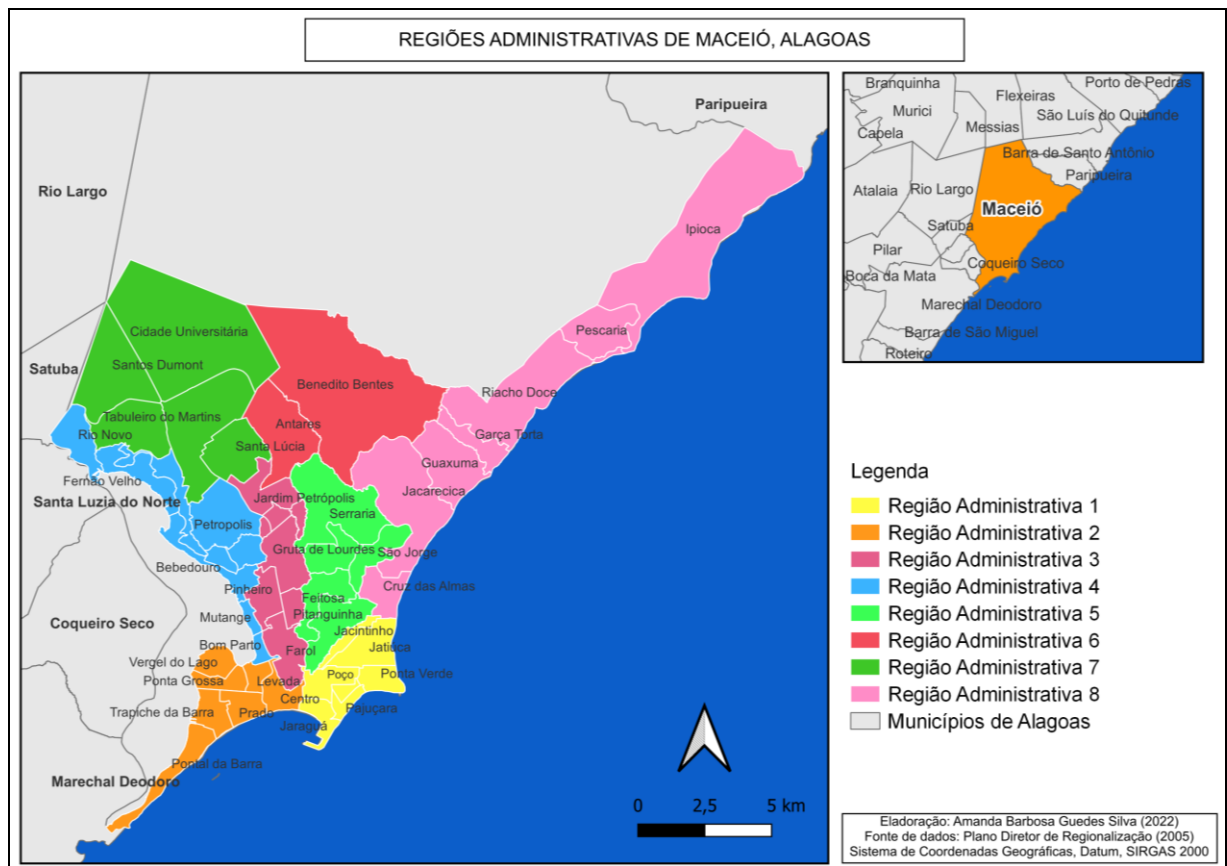
Apesar de ter sua origem ligada ao engenho de cana-de-açúcar, seu desenvolvimento não está diretamente vinculado a essa atividade. No começo do século XIX, a abertura dos portos às nações amigas, decretada pelo príncipe regente D. João VI em 1808, favoreceu a intensificação da circulação de mercadorias e pessoas, impulsionando o desenvolvimento urbano do povoado que cresceu gradativamente, transformando a região no principal centro comercial alagoano. Em 1815 o povoado de Maceió – reconhecido pelas boas condições econômicas – foi elevado à condição de vila e, dois anos depois, em 1817, a comarca de Alagoas foi emancipada de Pernambuco, tendo como sua capital a vila de Alagoas (Marechal Deodoro). Tendo em vista o seu potencial socioeconômico, a vila de Maceió passou a exercer funções importantes a partir da instalação de repartições arrecadadoras e aduaneiras, como a casa de Arrecadação e Inspeção de açúcar e algodão, e a alfândega em Jaraguá.

O crescimento acelerado, dada a localização geográfica privilegiada e recursos naturais em Maceió, contribuíram para o desenvolvimento da economia local. Em 1839, Maceió foi elevada à cidade, sede e capital provincial de Alagoas, passando a concentrar ainda mais o poder político e econômico de todo o estado. Esse crescimento atraiu diversas pessoas, fazendo com que a população se expandisse. No entanto, o processo de urbanização vivenciado em Maceió é tardio, sendo os fomentadores da economia os setores de comércio e serviços, junto da atividade canieira – este último responsável pela concentração de renda e agravamento da desigualdade social.

Cabe destacar que a expansão urbana em Maceió aconteceu de maneira não planejada, inicialmente nos bairros do Jaraguá e Centro, se estendendo para os bairros da Levada, Bebedouro e Fernão Velho. Nesse período, “[...] famílias inteiras se transferiram para Maceió, num movimento migratório que ajudou a formar os bairros do Trapiche da Barra, Prado, Ponta Grossa e Vergel do Lago, ficando na velha cidade os mais idosos e os donos de sítios e de grandes propriedades.” (CARVALHO, 2019, p. 192). Posteriormente, já no século XX, os bairros do Farol, Tabuleiro e adjacências tiveram seu crescimento impulsionado pela construção da Avenida Fernandes Lima, em 1917.

Em pouco mais de 200 anos desde a sua fundação, Maceió, assim como outras regiões costeiras do Brasil, apresenta uma ocupação urbana desordenada e intensiva. Atualmente, de acordo com o traçado administrativo vigente, no Plano Diretor do Município de Maceió (PDMM), instituído pela Lei Municipal nº 5486 (2005), constam 50 bairros, os quais compõem a malha de oito regiões administrativas municipais (Figura 2).

**Figura 2 – Bairros de Maceió por Região Administrativa**



**Fonte:** Plano Diretor de Regionalização (2005). Adaptado pela autora (2022).

Em Maceió, a configuração da ocupação urbana é regida pelo Plano Diretor – aprovado em 2006 –, apontado como um instrumento básico de planejamento de uma cidade e que dispõe sobre sua política de desenvolvimento, ordenamento territorial e expansão urbana (BRASIL, 1988, Art.182, § 1º). Com conteúdo variado, além de ações estratégicas e diretrizes voltadas para o planejamento urbano, o Plano Diretor do Município de Maceió apresenta um

conteúdo que inclui as questões referentes ao patrimônio cultural. De acordo com a Constituição Federal (1988), entende-se como patrimônio cultural:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, art. 216, CF/88, out 1988).

Embora o Plano Diretor do Município de Maceió não seja o foco investigativo desta análise – o que não descarta a possibilidade de futuros estudos – é importante destacar a relação indissociável entre patrimônio cultural – quer seja material ou imaterial – e a produção do espaço urbano, considerando o espaço como totalmente vinculado à atividade humana e social.

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui uma função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1977, p. 91).

Portanto, no contexto da cidade de Maceió, a temática investigada tem como objetivo geral analisar e relacionar pelo viés geográfico em sua perspectiva crítica, a produção espacial urbana de Maceió a partir da apropriação dos espaços públicos da cidade pela prática da capoeira e sua relevância na afirmação da cidadania.

Especificamente, pretende-se 1) compreender os aspectos que constituíram a história da capoeira e evidenciar sua trajetória em Maceió; 2) realizar o mapeamento dos grupos de capoeira da cidade de Maceió; 3) realizar o levantamento bibliográfico acerca das discussões em torno da produção do espaço no pensamento geográfico e da cidadania; 4) dialogar com os mestres a respeito da relação estabelecida entre capoeira, produção do espaço geográfico e a prática da cidadania.

Portanto, a partir de uma abordagem geográfica, esta pesquisa pretende contribuir para a valorização e reconhecimento da prática da capoeira enquanto ferramenta para a construção

e fortalecimento da cultura popular em Maceió e sua consequente materialização no espaço. O espaço de materialização das manifestações culturais como a capoeira é percebido e vivenciado das diferentes formas pelos indivíduos, que estabelecem uma relação estreita com esses espaços que se tornam lugares dotados de valores, significados, relações de pertencimento e identidade.

O estudo da capoeira e suas práticas na produção do espaço geográfico potencializa e possibilita investigar uma cultura em constante transformação, contribuindo para a compreensão das relações que os sujeitos estabelecem com o seu meio e sua influência na materialidade do espaço.

# Percurso Metodológico

---





### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

O desenvolvimento desta pesquisa está pautado em uma abordagem metodológica qualitativa, com fundamentação teórica no materialismo histórico e dialético desenvolvido por Marx e Engels na busca pelo entendimento da realidade histórica e social, visão de mundo e práxis. De acordo com Triviños (1987), o materialismo histórico e dialético evidencia que a realidade dos homens deve ser compreendida através da sua organização social, a partir da produção e reprodução da vida.

Ainda, entende-se a realidade de maneira dinâmica e totalizante, em constante transformação pela ação humana, isto é, ao adotar o materialismo histórico e dialético enquanto método e visão de mundo, considera-se que todos os processos identificados e observados durante o estudo são produtos da ação humana, elaborados e constituídos historicamente (TRIVIÑOS, 1987).

Nesse sentido,

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade. O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial. Neste caminho lógico, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico (a realidade dada, o real aparente, o objeto assim como ele se apresenta à primeira vista) e, por meio de abstrações (elaborações do pensamento, reflexões, teoria), chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado. Assim, a diferença entre o empírico (real aparente) e o concreto (real pensado) são as abstrações (reflexões) do pensamento que tornam mais completa a realidade observada. (THAILHEIMER, 1979, p. 104).

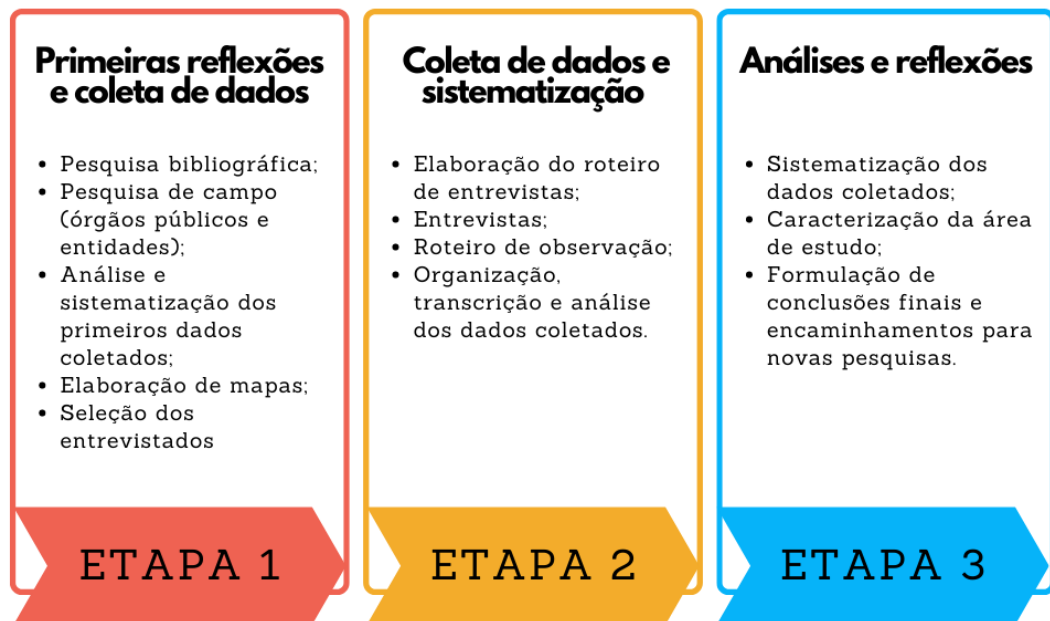
Desse modo, considerar o método materialista histórico e dialético para a interpretação da realidade significa compreender esse processo de interpretação e análise, do empírico, isto é, da realidade aparente e imediata, ao concreto, ou seja, a realidade pensada, pelo movimento do pensamento (contradições) no mundo como ele é (TOZONI-REIS, 2020).

Aliado ao materialismo histórico e dialético, a geração e coleta de dados da pesquisa está baseada no viés de cunho qualitativo. Segundo Godoy (1995, p. 21), na perspectiva qualitativa “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do

qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. [...]”. Bogdan e Biblen (1994), apontam cinco características fundamentais da investigação qualitativa. São elas: 1) fonte direta para coleta de dados, sendo o pesquisador um instrumento essencial; 2) caráter descritivo; 3) relevante interesse pelos processos que pelos resultados; 4) forma de análise dos dados tende a ser elaborada pelo método indutivo; 5) o significado possui fundamental importância. Nesse sentido estamos “mais preocupados com o processo [...] tendo o ambiente natural como fonte direta dos dados, e grande destaque é dado à interpretação do significado das ações sociais”. (PESSÔA, RAMIRES, 2013, p. 25).

O percurso metodológico pode ser melhor entendido na sistematização da Figura 3.

**Figura 3 – Percurso metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa**



**Fonte:** Elaborado pela autora (2021).

A primeira etapa da pesquisa, referente às primeiras reflexões e coleta de dados, foi constituída de pesquisa e revisão bibliográfica, investigação em campo, análise e sistematização dos primeiros dados coletados, elaboração de mapas referentes à organização e distribuição espacial dos grupos de capoeira em Maceió, e a seleção dos entrevistados.

A pesquisa e a revisão bibliográfica tiveram o objetivo de construir um referencial teórico capaz de discutir, com propriedade, os conceitos utilizados na pesquisa, estabelecendo

uma relação com os dados coletados em campo. Para compor a pesquisa bibliográfica, foi realizado o levantamento dos estudos sobre a temática investigada no âmbito da Geografia em teses e dissertações disponibilizadas via internet pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A investigação por trabalhos produzidos anteriormente é indispensável para contextualizar e compreender de forma mais ampla a complexa conjuntura que abarca um objeto de pesquisa. O banco de dados da BDTD foi selecionado por agrupar, em um só portal de buscas, as teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa dos programas de pós-graduação.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas exploratórias a órgãos públicos como a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/AL e a entidades como Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (FECEAL), para a geração e coleta de dados que auxiliassem a identificação e localização dos grupos de capoeira em Maceió e seu mapeamento. A pesquisa de campo teve como objetivo identificar, localizar e analisar os espaços públicos apropriados pelos grupos de capoeira na capital alagoana.

A partir das informações coletadas através da pesquisa de campo, foi possível realizar uma primeira análise e sistematização de dados, indispensáveis à elaboração de mapas que possibilitem identificar os espaços que estão sendo apropriados pelos grupos de capoeira na capital do estado de Alagoas. Com base nas primeiras informações coletadas, referentes à localização e identificação dos grupos de capoeira e seus praticantes na cidade de Maceió/AL, foi possível estabelecer uma rede de contato imprescindível à investigação.

No que tange à seleção dos entrevistados, cabe ressaltar que em função do tempo previsto para conclusão da pesquisa e pela quantidade de grupos existentes, não foi possível ampliar a lista de entrevistados. Optou-se por dialogar com dez referências da capoeira maceioense, e que possuem grande representatividade. Dentre tantos nomes importantes, a escolha dos mestres de capoeira enquanto critério de seleção, independente de suas visões de mundo, ocorre tendo em vista a sua função de guardiões da memória, dos costumes, da tradição e dos saberes ancestrais.

Salienta-se que foram realizadas visitas prévias aos entrevistados para apresentação do trabalho em curso, suas intencionalidades e possíveis desdobramentos. As dez referências da capoeira maceioense foram selecionadas tendo em vista a notoriedade de suas trajetórias. No

entanto, devido à indisponibilidade de agenda e horário, apenas quatro mestres de capoeira participaram das entrevistas, fornecendo importantes e valiosas contribuições.

A segunda etapa da pesquisa, referente à coleta de dados e sistematização, foi destinada à elaboração do roteiro de entrevistas, construção do roteiro de observação, entrevistas aos selecionados, organização, transcrição e análise dos dados levantados. Em relação à segunda etapa de desenvolvimento desta pesquisa, cumpre destacar que, em função do cenário pandêmico ocasionado pela disseminação do novo coronavírus (COVID-19) e das elevadas taxas de mortalidade, as investigações em campo e as atividades desenvolvidas pelos grupos de capoeira foram suspensas no ano de 2021, conforme orientações das autoridades sanitárias quanto ao isolamento social, retornando somente em 2022, o que ocasionou determinado atraso na execução das atividades propostas nesta etapa.

Nos roteiros de entrevistas, as questões abordaram de forma simples e de fácil compreensão a trajetória dos mestres na prática da capoeira e a forma como se configurava e se configura atualmente essa manifestação cultural na cidade de Maceió a partir dos anos 1980. Compete enfatizar que os roteiros foram construídos com base em questões nas quais os entrevistados pudessem se expressar de forma livre, sem qualquer juízo de valor.

Levando em consideração a abordagem qualitativa adotada na investigação em curso, as entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para geração e coleta de dados durante a pesquisa de campo. Desta forma, os roteiros de entrevista também foram elaborados com o intuito de registrar e analisar a perspectiva dos sujeitos envolvidos no fenômeno aqui estudado, isto é, a relação da capoeira com a produção do espaço geográfico e a prática da cidadania. Optou-se pelas entrevistas semiestruturadas, tendo em vista o preparo de um roteiro e a possibilidade de também conduzir as perguntas de acordo com as colocações dos entrevistados e suas particularidades, mas sem fugir da temática proposta.

Outros procedimentos metodológicos que auxiliaram a coleta de dados durante a pesquisa de campo foram a observação simples, os registros fotográficos e em notas de campo ao percorrer diversas rodas de capoeira pela cidade de Maceió, cursos de formação com os diferentes mestres de capoeira e eventos comemorativos de alguns grupos.

Após a coleta dos dados empíricos e a revisão da literatura, foi realizada a terceira etapa da pesquisa, referente às análises e reflexões através da sistematização das informações geradas por meio das observações, transcrições das entrevistas e registros fotográficos. Em

outras palavras, essa etapa é o período de análise e interpretação dos dados obtidos. Ao término deste processo, as informações coletadas foram confrontadas com a literatura científica a respeito da temática discutida, a fim de identificar os pontos de divergência e/ou convergência entre os dados. A inter-relação das informações coletadas por meio da pesquisa bibliográfica e do trabalho de campo subsidiou a caracterização da área estudada, a elaboração de gráficos, mapas e tabelas que auxiliaram a compreensão da temática abordada.

# A Capoeira

---




---

*Uma vez perguntaram a Seu Pastinha  
 O que é a capoeira?  
 E ele, mestre velho e respeitado  
 Ficou um tempo calado  
 Revirando a sua alma  
 Depois respondeu com calma  
 Em forma de ladainha  
 A capoeira é um jogo, é um brinquedo  
 É se respeitar o medo  
 E dosar bem a coragem  
 É uma luta, é manha de mandingueiro  
 É o vento no veleiro  
 É um lamento na senzala  
 É um corpo arrepiado  
 Um berimbau bem tocado  
 O sorriso de um menininho*

*(Toni Vargas)*

## **4 CAPOEIRA E SUA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA**

O capítulo a seguir apresenta algumas reflexões sobre a gênese da capoeira, traçando um panorama geral de sua trajetória histórica no Brasil, a partir da necessidade de melhor compreender e analisar a trajetória da capoeira praticada e vivenciada na cidade de Maceió, mas sem a pretensão de esgotar outras possíveis análises.

### **4.1 Reflexões sobre a história da capoeira**

Na história da origem e trajetória da capoeira no Brasil, há controvérsias e variadas hipóteses quanto à sua formação. Nesse sentido, existem duas fortes correntes, conforme aponta Campos (1990). Uma, afirma que a capoeira teria vindo para o Brasil trazida pelos africanos que aqui foram escravizados; e a outra, considera a capoeira como uma invenção dos negros de origem africana no Brasil.

Para esse entendimento, é fundamental destacar a diáspora africana, isto é, o processo de migração e redefinição identitária forçada à qual os povos africanos foram submetidos no regime escravista no período colonial. Esse processo envolve desde a captura até a inserção violenta dos negros da África em um novo contexto. Desembarcados no território do Brasil, os africanos cativos eram utilizados em todos os tipos de trabalho braçal – sobretudo nas lavouras e nos engenhos de açúcar – e a eles eram impostas condições cruéis e desumanas de vida pelo colonizador europeu.

No que se refere ao período de escravidão negra no território brasileiro, Rego (1968, p. 12), em *Capoeira Angola*, aponta que “[...] o documento mais antigo, legalizando a importação de escravos para o Brasil, inclusive indicando o local de procedência é o alvará de D. João III, de 29 de março de 1559, permitindo sejam importados escravos de São Tomé [...]”. Em função do desenvolvimento relativamente reduzido das atividades econômicas no início da colonização e utilização da mão de obra indígena também escravizada, o número de negros escravizados foi o menor, se comparado aos anos seguintes.

Com a expansão mercantilista portuguesa, o tráfico negreiro para o Brasil Colônia foi intensificado, passando a ser realizado para suprir as demandas de mão de obra e em substituição ao trabalho indígena. O trabalho negro substituiu o trabalho escravo indígena por

diversas razões, como por exemplo, declínio da população nativa, mão de obra negra mais qualificada e os altos lucros provenientes do tráfico de negros africanos. Além de ser utilizada nos engenhos de açúcar, a mão de obra negra também era utilizada em quase todos os setores econômicos no Brasil, tais como: agricultura de abastecimento interno, criação de gado, pequenas manufaturas, trabalho doméstico e em toda ordem de ocupação urbana (IBGE, 2000). Nas cidades, eram os negros escravizados os responsáveis por uma considerável parcela da distribuição dos alimentos de abasteciam pequenos e centros urbanos.

De acordo com os dados do IBGE (2000), no continente americano, o Brasil foi o país que mais importou negros africanos para serem escravizados. Estima-se que entre os séculos XVI e meados do século XIX, mais de quatro milhões de homens, mulheres e crianças de origem africana foram escravizados no território brasileiro, o equivalente a mais de um terço de todo o comércio negreiro.

Entre os historiadores, conforme Waldeloir Rego aponta, há uma tendência e até mesmo um ponto de vista quase uniforme no que concerne à hipótese de terem vindo de Angola os primeiros escravos, bem como ser de lá a maior parte de negros utilizados em toda a América portuguesa. “Angola era o centro mais importante da época e atrás dela, querendo tirar-lhe a hegemonia, estava Benguela. Angola foi para o Brasil, o que o oxigênio é para os seres vivos” (REGO, 1968, p. 15). O comércio do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo passou a ser suprido pelos negros africanos que vinham da costa leste africana, especialmente Moçambique no século XVIII. Enquanto que para o comércio da Bahia, os negros eram oriundos da região do Golfo de Benin (sudoeste da atual Nigéria), a partir do século XVII e até o fim do tráfico (IBGE, 2000).

Os negros não se acomodaram com a escravidão. A história do povo negro no Brasil é marcada por diversas formas de resistências e luta pela manutenção de sua identidade pessoal e histórica. Havia as revoltas visando a abolição geral, como nos quilombos, ou para punir os feitores e senhores. Destaca-se ainda as pequenas resistências cotidianas, como o fingimento de doenças, a quebra constante de ferramentas, o trabalho mal feito, assim como as estratégias de negociação com o objetivo de extrair pequenas vantagens de seus senhores, dentre tantas outras (IBGE, 2000).

Para escapar dos constantes abusos e do regime de torturas brutais, os negros escravizados passaram a realizar fugas de forma grupal ou individual, as quais levaram à



formação dos primeiros quilombos – também conhecidos como mocambos – e foram as mais significativas formas de resistência coletiva e organizada à escravidão. Rapidamente os quilombos se espalharam por todo território brasileiro. O Quilombo dos Palmares (1597-1694), localizado na região que compreende o atual estado de Alagoas, foi o maior quilombo da América Latina, com aproximadamente 20 mil habitantes e, além dos negros fugitivos, abrigava, ainda que em pequeno número, muitos mulatos, mamelucos, indígenas e brancos deserdados da sociedade colonial.

Palmares, ou Angola Janga<sup>2</sup> para os rebeldes, liderados inicialmente por Ganga Zumba e posteriormente por Zumbi, realizou inúmeros assaltos aos engenhos e povoados coloniais através de guerrilhas que espalhavam temor e insegurança aos colonizadores. O Quilombo dos Palmares resistiu por aproximadamente cem anos às expedições repressivas portuguesas e holandesas, quando em 1694 foi destruído pela expedição do bandeirante Domingos Jorge Velho.

Os anos seguintes também são marcados por um cenário de intensos conflitos pelo fim da escravidão, sobretudo no século XIX. No Brasil, o comércio de africanos escravizados começou mais cedo e terminou mais tarde que em qualquer outro lugar. A dinâmica do tráfico negreiro possibilitou a constituição da miscigenação no Brasil entre os povos nativos, africanos e europeus. O recenseamento demográfico realizado no Brasil em 1872 apresenta algumas informações.

O Censo, feito em 1872, foi realizado com sucesso como parte das políticas inovadoras de D. Pedro II. O resultado foi o registro de 10 milhões de habitantes, onde a população escrava correspondia a 15,24% desse total. Os 10 milhões de pessoas estavam distribuídos em 21 províncias, sendo cada uma subdividida em municípios que, por sua vez, eram divididos em paróquias. Ao todo, eram 1.440 paróquias, as unidades mínimas de informação, que serviram de base para o mapa disponibilizado. O recenseamento é considerado bastante completo por trazer o único registro oficial da população escrava nacional, os imigrantes separados por nacionalidade e fazer, ainda, um inventário inédito das etnias indígenas. De acordo com o levantamento, 58% dos residentes no país se declaravam pardos ou pretos, contra 38% que se diziam brancos. Os estrangeiros somavam 3,8%, entre portugueses, alemães, africanos livres e franceses. Os indígenas perfaziam 4% do total dos habitantes (SOUZA, 2013, on-line).

---

<sup>2</sup> Termo proveniente do quimbundu, que significa “pequena Angola”, e era usado para designar a região que englobava Palmares e diversos outros mocambos, como Macaco e Subupira, localizados nas cercanias da Serra da Barriga, Alagoas.

Cabe destacar que um dos objetivos do recenseamento era o desenvolvimento de estratégias para acabar com a escravidão e de políticas eugenistas<sup>3</sup> de branqueamento da população brasileira (SOUZA, 2013).

[...] o início da política de “embranquecimento” do povo, com a chegada dos primeiros grupos de imigrantes europeus. ‘A solução para o que era visto como um problema (a população negra e indígena) era o projeto de embranquecimento’, afirma José Luis Petruccelli, pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ‘Em 350 anos de tráfico negreiro, entraram no país cerca de 4 milhões de africanos. Entre 1870 e 1930 vieram morar aqui praticamente 4 milhões de imigrantes europeus’, compara. (SOUZA, 2013, on-line).

Ainda acrescenta,

Quando o Censo foi feito, acabava de entrar em vigor no Brasil a Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871) que tornava livres as crianças nascidas de mulheres escravas. Consequência de pressões nacional e internacional, ela foi sancionada em um momento em que o Brasil ainda registrava um significativo número de escravizados. Os motivos que levaram o Governo Imperial a se empenhar em registrar os dados censitários da população da época são, até hoje, motivo de debate entre especialistas. Em 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários, tornando libertos os escravos com mais de 60 anos. A Abolição da Escravatura ocorreu somente em 1888. O Brasil foi o último país a decretar a abolição. (SOUZA, 2013, on-line).

Para além do contexto mais geral, outro fato que chama atenção no que se refere à história do povo negro no Brasil, é a queima, após a sanção da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, de toda a documentação relacionada à escravidão (REGO, 1968), ordenada por Ruy Barbosa quando Ministro da Fazenda no Governo de Deodoro da Fonseca. Os documentos se referem aos livros de matrícula e controle de natureza fiscal que pudessem ser utilizados em processos indenizatórios. Não cabe aqui realizar uma discussão em torno dos reais motivos que levaram à queima dos arquivos relativos à escravidão que estavam nas repartições públicas, mas cabe destacar que uma das consequências desse episódio foi o apagamento de grande parte da memória negra no Brasil.

Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tanto anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera

---

<sup>3</sup> Cf. SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

moral; considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira; resolve: 1.º – Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria. 2.º – Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão. Capital Federal, 15 de dezembro de 1890. – Ruy Barbosa (REGO, 1968, p. 9-10).

Apesar do apagamento das identidades, da cultura e da história ancestral do povo negro durante séculos de escravidão, a capoeira resistiu e ainda persiste. É herdeira da diáspora africana no Brasil. No entanto, não há consenso entre pesquisadores e praticantes quanto à sua gênese. As origens da capoeira remetem a três mitos oriundos da tradição oral: mito das origens remotas, mito da unidade da capoeira e o mito da origem indígena (DOSSIÊ/IPHAN, 2014).

Em relação às hipóteses no campo de origem da capoeira, é importante destacar que elas estão associadas a:

[...] concepções vigentes no interior da comunidade dos praticantes da capoeira, veiculadas por diversos meios (tradição oral, cânticos, apostilas e publicações de pequena circulação), e que têm cumprido a função de manter integrada a comunidade em torno de seus valores considerados fundamentais (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p. 1).

O mito das origens remotas é um dos mais difundidos na capoeira e pode ser sintetizado através do fragmento do texto retirado do *jornal da capoeira nº 1 de 1996*.

Numa noite escura qualquer do século XVI, o primeiro negro escapou da senzala, fugiu do engenho, livrou-se da servidão, ganhou a liberdade... Escapou o segundo e o terceiro, na tentativa de segui-lo, fracassou. Recapturado, recebeu o castigo dos escravos. [...] As perseguições não tardaram e o sertão se encheu de capitães-domato em busca dos escravos foragidos. Sem armas e sem munições, os negros voltaram a ser guerreiros utilizando aquele esporte nascido nas noites sujas da senzala, e o esporte que era disfarçado em dança se transformou em luta, a luta dos homens da capoeira (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p. 1).

O mito das origens remotas defende que a capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta pelos africanos escravizados vindos de Angola. Essa hipótese é sustentada,

sobretudo, pelos praticantes da Capoeira Angola<sup>4</sup>. No entanto, apesar de estudos recentes terem comprovado a existência de danças similares à capoeira em regiões da África, devido à escassez de documentos e evidências históricas, esta hipótese é vista com bastante cautela e até mesmo contestada entre muitos pesquisadores. Através desta hipótese, existe ainda o discurso de que a capoeira teria surgido nos espaços rurais do século XVI no Brasil Colônia, como as senzalas e os quilombos em resistência à escravidão, o que coloca o Quilombo dos Palmares em um lugar de destaque enquanto berço da capoeira. Porém, as fontes históricas que possam comprovar esta tese também são inexistentes (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998).

O mito da unidade da capoeira é compartilhado por muitos grupos e escolas de capoeiragem das diferentes tendências, defendendo a capoeira como “manifestação de contornos nítidos, cuja essência teria mudado pouco ou nada com o passar dos séculos” (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p. 3). Ainda de acordo com Vieira e Assunção (1998), esta hipótese defende que a capoeira surgiu no século XVII nos quilombos do interior do Brasil. Contudo, Vieira e Assunção (1998) indicam três problemáticas em relação a esse discurso sobre a história da capoeira: não consegue explicar as discontinuidades entre os vários fragmentos desta história, como também não permite focar as variações da capoeira – ou fundamentais diferenças – e impossibilita uma visão histórica como um processo complexo e dinâmico.

Por último, o mito da origem indígena é talvez o menos difundido, mas, ainda assim, persiste no discurso em relação à criação da capoeira. Essa hipótese defende que a capoeira surgiu nas aldeias indígenas do Brasil, daí a origem do vocábulo que nomeia a prática (DOSSIÊ/IPHAN, 2014). Entretanto, não há bases históricas que comprovem a tese.

As raízes etimológicas do termo capoeira também são controversas e têm gerado discussões. Ainda de acordo com Rego (1968), o vocábulo capoeira vem sendo utilizado durante muitos anos por diversos estudiosos e foi registrado pela primeira vez em 1712 por Rafael Bluteau, e em seguida por Moraes, em 1813.

Posteriormente, conforme Waldeloir Rego enfatiza (1968), José de Alencar, na primeira edição de *Iracema* em 1865 realiza a primeira proposição para o vocábulo capoeira o tupi *Caa-apuam-era*, traduzido por “ilha de mato já cortado” (REGO, 1968, p. 17).

---

<sup>4</sup> Vertente da capoeira que possui concepções ideológicas e prática em relação à capoeira, tais como: busca da ancestralidade africana e tradição da capoeira, teatralidade e ludicidade do jogo da capoeira entre outras.

Outras proposições também foram feitas, como a de Henrique de Beaurepaire Rohan em 1879, do tupi *Co-puera*, a qual significa roça velha. Por outro lado, Macedo Soares (1880) define a etimologia do vocábulo brasileiro capoeira do tupi-guarani *Caá-puêra*, como “mato que foi, atualmente mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou” (REGO, 1968, p. 18). Ou seja, lugar em que os escravos praticavam essa luta-dança-jogo. Há ainda a forma *Caapoêra*, definida por J. Barbosa Rodrigues (1887), registrada no livro “Poranduba Amazonense”; já para o Visconde de Porto de Seguro, o termo correto é *Capoêra*.

Em relação ao termo capoeira, “atualmente, são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer o que foi, o que não existe mais” (REGO, 1968, p. 21), étimo proposto por Macedo Soares em 1880. Ainda existem outros argumentos para a origem do termo capoeira, como o de Brasil Gerson, exposto por Rego:

Tendo como base capão, do qual Adolfo Coelho tirou o étimo de capoeira para o português, Beaurepaire Rohan faz o mesmo para o vocábulo capoeira na acepção brasileira, apresentando em defesa de sua opinião a seguinte explicação: – ‘Como o exercício da capoeira, entre dois indivíduos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a briga de galos, não duvido que este vocábulo tenha sua origem em Capão, do mesmo modo que damos em português o nome da capoeira a qualquer espécie de cesto em que se metem galinhas’. Brasil Gerson, o historiador das ruas do Rio de Janeiro, fazendo a história da rua da Praia de D. Manoel [...], informa que lá ficava o nosso grande mercado de aves e que nele nasceu o jogo da capoeira, em virtude das brincadeiras dos escravos que povoavam toda a rua, transportando nas cabeças as suas capoeiras cheias de galinhas’ (REGO, 1968, p. 24).

Conforme se pode observar, aquilo que etimologicamente indicava “mato”, passou a indicar “pessoas”; e “capoeiragem”, as atividades que essas pessoas desenvolviam. Analisando a história da capoeira, é possível identificar determinada dificuldade em estabelecer suas origens, não apenas no aspecto etimológico, mas também nos aspectos geográficos e culturais (DOSSIÊ/IPHAN, 2014). Portanto, a tese de surgimento da capoeira utilizada neste trabalho é aquela que se estreita com as pesquisas científicas e relata que ela se originou no Brasil no período colonial escravista a partir da matriz africana e em um contexto urbano, sobretudo nos centros portuários a partir do século XVIII.

Não existiu uma matriz, ou centro irradiador único que pudesse ser considerado como o local de surgimento da capoeira. Ela brotou espontaneamente e com formas diferenciadas em diferentes locais pelo país, materializando, porém, uma memória e um saber coletivos que caracterizavam a ancestralidade de milhões de homens e mulheres que, vindos de África, traziam e cultivavam um pedaço dela no Brasil (ABIB, 2004, p. 96).

Uma parcela considerável de pesquisadores indica haver uma “espécie de arquétipo existente no inconsciente africano que veio se aflorar e se materializar aqui no Brasil” (SODRÉ, 2002, p. 39). Rego aponta que “[...] tudo leva a crer [que a capoeira] seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros [...]” (REGO, 1968, p. 31) em um contexto urbano em formação, sobretudo nas cidades portuárias como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

A capoeira surge então nesse contexto, enquanto prática urbana de resistência e manifestação intimamente ligada às culturas locais. Mistura realizada em solo brasileiro de diversas lutas, danças, rituais e instrumentos musicais vindos de várias partes da África (CAPOEIRA, 1998), é elemento agregador das etnias africanas em interação, mas é também instrumento de luta oportuna contra a situação de extrema violência à qual estavam os negros escravizados submetidos (ABIB, 2004). Em idêntica posição, Reis (1997) afirma que “a capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão” (REIS, 1997, p. 19).

Assim, entende-se que a capoeira é uma manifestação cultural brasileira, criada pelos africanos e desenvolvida pelos seus descendentes afro-brasileiros em momentos e contextos similares nos diversos locais do território brasileiro, como nas cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Nesse sentido, é importante destacar que a capoeira possuía características diferenciadas, gerando modalidades e expressões distintas em cada uma dessas cidades, e, posteriormente, em outros locais.

Destaca-se ainda que, de acordo com o registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio da cultural, “um reforçado imaginário produzido por livros, filmes telenovelas relacionou a capoeira à escravidão rural, [...]. A capoeiragem, porém, fincou raízes nas áreas urbanas” (DOSSIÊ/IPHAN, 2014, p. 13). O caráter urbano de surgimento da capoeira também pode ser observado através dos primeiros registros iconográficos.

A primeira evidência iconográfica sobre a prática da capoeira é registrada pelo inglês Augustus Earle, datada entre 1821 e 1823 no Rio de Janeiro. Trata-se de uma aquarela sobre o papel intitulada *Negroes fighting. Brasils* ou *Negros Lutando* (Figura 4).

Na aquarela é possível identificar não apenas o caráter urbano da capoeira, mas também o momento de repressão e perseguição vivenciado neste período aos seus praticantes, através da representação do soldado na tela. É nítida ainda a ausência de palmas ou de algum instrumento musical. Ao centro, os dois homens se enfrentam, junto à expressão de luta. Um outro homem, este sentado ao chão, com um gesto aparentemente ambíguo e uma expressão de espanto.

**Figura 4 - Negroes fighting. Brasils ou Negros lutando - Augusto Earle (1821 – 1823)**



Fonte: DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 27).

Outros registros iconográficos da prática da capoeira foram realizados por Johann Moritz Rugendas (1802-1858), em *Danse de la Guerre* (1835) na Figura 5, e *San Salvador* (1835), Figura 6. Os registros iconográficos, apesar de estarem sempre associados, situam-se em partes diferentes da obra, mas auxiliam no entendimento da capoeira como uma manifestação urbana. A Figura 5, *Danse de la Guerre* (1835) ou *Jogar Capoeira* retrata um

cenário urbano, com dois negros se enfrentando ao som de um tambor e, explicitamente, se refere à capoeira.

**Figura 5 - Danse de la Guerre. Johann Moritz Rugendas (1802-1858)**



Fonte: DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 23).

**Figura 6 - San Salvador. Johann Moritz Rugendas (1802-1858)**



Fonte: DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 23).



Em relação à Figura 6 *San Salvador*, Rugendas não a comenta em nenhum lugar, tampouco afirma se tratar de capoeira. Porém, é possível observar na ilustração determinados elementos que remetem à capoeiragem. Na figura, há um pequeno grupo de negros, alguns estão se movimentando e outros, apenas olhando. No pequeno grupo, dois homens se enfrentam diretamente e seus passos lembram a ginga. Um terceiro homem se esquivava e observa os outros dois em um movimento que existe atualmente na capoeira. O quarto parece dançar na ponta dos pés (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998).

Um dos registros mais antigos referentes à capoeira é datado de 1789, relativo à libertação de um negro escravizado chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro por praticar a capoeiragem (REGO, 1968). O documento foi encontrado nas ocorrências policiais do Brasil Colonial pelo jornalista Nireu Cavalcanti, especialista em história. O episódio demonstra que a repressão ocorria antes mesmo da criminalização da capoeira.

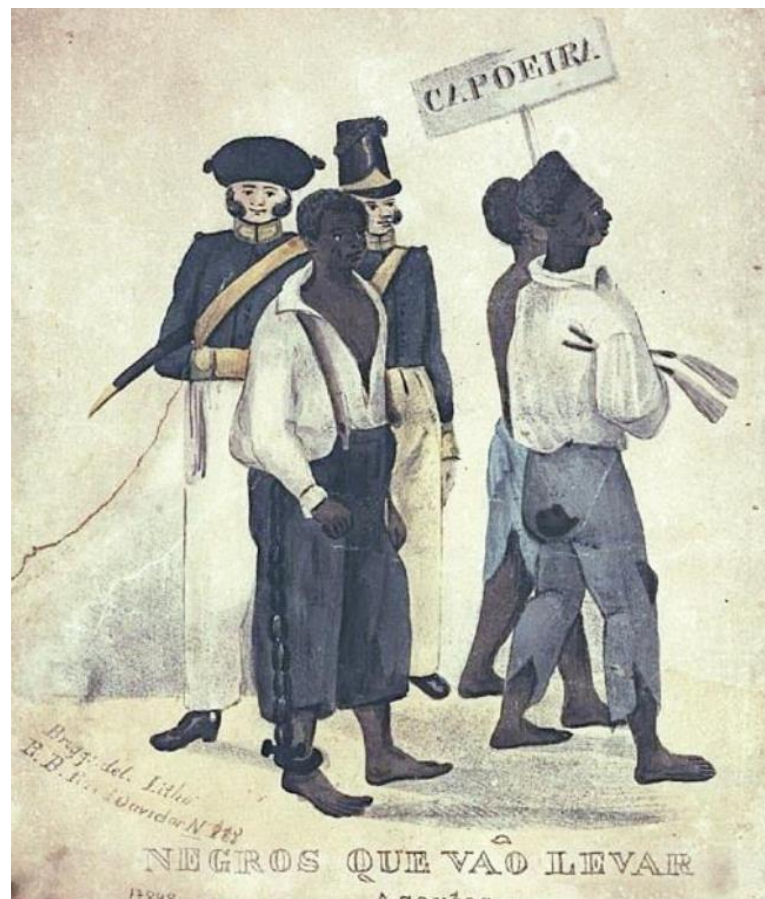
Diferente de outras práticas negras, “a capoeira era uma prática cultural que municiava os escravos e iguais de fortes instrumentos para lutar diretamente com o agente da opressão” (SOARES, 2001, p. 547). Em razão do temor de um possível levante organizado pelos negros escravizados e o consequente risco ao sistema escravocrata estabelecido, a prática da capoeira foi largamente coibida.

Cabe destacar que nesse período, não apenas a capoeira, mas toda prática ou manifestação de origem negra era vista como símbolo de atraso e um obstáculo para o progresso. De acordo com Rego (1968), a capoeira desde o seu aparecimento foi apontada como marginal, e todo aquele que pudesse ser considerado capoeira, ou praticante da capoeiragem, era visto como delinquente, vadio, subversivo e sem profissão definida, devendo ser vigiado e punido pelas leis penais.

Na capoeira registrada no Rio de Janeiro em meados do século XIX, diferentemente do que se conhece hoje, não havia a presença de instrumentos e nem da roda. De acordo com Soares (2001, p. 35) “a capoeira foi um fenômeno que marcou fortemente a vida social da cidade”, atrelada à malandragem, era praticada por negros cativos ou libertos, e inclusive por membros da elite carioca que, organizados em pequenos grupos, realizavam inesperadas manifestações em espaços urbanos, as quais se dispersavam rapidamente com a chegada dos agentes de polícia. A capoeira no Rio de Janeiro foi duramente perseguida.

De problema marginal aos centros dos debates sobre segurança pública, em pouco tempo a capoeira passou a ser tratada como um problema social. Reis (1997) assinala a expedição de diversas portarias entre os anos de 1820 e 1834, cujo objetivo era coibir a capoeira e sua prática. Nesse período, a maior parte dos praticantes de capoeira era composta por negros escravizados. Por essa razão, foram expedidas três portarias destinadas exclusivamente às punições por açoites e diversas outras formas de castigos corporais ou trabalho forçado para o Estado, destinadas a todo capoeira cativo preso em flagrante delito praticando capoeiragem (Figura 7). Uma dessas portarias, nº 450 de 1824, previa ainda a prisão do capoeira<sup>5</sup> mesmo sem estar praticando.

**Figura 7 - Negros que vão levar açoite**



Fonte: DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 43).

---

<sup>5</sup> Praticante da capoeira.

Em 1830, quando é instituído o Código Criminal do Império do Brasil, este não continha penas específicas para a capoeira, sendo ela enquadrada como prática de vadiagem, e, portanto, coibida a partir do capítulo IV, que versa sobre os vadios e mendigos:

Art. 295. Não tomar qualquer pessoa uma ocupação honesta, e util, de que passa subsistir, depois de advertido pelo Juiz de Paz, não tendo renda suficiente. Pena - de prisão com trabalho por oito a vinte e quatro dias.

Art. 296. Andar mendigando: 1º Nos lugares, em que existem estabelecimentos publicos para os mendigos, ou havendo pessoa, que se offereça a sustental-os. 2º Quando os que mendigarem estiverem em termos de trabalhar, ainda que nos lugares não hajam os ditos estabelecimentos. 3º Quando fingirem chagas, ou outras enfermidades. 4º Quando mesmo invalidos mendigarem em reunião de quatro, ou mais, não sendo pai, e filhos, e não se incluindo tambem no numero dos quatro as mulheres, que acompanharem seus maridos, e os moços, que guiarem os cegos.

Penas - de prisão simples, ou com trabalho, segundo o estado das forças do mendigo, por oito dias a um mez (BRASIL, Lei de 16 de dezembro de 1830, Art. 295 e 296).

Já nos primeiros documentos da época<sup>6</sup>, é possível verificar que a maioria dos registros está relacionada a ocorrências ou processos criminais em que a capoeira é considerada violenta e organizada em bandos ou grupos. Posteriormente, esses grupos passaram a se organizar nas chamadas maltas de capoeira, com dezenas e até mesmo centenas de integrantes. Esta foi uma das principais características da capoeiragem carioca. Esses grupos utilizavam a capoeira para promover a violência com as diversas finalidades, desde a disputa territorial até interesses políticos.

As maltas de capoeira disputavam a geografia da cidade carioca, sendo Guaiamuns e Nagõas (Figura 8) os maiores grupos, os quais protagonizaram uma disputa por território de influência e domínio, formando identidades comunitárias próprias. Mas, conforme aponta Soares (2001, p. 178), as maltas não significavam apenas um grupo de indivíduos que praticavam capoeira, mas, “[...] a malta podia servir também como espaço de reforço de solidariedades raciais e de origem [...]”.

Nesse sentido, Abib destaca que

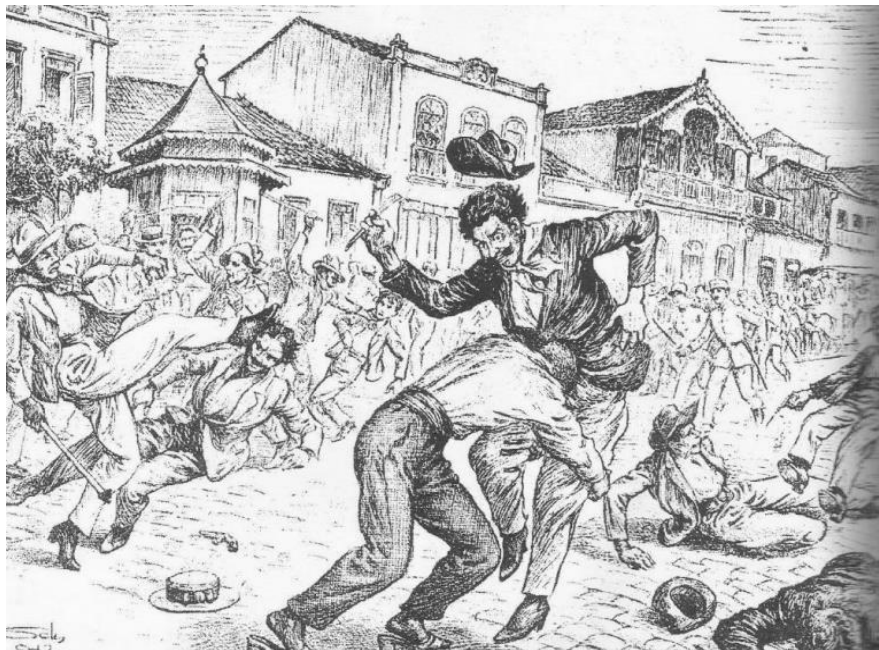
As maltas de capoeira vão significar toda uma refinada organização social que reunia escravos cativos, libertos ou forros em solidariedade com toda uma parcela marginalizada da população de brancos e mulatos, constituída desde trabalhadores pobres, até desocupados, arruaceiros, bêbados, delinquentes, vigaristas, biscateiros,

---

<sup>6</sup> Cf. Dissertação de mestrado “Nas vortas que o mundo deu, nas vortas que o mundo dá” defendida na Faculdade de Educação por Sante Scaldaferrri em 2009, sob orientação de Pedro Abib.

punguistas, desordeiros, valentões, contando com uma parcela importante de portugueses, franceses, espanhóis e ingleses entre outros imigrantes, não menos marginalizados, que portando paus, porretes, facas e navalhas, promoviam “correrias” pelas ruas da Corte, em espetáculos bizarros de pancadaria e demonstração de destreza e valentia; seja em ocasiões de grandes concentrações populares como festas, desfiles cívicos, comícios políticos etc, seja inesperadamente, à luz do dia ou à noite, para desespero da população e perplexidade da polícia, que atônita, muitas vezes não tinha muito a fazer nessas ocasiões (ABIB, 2004, p. 99).

**Figura 8 - Conflito entre maltas Guaiamuns e Nagõas na cidade do Rio de Janeiro**



**Fonte:** DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 46).

Nas maltas Nagõas e Guaiamuns, existia um código de honra e conduta, cujas regras colaboravam para a formação de identidades próprias. De acordo com Moura (2009), predominavam entre as maltas as seguintes regras:

1 – não usar nunca arma de fogo, só se permitindo a navalha e o cacete; 2 – não trabalhar na segunda-feira, sacrificando qualquer negócio pelo respeito a esse princípio; 3 – vestir-se de maneira característica: calça larga, paletó sempre aberto, botina de bico bem fino, lenço no pescoço; 4 – portar-se a caráter, isto é, andar gingando, apoiar-se numa perna flexionando a outra, palito de canto na boca, não falar de perto com ninguém (a não ser com mulher bonita) e 5 – usar chapéu como arma de defesa, dobrando-o, e mantendo-o na mão esquerda (MOURA, 2009. p. 17).

Por entender que a capoeira lesava a ordem pública, as autoridades policiais reprimiam essa manifestação em todos os espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com os estudos de Abib (2004), a repressão era articulada de diferentes formas e exercida com brutalidade, truculência e sucessivas prisões. Em 1878, a capoeira passa a ser classificada como doença moral no Rio de Janeiro (REIS, 1997). Os agentes responsáveis pela manutenção da ordem da cidade abusavam de agressões e da violência contra qualquer atividade realizada nas ruas por algum negro ou grupo de negros que pudesse remeter à prática da capoeiragem.

No entanto, cumpre destacar as ações que contribuíram para o desenvolvimento da capoeira na sociedade imperial, antes da Proclamação da República em 1889, garantindo-lhe, inclusive, determinado prestígio social, como: a participação na Guerra do Paraguai (1864 – 1870); forte atuação durante as eleições através do então Partido Capoeira, assim denominado pela imprensa da época em 1880; e a criação da milícia conhecida como Guarda Negra, que era a favor da Monarquia e lutava contra os republicanos (DOSSIÊ/IPHAN, 2014).

Paralelamente, o empenho empreendido pelas autoridades policiais em reprimir a capoeira era tão somente eliminá-la, meta estabelecida primeiro pelo Estado Colonial e depois Imperial, para o bem dos cidadãos e da segurança do Estado. Embora a capoeira tenha sido combatida com extrema violência, a meta do Estado em extingui-la, porém, foi totalmente malsucedida.

De acordo com Soares, “raras vezes – ou mesmo nunca – uma prática cultural, que seria depois introduzida no universo do folclore, chamou tanto a atenção dos donos do poder no regime escravista e causou tanta preocupação aos tradicionais dirigentes do Estado no Brasil” (SOARES, 2001, p.547), pois “a capoeira era uma prática cultural que municiaava escravos e marginalizados, de armas poderosas na luta direta contra o agente da opressão, fosse um senhor brutal, fosse um soldado truculento” (ABIB, 2004, p. 101-102).

Diversas leis e decisões foram instituídas ao longo da história, sobretudo no século XIX, no sentido de reprimir e marginalizar a capoeira e, conforme se pode observar, para combater aqueles que atuavam nos espaços públicos das cidades, sendo assim, as leis impossibilitavam a prática de qualquer manifestação popular que pudesse comprometer a ordem pública.

Em 1890, após a abolição da escravidão (1888), a prática da capoeira passou a ser oficialmente criminalizada através do Código Penal brasileiro, início da República. Assim, o Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890, no capítulo XIII, refere-se especificamente aos vadios e capoeiras, enfatizando a proibição da prática da capoeiragem nas ruas e praças públicas, que assim dizia:

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor de algum mal; Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro [...].

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes (BRASIL, 847/1890, Art. 402 e 404).

O artigo que tipificou criminalmente a prática da capoeira evidencia a sua forte presença nas ruas e espaços públicos das cidades. Assim, o século XIX é marcado, sobretudo nas cidades do Rio de Janeiro e Recife, por combates e conflitos entre os praticantes de capoeira e a polícia, cujo objetivo era coibir tais manifestações nos espaços públicos das cidades (DOSSIÊ/IPHAN, 2014). Desta forma, a capoeira considerada primitiva e desencadeadora de convulsões sociais pelas autoridades estatais vigentes foi praticamente banida no Rio de Janeiro e em Recife.

Sobre esse período, é importante ressaltar que:

[...] transformada em uma verdadeira luta acrobática, aperfeiçoada e mesclada de tantos artifícios quantos fossem necessários para safar-se da perseguição dos poderosos, a capoeira e os capoeiristas conseguem, com artimanhas e habilidades, atravessar esse período tempestuoso (AREIAS, 1983, p. 52).

Como já dito ao longo deste trabalho, a capoeira surge em diversos locais do Brasil, assumindo diferentes características. Em Recife, apesar de sua significativa relevância histórica, os documentos e materiais sobre a capoeira na cidade são escassos.

A capoeira em Recife faz parte do panorama cultural da cidade e está relacionada aos chamados valentões e moleques de banda, que eram conhecidos pela bravura e violência em conflitos. De todos os valentões do Recife, destaca-se Nascimento Grande como o mais temido. De acordo com Capoeira (1998), mais tarde, os pulos e a ginga desses capoeiristas foram transformados em passos de frevo.

Assim como as maltas de capoeira do Rio de Janeiro, os valentes do Recife também tinham seus territórios definidos. No entanto, não eram organizados em grupos ou bandos. Eles circulavam pela cidade enquanto buscavam se inserir na sociedade da época. A maior fonte de renda dos valentes do Recife era a capangagem eleitoral e o emprego de guarda-costas da elite local.

Diferente do Rio de Janeiro, a capoeira na Bahia não possuía as chamadas maltas, e a maior quantidade de registros e documentos históricos que podem auxiliar a compreensão e a contextualização da capoeira no estado datam de 1890 a 1930. Esses registros se referem às fontes jornalísticas e arquivos policiais, com forte coerção da capoeira.

O início do século XX é caracterizado não apenas pela repressão da prática da capoeira, mas também por uma tentativa de sua sistematização e ressignificação em esporte nacional por alguns intelectuais da época, como uma excelente *gymnástica*, cujo ensino deveria ser ministrado em colégios, quartéis e diversos outros ambientes de todo país (REIS, 1994). São exemplos desse processo o apócrifo denominado *O Guia do Capoeira ou Gymnástica Nacional* (1907) e, posteriormente, em 1928, a primeira Codificação Desportiva da Capoeira, sob o título de *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*, de Annibal Burlamaqui, também conhecido como Zuma. A publicação tratava de um método ginástico caracterizado como luta e relacionado à prática da capoeira, com nomenclaturas e ilustrações para os devidos golpes, regulamento para competições, entre outras informações.

Na década de 1930, visando a construção de uma identidade nacional e o apoio popular, quando Getúlio Vargas tomou o poder e instituiu o Estado Novo “permitiu a prática (vigiada) da capoeira: somente em recintos fechados e com alvará da polícia” (CAPOEIRA, 1998, p. 51), dando início ao processo de desmarginalização da capoeira. Cumpre ressaltar que essa desmarginalização se deu num mesmo movimento em que o estado brasileiro resolveu nacionalizá-la (DOSSIÊ/IPHAN, 2014). Entretanto, o reconhecimento do Estado não significou a imediata transformação da capoeira em símbolo nacional. Ao permitir a prática

vigiada da capoeira em locais fechados, Vargas visava ainda instituir a chamada retórica do corpo, a qual consistia no seguinte:

[...] ele imaginava que para se ter uma sociedade organizada, que funcionasse como uma máquina, era necessário que as pessoas (e os corpos dessas pessoas) fossem educadas para isto desde pequenas. Pensando assim, ele criou a obrigatoriedade do ensino da educação física nas escolas, e imaginou que a capoeira poderia ser um apoio popular. Mas não uma capoeira nos moldes tradicionais de malandragem/ritual/brincadeira/arte, e sim como esporte/luta ‘sério’, como método de ensino semelhante aos das escolas brancas, uma graduação semelhante à hierarquia de exército e uma mentalidade de acordo com os objetivos da ‘nova’ sociedade: competição, objetividade, técnica e burocracia. Estas características são justamente as que vão crescer e fazer sucesso durante toda a ‘era das academias’, deixando em segundo plano as características originais da capoeira – vadição, ritual, malandragem. (TAVARES, 1984, p. 36 *apud* CAPOEIRA, 1998, p. 51).

No contexto de construção de uma identidade nacional no governo de Getúlio Vargas (1934 - 1945), destaca-se, então, a criação da primeira academia especializada em capoeira, fundada em 1932, no Engenho Velho de Brotas, na cidade de Salvador e com autorização expedida a Manoel dos Reis Machado (1900-1974), conhecido como Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana. Posteriormente, em 1937, Mestre Bimba registra o Centro de Cultura Física Regional<sup>7</sup>, através do alvará de funcionamento 111, emitido pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência de Salvador. Nesse período, ensinava também em residências na chamada “Roça do Lobo”<sup>8</sup>.

A descriminalização da capoeira ocorreu em 1937, quando o novo Código Penal Brasileiro não se referia mais à capoeira enquanto prática criminosa, sendo reconhecida como esporte nacional. Sobre essa questão, Areias (1983, p. 65) comenta que, “não sendo mais perseguidos, os capoeiristas, sedentos de expressão, infestavam as ruas e praças das cidades com as suas rodas de capoeira. A capoeira era parte integrante e obrigatória de todas as festas populares”. Mais tarde, em 1954, na cidade de Salvador, Mestre Bimba apresentou a Luta Regional Baiana para Getúlio Vargas e para o governador do estado, Juracy Magalhães. Na ocasião, o presidente teria se referido à capoeira como o único esporte genuinamente nacional.

---

<sup>7</sup> Nome estrategicamente dado para que a palavra capoeira não fosse utilizada, visto que sua perseguição havia diminuído, mas ainda não extinta.

<sup>8</sup> A roça do lobo era um fundo de quintal, um terreiro. Esse local aparece nos primeiros movimentos de retirada da capoeira das ruas para levá-la até o que é hoje, em sua forma de organização de base: as academias, instituições socioculturais, enquadradas em uma demanda comercial (PIRES, 2002, p. 51 *apud* IPHAN, 2014, p. 73).



A Capoeira Regional, também conhecida por Luta Regional Baiana, foi criada por Mestre Bimba ainda no ano de 1928, com o objetivo de valorizar e lançar a capoeira ao patamar de arte desportiva disciplinada. Ao justificar a criação da Capoeira Regional, alguns autores apontam também para uma insatisfação de Mestre Bimba com a prática da capoeira da época, em razão da ênfase folclórica e comercial, se distanciando dos aspectos de luta. Essa nova modalidade criada por Mestre Bimba misturava os conhecimentos da capoeira tradicional ou primitiva aos movimentos da luta denominada batuque<sup>9</sup>, que era uma luta violenta cujo objetivo era derrubar o adversário no chão utilizando apenas as pernas.

**Figura 9 - Mestre Bimba (à esquerda) aplicando vingativa<sup>10</sup>**



**Fonte:** DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 71).

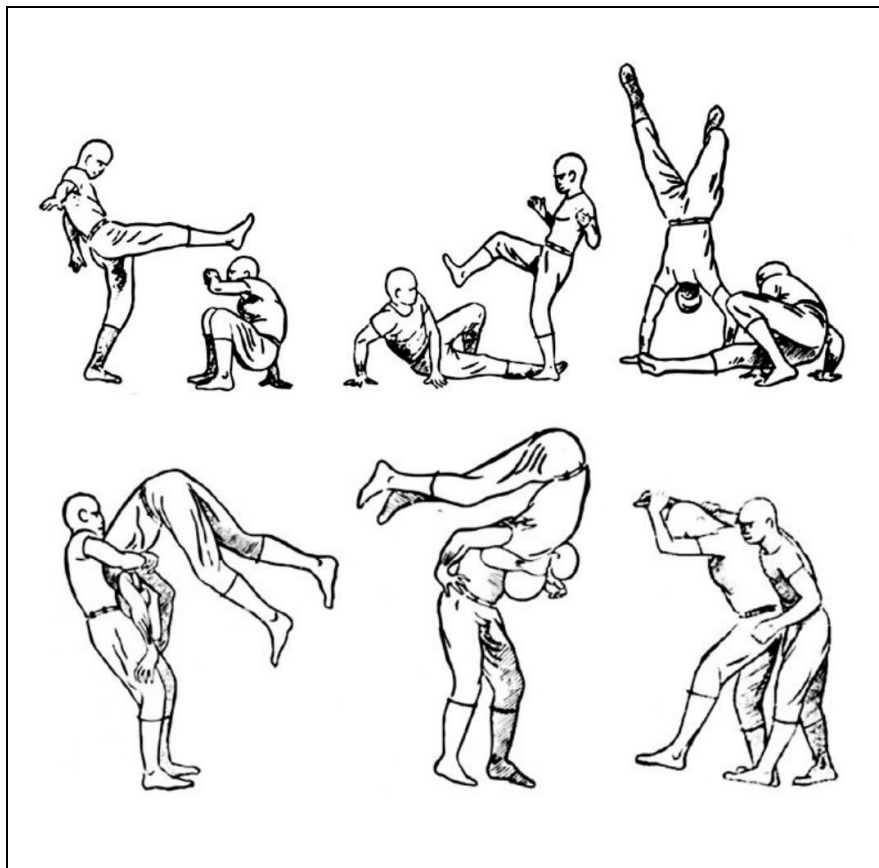
Nas palavras de mestre Bimba, de acordo com Sodré (2002), a Capoeira Regional seria o batuque misturado com a angola, com uma diversifica o de golpes, numa verdadeira

<sup>9</sup> Luiz Candido Machado, pai do Mestre Bimba, era um exímio praticante de batuque, manifesta o da cultura popular semelhante   capoeira, que utilizava uma marca o rítmica de tambores e cantigas enquanto dois ‘batuqueiros’ tentavam um derrubar o outro através de movimentos que envolviam uma espécie de dança e desequilibrantes das pernas.

<sup>10</sup> Golpe de capoeira, em que se encaixa uma das pernas atrás das pernas do adversário e, apoiando o cotovelo no abdome dele, tenta desequilibr -lo e derrubá-lo.

luta a qual envolvem o corpo e a alma. As principais características da Capoeira Regional são: exame de admissão, sequência de movimentos básicos, batizado, roda, esquentar-banho, formatura e a indumentária específica para a ocasião, jogo de Iúna, curso de especialização e os toques de berimbau<sup>11</sup>.

**Figura 10 - Curso de Capoeira Regional – Sequências de Mestre Bimba**



Fonte: DOSSIÊ/IPHAN (2014, p. 99).

Ao elaborar a Capoeira Regional, Mestre Bimba estabeleceu também um regulamento<sup>12</sup> que constituía parte do Curso de Capoeira Regional de Mestre Bimba e

<sup>11</sup> Cf. CAMPOS, H. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*. Salvador: EDUFBA, 2009. 306 p.

<sup>12</sup> Em seu benefício 1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos 2. Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular. 3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da “roda” de capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta. 4- Evite conversar durante o treino. Você está pagando pelo tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais. 5. Procure gingar sempre. 6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais. 7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá. 8. Conserve sempre o corpo relaxado. 9. É melhor apanhar na “roda” que na rua (CAMPOS, 2009, p. 67).

balizava a conduta dos alunos dentro e fora da academia. Estabeleceu ainda o primeiro método de ensino sistematizado da capoeira.

Bimba criou um método de ensino baseado em oito sequências predeterminadas de golpes, contragolpes, esquivas, quedas e aús ('estrelas'), para serem realizadas por duplas de alunos. Criou, também, a 'cintura desprezada' onde um jogador dá um 'balão' jogando o outro para o alto; este último tem de aprender a cair sempre em pé. [...] Bimba, no ensino da Regional, de certa maneira sacrificou a parte da brincadeira e ritual em favor da objetividade da luta (CAPOEIRA, 1998, p. 52).

**Figura 11 - Mestre Bimba (à direita) ensinando a ginga<sup>13</sup>**



**Fonte:** CAMPOS (2009, p. 217).

A criação de Mestre Bimba atraiu um público diversificado, com muitos jovens especialmente da classe média e alta de Salvador. De acordo com Capoeira (1998), antes disso, não havia escola de capoeira e a prática envolvia majoritariamente os africanos e seus descendentes, isto é, a classe economicamente mais pobre.

A criação e a consolidação da Capoeira Regional ocorreram dentro do processo de descriminalização da capoeira e foram um divisor na história a partir da década de 1930. Ao criar a Capoeira Regional, conforme exposto pelo Dossiê do IPHAN: *Rodas de Capoeira e*

<sup>13</sup> Sobre a importância e centralidade da ginga na capoeira, Campos destaca que a ginga é considerada o movimento fundamental, porque representa a identidade da Capoeira. A ginga é o que diferencia a capoeira das outras lutas, ela é uma marca pessoal que denota o estilo do capoeirista (CAMPOS, 2009, p. 63).

*Ofício dos Mestres de Capoeira* (2014), Mestre Bimba visa romper com a imagem do capoeirista vadio e desordeiro, em nome do capoeira esportista, saudável e disciplinado. Assim, Mestre Bimba difundiu a Luta Regional Baiana em todos os segmentos da sociedade. Tais modificações contribuíram para que a capoeira fosse considerada uma singular e eficiente arte marcial de origem brasileira.

Ainda de acordo com o Dossiê do IPHAN (2014), a ideia da capoeira como luta criada no Brasil norteou as primeiras iniciativas públicas que, por um lado impactaram o cotidiano dos capoeiristas, e por outro, geraram algumas críticas feitas, sobretudo, pelos mestres da capoeira tradicional ou primitiva, também conhecida como Capoeira Angola, que afirmavam sua ancestralidade africana. A Capoeira Angola possui várias linhagens desenvolvidas por diferentes mestres, dentre eles, se destaca Vicente Ferreira Pastinha (1889 - 1981), Mestre Pastinha, também conhecido como o Guardião da Capoeira Angola (CAMPOS, 2009). De acordo com Pires, “Mestre Pastinha desempenhou um papel de verdadeiro líder, orientando politicamente os capoeiristas, estimulando-os para que formassem um grande centro de Capoeira Angola” (PIRES, 2002, p. 81 *apud* CAMPOS, 2009, p. 40).

Em 1941, no bairro da Liberdade, na cidade de Salvador, é fundado o primeiro centro de Capoeira Angola do Estado da Bahia, por alguns mestres como Amorzinho, Noronha, Totonho de Maré, Livino Diogo, Aberrê, Onça Preta, Zeir, Olho de Pombo, Estivador, Antônio Galineu, Juvenal Engraxate, entre outros, os quais entregam a Mestre Pastinha a liderança e a responsabilidade de organizar a Capoeira Angola.

A escolha de Mestre Pastinha pela comunidade de capoeira tradicional, que resistia à proliferação da capoeira moderna, da moda, a luta regional baiana, não foi apenas pelo seu conhecimento técnico e domínio corporal, Como conta, ele estava afastado há quase 30 anos da prática sistemática e cotidiana da capoeiragem. A sua escolha de ‘mestrar’ a capoeira tradicional baiana, que passou então a ser chamada de capoeira angola, foi pelo seu grau de mestria, pelo seu alto conhecimento espiritual e filosófico, pelo seu caráter de educador. [...] Em um universo de iletrados, Pastinha era um dos únicos que sabia escrever bem, tendo condições de ser um mediador que articulasse a capoeiragem tradicional com outros setores da sociedade, a fim de garantir a aceitação e ascensão dessa prática cultural [...] (MAGALHÃES FILHO, 2012, p. 74).

Assim, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) é fundado, porém, seu registro e autorização para o ensino regular da capoeira é feito somente no ano de 1952, sob a

liderança de Mestre Pastinha, que visava difundir a Capoeira Angola em seus múltiplos aspectos. Referenciado pela ancestralidade africana, Mestre Pastinha aponta que:

É lógico que nos referimos à Capoeira Angola, a legítima capoeira trazida pelos africanos, e não à mistura de capoeira com boxe, luta livre americana, judô, jiu-jitsu, etc., que lhe tiram suas características, não passando de uma modalidade mista de luta ou defesa pessoal, onde se encontram golpes e contragolpes de todos os métodos de luta conhecidos” (PASTINHA, 1988, p. 35).

Dessa forma, Mestre Pastinha buscava diferenciar a Capoeira Angola da Capoeira Regional e também daquela capoeira vivenciada nas ruas, enfatizando o lado lúdico e artístico da capoeira, com destaque para os aspectos da musicalidade através de uma metodologia de ensino estruturada, além de determinadas regras, normas de conduta e comportamento. Ao difundir a Capoeira Angola, Mestre Pastinha contou com um pequeno grupo de capoeiristas como João Pequeno e João Grande, além de intelectuais da época como Jorge Amado, Carybé, Mário Cravo e outros.

De uma forma geral, é inegável que tanto Mestre Pastinha quanto Mestre Bimba foram os responsáveis pela organização e sistematização da capoeira, bem como sua expansão pelo Brasil enquanto arte e luta. Ambos desvincularam a capoeira da vida malandra e ganharam o respeito da sociedade, passando a se relacionar com os intelectuais da época. Isto é, nesse momento, a capoeira já não é mais vista como um sinônimo de atraso, mas como um símbolo da cultura brasileira. O final dos anos 1940 e 1950 representam o auge na ascensão das academias de Mestre Bimba e Mestre Pastinha. Outros mestres, como Waldemar da Paixão e Cobrinha Verde, também desempenharam um papel relevante na história da capoeira, sobretudo do Estado da Bahia, através das suas academias de Capoeira Angola, impulsionando a formação de uma nova geração de capoeiristas.

As mudanças ocorridas entre os anos de 1930 e 1980 fundamentaram a capoeira na atualidade. As vertentes da Capoeira Angola, com destaque para as contribuições de Mestre Pastinha; e da Capoeira Regional, com Mestre Bimba, expandiram-se também pelo mundo, gerando, ainda na década de 1960, diversos grupos e academias presentes em escolas, academias, associações e diversas outras instituições de ensino. Isso revela que “a capoeira representa algo que nasce no passado, mas que resiste ao tempo e que é capaz de se (re)inventar a todo instante de muitas maneiras [...]” (CAMPOS, 2009, p. 279).

As décadas de 1980 e 1990 são marcadas pelo intenso processo de expansão e difusão da capoeira através dos grupos e escolas de capoeiragem influenciadas por ambas as vertentes, com diversos significados, e praticada por pessoas de diferentes idades, etnias e religiões. Vieira e Assunção sintetizam bem ao apontar que:

A capoeira deu a ‘volta do mundo’, literalmente, a prática de escravos africanos e crioulos, documentada desde o final do período colonial e durante o império, virou uma brincadeira masculina nas camadas populares na república velha. Transformou-se em esporte a partir da década de 1930 e, como tal, passou a ser praticada por jovens de ambos os sexos e de todas as classes sociais nas décadas de 1960 e 1970. A partir da década de 1980, começou a expandir-se pelo mundo, sendo praticada hoje por centenas de milhares de pessoas nos cinco continentes (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 9).

Nascida da luta dos negros escravizados em busca de liberdade, a capoeira foi marginalizada, perseguida e considerada crime no primeiro Código Penal da República durante quase quatro décadas. Hoje, após um longo caminho e muitas transformações, a capoeira se perpetua pela sua essência, significado e tradição. Atualmente, a capoeira divide-se em três linhas principais: Angola, com seguidores da linhagem de Mestre Pastinha (e outros); Regional, praticada pelos seguidores de Mestre Bimba; Contemporânea, a qual apresenta uma mistura entre Angola e Regional e as diversas influências dos dias atuais.

Cumprir destacar que os mestres são os responsáveis pela transmissão oral e pela salvaguarda da capoeira em seus diferentes aspectos, por isso o seu saber ancestral, isto é, o ofício dos mestres de capoeira, foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes em 2008 pelo IPHAN. Caso similar aconteceu com a Roda de Capoeira, registrada no Livro das Formas de Expressão, também em 2008, pelo IPHAN, assegurando a preservação, o reconhecimento e a valorização da capoeira como patrimônio imaterial brasileiro. E em 2014, a capoeira passou a ser reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

De acordo com Oliveira e Leal,

[...] a capoeira, assim como o carnaval, o samba e o futebol, faz parte do conjunto dos grandes ícones contemporâneos representativo da identidade cultural brasileira. [...] cada um deles possui uma trajetória própria, com sua história peculiar de ascensão, inclusão e/ou tensão em seu processo formativo como símbolo nacional (2006, p. 43 *apud* CAMPOS 2016, p. 282).

Desta forma, a capoeira – enquanto expressão singular – é capaz de proporcionar aos seus praticantes uma aproximação com a cultura afro-brasileira e o resgate da identidade cultural.

#### **4.2 Indícios da capoeira maceioense dos séculos XIX e XX**

No território alagoano existe uma lacuna no que se refere à capoeira entre os séculos XIX e início do XX, em função da escassez de documentos e evidências históricas. Sobre essa questão, Barbosa salienta que:

Indivíduos como os capoeiras não se faziam perceber de forma nítida nos noticiários alagoanos da época. À primeira vista poderia significar a inexistência de tal prática em Alagoas, o que seria uma explicação simplista para um fato social como a capoeira, que despontara com grande força nos centros urbanos do país, a exemplo de Recife, Salvador e Rio de Janeiro (BARBOSA, 2017, p. 76).

Ainda de acordo com o autor, a problemática da identificação da capoeira em Alagoas recai sobre as fontes de jornais, na quais é possível constatar a quase nulidade da capoeira alagoana. Por outro lado, é possível identificar uma grande quantidade de informações sobre a presença de vadios na cidade de Maceió.

Em uma possível simbiose entre vadios e capoeiras, Barbosa (2017), em sua dissertação de mestrado, propõe identificar e analisar a prática da capoeira em Alagoas entre os anos de 1878 e 1911. Através de citações em jornais, observa-se no território alagoano, a partir da década de 1880, a maior abrangência da vadiagem, que, de acordo com o Código Criminal do Império (1830), qualificava homens e mulheres pobres enquanto ébrios, vagabundos e transgressores da ordem e dos bons costumes. Paulatinamente, novos elementos são incorporados a esse conceito, incluindo os comportamentos indesejáveis e todas as ações e manifestações provenientes de ajuntamentos de indivíduos pobres. Conforme ressalta Barbosa (2017, p. 78), “os vadios eram qualificados como ‘malfeitores’, ‘criminosos’, ‘facínoras’, pessoas de maus instintos’, ‘arruaceiros’, que deveriam ser reprimidos com o rigor da lei”.

Recorrendo aos registros nas páginas dos noticiários, é possível identificar que os casos de vadiagem em Alagoas eram retratados através de um viés desclassificatório no

âmbito moral e social. E nesse contexto, a capoeira estaria associada a esse tipo de prática. A repressão acima citada por Barbosa (2017) se refere à forma de disciplina e controle destinados diretamente aos negros e mestiços, em sintonia com o regime escravista. Porém, negros e mestiços livres nesse período se confundiam com os negros escravizados, sendo excluídos da ordem jurídico-civil e incluídos na ordem jurídico-penal, isto é, sujeitos a penalidades e castigos cruéis (BARBOSA, 2017).

Nesse período, Maceió se destaca pela grande presença da população negra e mestiça, e por ser lugar de refúgio para as fugas de muitos negros escravizados, com constantes menções à capital da Província nos artigos publicados em noticiários de jornais no ano de 1887. Barbosa (2017, p. 23) aponta que “[...] de fato, Maceió era vista como um ‘porto seguro’ para os escravos fugidos. Além do mais, [...] a cidade era tida como domicílio de um ‘povo ilustrado’, que lutava pela liberdade, e, portanto, era seio de ideias abolicionistas”, além, cabe destacar, do próprio protagonismo negro na luta por liberdade, o que preocupava os senhores de engenho e proprietários de escravos.

Com a abolição da escravatura em 1888, foram desenvolvidas estratégias de repressão e controle da população negra e mestiça de todo o país. Barbosa enfatiza que:

Nesse sentido, o Código Penal de 1890 abrigou esse mecanismo de perseguição da camada de desclassificados, representados, principalmente, na figura dos recém libertos. A ação de tal mecanismo se faz notar com clareza a partir da criminalização de ébrios, mendigos, vadios e capoeiras, onde os dois últimos estavam enquadrados no mesmo tipo penal, deixando evidente que tal ato punitivo era endereçado às camadas populares [...] (BARBOSA, 2017. p. 86).

Assim, o Código Penal de 1890, conforme visto anteriormente, dá continuidade às represálias ao negro liberto e às camadas populares, ao classificar os ébrios, mendigos, vadios e capoeiras como contraventores, sujeitos à prisão celular. A partir de então, os noticiários maceioenses, ao contrário das cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que apresentavam um grande volume de prisões em função da prática da capoeiragem, passaram a registrar uma preocupação com a população de vagabundos (BARBOSA, 2017).

Há alguns registros nos jornais impressos na cidade de Maceió sobre a dura repressão à capoeira vivenciada em outras regiões do país, o que poderia significar um alerta às autoridades locais sobre a atuação dos capoeiras, ou até mesmo para determinar uma forma de procedimento a ser estabelecido na capital alagoana. “Logo, a veiculação de notícias sobre



capoeiras de outras províncias nos jornais alagoanos pode ser um indício de uma problemática que também se fazia presente em Maceió” (BARBOSA, 2017, p. 106).

Outro indício da capoeiragem em Maceió é datado ainda de 1834, através de documentação recolhida no acervo da Biblioteca Nacional Digital, a qual registra o pedido de “providências a respeito dos [...] pretos e capoeiras que depois do anoitecer foram encontrados com armas ou em desordem” (MARQUES, 2013, p. 45 *apud* BARBOSA, 2017, p. 106). Possivelmente, pós-abolição, ações como essas se tornaram mais constantes em razão do aumento da mobilidade da população negra liberta pela cidade.

Mesmo que os crimes praticados por capoeiras não se descem [sic] com tanta incidência com os que atemorizavam a população carioca, abre-se brecha para se mensurar que estes despontavam como um grande empecilho na vida das camadas médias e alta da população maceioense (BARBOSA, 2017, p. 107).

Através do Código Criminal do Império em 1830, reforçado pelo Código Penal da República em 1890, é possível observar que a capoeira ao longo da história de Maceió esteve relacionada à vadiagem. A vadiagem era considerada um tipo de contravenção associada à ociosidade, a ausência de constância em um trabalho e moradia fixa estabelecidos pela condição de extrema pobreza. Especificamente em Maceió, o “ajuntamento” de vadios se espalhavam em diversos cantos da cidade, como nas ruas, nas praças, nas vendas e botequins dos bairros do Jaraguá, Trapiche, Poço, Bebedouro e Pajuçara, mas também estavam presentes nas festividades religiosas e apresentações de folguedos, causando incômodos e temor às elites locais e autoridades policiais.

A ligação entre capoeira e vadiagem pode ser identificada ainda através das notas publicadas nos noticiários da imprensa local, como o relato de Cypriano de Barros, publicado pelo jornal O Orbe:

O cidadão pacífico dos actuaes tempos cálidos e calamitosos vê-se ameaçado em sua vida e propriedade: a polícia deixa que os capoeiras e vagabundos infestem as ruas empoeiradas como se acham encobrem-nos, e os transeuntes que quando menos esperam estão agredidos e são immediatamente victimas da punhalada traiçoeira de um desses atrevidos que por artes diabólicas internam-se no corpo de qualquer indivíduo, o qual para expelli-lo empregara immenso apparatus de alavancas, pés de cabra e etc. Para cúmulo de perversidade tem esses inimigos cruéis da tranquilidade a astucia de introduzirem-se nas casas, estando as portas trancadas, mettem-se frestas e vão acautellar-se nos intervallos do ladrilho até que um pesinho mimoso lhe vá dar bom gasalhado, macia cama e seiva para engordar. Entretanto, a imprensa

desvia-se das normas de sua conducta para não profligar este descalabro medonho, pavoroso mesmo que ameaça aniquilar-nos. Ainda hontem ia [...] passeando minha personalidade pelas ruas de um dos nossos arrebaldes e um destes insolentes assaltou-me sem que eu o percebe-se. Introduzio-se no solado do sapato e veio sahir sobre o dedo mínimo na parte comprimida que não me deixava sentir as innumeradas navalhadas que me atirou o maldito capoeira [...] (O Orbe, 30 de janeiro de 1885 p. 2-3 *apud* BARBOSA, 2017, p. 109).

Há diversos outros relatos veiculados pela imprensa local, a qual cumpria um papel ativo no que se refere às denúncias relacionadas aos crimes de ordem pública. Ainda através das notas publicadas, é possível observar que os crimes de capoeiragem em Maceió ocorriam com menor intensidade, se comparados a outras capitais como Rio de Janeiro e Salvador. De acordo com Barbosa (2017), a baixa intensidade de casos registrados relacionados à capoeira pode estar relacionada à “utilização de outros termos classificatórios para o crime de capoeiragem, o que mais uma vez pode demonstrar a ‘simbiose’ existente entre os grupos marginalizados” (BARBOSA, 2017, p. 111).

No domingo ultimo, á tardinha, em plena rua do Conselheiro Sinimbú, fomos testemunha ocular de mais um facto que bem denota o progresso que sob os auspícios da polícia da actualidade vae se transplantando da Côte para as ruas da nossa modesta capital. Eis o facto: Dous capoeiras, d’sses que tão bons serviços hão prestado, e talvez á esta hora estejam prestando nos arredores da cadeia velha com seletos auxiliares do governo das duplicatas na campanha do terceiro escrutino, esmurrarão-se, a bom esmurrar, quando um dos taes heroes, já exausto de forças e vendo gotejar-lhe o sangue de um ferimento que na lucta recebera, dá as de villa diogo, e n’uma carreira precipitada, perseguido pelo victorioso combatente, agarra-se, suplicante, com o senhor alferes pharmaceutico Anisio Gomes, que n’essa occasião passava. Aturdido com o inesperado abraço, ao qual o valiente contendor não queria respeitar, a muito custo poude o digno pharmaceutico militar desvencilhar-se de ambos, e continuar o seu trajecto. E a policia?

– Nem por sombra se mostrou!

– Dorme, dorme, oh! Beatifica policia!...

(O Orbe, 11 de fevereiro de 1885 p. 1-2 *apud* BARBOSA, 2017, 109).

O relato acima destaca os “arredores da cadeia velha” enquanto possível local de encontro de capoeiras, atual Praça D. Pedro II, localizada no Centro de Maceió. A menção especificamente sobre a ação de capoeiras em Maceió, no entanto, segue tímida, sendo vinculada a vagabundos e desordeiros, em referência ao Código Criminal do Império do Brazil (1830) e seu capítulo terceiro, artigos 295 e 296, sobre vadiagem e mendicância. Posteriormente, conforme já exposto, foi instituído o Código Penal de 1890, o qual dissocia capoeiras e vagabundos. Porém, o que se percebe é que as páginas policiais da imprensa

maceioense e os relatórios provinciais continuam a caracterizar de forma vaga as prisões e crimes por vadiagem, isto é, sem distinguir vadios e capoeiras, “[...] diante disso assiste-se a um grande enquadramento de indivíduos nos crimes de vadiagem, nas prisões por distúrbios, e para averiguações” (BARBOSA, 2017, p. 112-113).

A perseguição e o controle às camadas subalternas e socialmente desfavorecidas também podem ser identificados através das Leis e dos Códigos de Posturas Municipais, tanto no Império como também após a instauração da República, os quais atingiam, em sua maioria, os negros e mestiços pobres, que, saídos da escravidão, representavam um problema para a ordem pública. “Observa-se então que a parcela pobre da população vivendo fora do julgo da escravidão, era condicionada a uma vida de deveres” (BARBOSA, 2017, p. 91).

Ressalta-se, ainda, a fraca educação da população alagoana em geral e, conseqüentemente, de Maceió, devido à anulação de direitos humanos, civis e sociais vivenciados pelas camadas subalternas de Alagoas, o que contribuía para a crescente marginalização na capital. Nesse sentido, cumpre destacar que Alagoas se desenvolveu em um contexto histórico e social excludente, dividida por razões étnicas e baseada em uma economia agrícola – alicerçada na cultura da cana de açúcar, seguida pela cultura do algodão –, com algumas indústrias têxteis e com graves problemas sociais, sem serviços básicos para grande parte da população, que vivia em condições de extrema pobreza, em barracos nos subúrbios e povoados da cidade de Maceió. Por outro lado, a aristocracia era constituída pelos senhores de engenho, proprietários rurais e ricos comerciantes.

Muitos homens e mulheres marginalizados foram alvos dos órgãos de segurança pública, de instituições jurídicas e legislativas quanto ao controle da ordem social, sendo classificados criminalmente como “vadios e desocupados” (BARBOSA, 2017, p.118), e seus comportamentos eram vistos como vadiagem. A essa parcela da população – constituída em sua maioria por negros e mestiços pobres, vadios e capoeiras – a noção de espaço público foi restringida. Como se pode observar, entre o final do século XIX e o início do século XX, a prática da capoeira em território alagoano não é extinta ou inexistente, mas ela estava vinculada e até mesmo passou a ser confundida com a contravenção de vadiagem.

Em solo alagoano, o registro de três casos consecutivos em 1905 relacionados à ação de capoeiras chama a atenção. O primeiro registro é referente à prisão de “*Laurentino de tal*”

publicado pelo jornal Gutenberg. Nota-se que, na situação descrita, o capoeira não foi associado à figura do vagabundo:

Laurentino de tal gosta de jogar capoeira pelos suburbios da capital, chapéu de palha no alto da cabeça, faca de ponta á cinta e um grosso quiri na mão, provocando desordens. A polícia tendo denuncia do tal arruaceiro foi a sua procura e zaz, levou-o para á Casa de Detenção (GUTENBERG, 14 de outubro de 1905, p. 3 *apud* BARBOSA, 2017, p. 115).

Alguns dias depois, a capoeira volta a ter destaque nos jornais maceioenses, desta vez com “*Maria Porciuncula*” ao ser detida.

Maria Porciuncula é uma mulherzinha turana. Blasova energicamente que ‘não se troca por muitos homens’, pois, que, quando está nos seus azeites, faz da saia calção e... pinta o diabo á quatro: joga capoeira, dá borduadas, solta desaforos e muitas outras puezas. Mas, o 3º commissario de polícia da capital que é amigo da paz e da justiça, a mandou levar a dita megera para á Casa de Detenção (GUTENBERG, 19 de outubro de 1905, p. 1 *apud* BARBOSA, 2017, p. 115-116).

Posteriormente, é publicada uma nota sob o título “*Capoeiras e cacetadas*” (BARBOSA, 2017, p. 116), noticiando a prisão de “*Eugenio de tal*”.

Eugenio de tal é homem de primeiras informações. Alguém por espírito de intriga, encachou-lhe no quengo, umas tantas histórias que depunham de sua coragem. De homem não se manga, ruminou Eugenio dando uma volta no corpo e afiando as pernas para o jogo da capoeira. Em seguida lança mão de quiri oitavado e sae a procura da pessoa que duvida de sua coragem. Não tardou muito Eugenio deu com o seu desaffeto e, sem mais conversas, jogou’lhe uma capoeirada que o pobre diabo bateu com o costado no chão. – Conheceu cabra! Gritou Eugenio, ao mesmo tempo que vibrava no pobre homem diversas cacetadas. A polícia recebeu denuncias e mandou recolher o valente á Casa de Detenção (GUTENBERG, 24 de novembro de 1905, p. 2 *apud* BARBOSA, 2017, p. 116).

Através das notas publicadas pela imprensa local, observa-se que a capoeira estava presente no cotidiano maceioense enquanto luta extremamente necessária para a defesa pessoal e sobrevivência nas ruas da cidade. Diferentemente do contexto carioca, com as maltas, por exemplo, os capoeiras alagoanos não possuíam uma unidade para a execução de suas ações, mas aproveitavam as ocasiões e oportunidades de brechas na segurança pública (BARBOSA, 2017).

A cidade de Maceió é um território marcadamente afro-brasileiro, no entanto, a grande escassez de documentos e estudos sobre as diferentes perspectivas da afro-brasilidade encobrem a história do povo negro em solo alagoano. Em Alagoas, a ausência e o silenciamento quase total de estudos voltados para o entendimento das práticas culturais dos grupos historicamente perseguidos ou a busca pela afro-alagoanidades deixam uma lacuna em torno não apenas da historicidade da capoeira no estado, mas também no que se refere aos demais segmentos marginalizados.

Em meados dos anos de 1930, a cidade de Maceió vivencia a ascensão do frevo<sup>14</sup> no carnaval local, realizado na Rua do Comércio, na Avenida Moreira e Lima, na Praça Marechal Floriano Peixoto e na Praça dos Martírios. Enquanto isso, nas ruas da cidade existiam os grupos de meninos de rua, taxados como maloqueiros. No jornal Diário de Pernambuco (1935) registra-se a reportagem “*Como vivem os ‘maloqueiros’ em Maceió*”.

O problema dos menores abandonados continua a dar às ruas desta capital espetáculos deploráveis. É uma pequena legião de meninos e rapazes sem ocupação, esmolando ou furtando o pão que comem, dormindo ao relento nos batentes, das casas ou nas calçadas das praças, cobertos de farrapos (COMO VIVEM..., 1935, p. 10).

De acordo com a reportagem do Diário de Pernambuco (1935), os chamados maloqueiros viviam em malocas localizadas na Avenida da Paz, nos fundos do prédio do Clube Fênix. Dentre os jovens, destaca-se Armando Veríssimo Ribeiro (1919-1949), conhecido como Moleque Namorador, líder do grupo. Aos 16 anos, é descrito na reportagem como alguém muito vivaz, “um pedaço de gente, ameaça qualquer um dos maiores da ‘tribo’ ou homem mais robusto, que o desagra, empunhando cinco ou seis centímetros de faca” (COMO VIVEM..., 1935, p. 10). Nas ruas da cidade de Maceió, Moleque Namorador trabalhava como jornalista e engraxate, mas também adquiriu diversas outras habilidades, dentre elas, passista de frevo. Moleque Namorador foi um exímio passista, campeão absoluto do frevo.

Na historiografia da capoeira na cidade de Maceió, permeia entre muitos capoeiristas o discurso quase que absoluto que, dadas as condições de sobrevivência de Moleque Namorador

---

<sup>14</sup> Dança originária de Pernambuco com diversas influências em sua formação, inclusive da capoeira.

nas ruas da capital alagoana, este também seria praticante da capoeira. Porém, faz-se necessário o aprofundamento de pesquisas e trabalhos que possam comprovar tal hipótese, trazendo à luz parte significativa da história da capoeira em Alagoas.

# Produção do Espaço Geográfico e a Prática da Cidadania

---



## **5 PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E A PRÁTICA DA CIDADANIA**

### **5.1 Um breve resgate sobre o espaço no olhar geográfico**

O espaço geográfico é aqui entendido a partir da Geografia em sua perspectiva crítica, com base no materialismo histórico dialético, e analisado através dos conceitos socioespaciais que o constituem. Porém, visa destacar que o estudo sobre o espaço não é restrito ao campo científico da Geografia, mas também está presente em outras áreas do conhecimento, sendo estudado e debatido por filósofos, sociólogos, cientistas políticos, dentre outros.

De acordo com Suertegaray (2001), a compreensão da relação entre o homem e o meio que o cerca sempre esteve no centro dos estudos no âmbito da Geografia enquanto área do conhecimento autônoma, diferenciando-a das demais ciências, classificadas sempre em sociais ou naturais. Porém, representou também um obstáculo para que a Geografia estabelecesse o seu método e seu objeto de estudo, visto que o social e o natural possuem métodos distintos. Atualmente, entende-se que o campo de atuação da Geografia está balizado pelo conceito de espaço geográfico, no entanto, nem sempre foi assim.

Ao longo dos anos, o conhecimento geográfico foi constituído a partir das ideias predominantes em cada período histórico e da influência dos seus principais pensadores. Assim, os estudos da ciência geográfica já estiveram voltados para os diferentes objetos, como por exemplo, a superfície terrestre, a paisagem, o meio, a região, a diferenciação das áreas, a relação homem-meio, entre outros. Por outro lado, o espaço geográfico, entendido como verdadeiro objeto da Geografia, é concebido de diferentes formas, conforme as concepções filosóficas que norteiam o pensamento geográfico.

A Geografia Tradicional ou Clássica, entendida como um conjunto de correntes que coexistiram entre 1870 e 1950, desenvolveu-se dentro do paradigma positivista, a partir das obras de Humboldt e Ritter, sedimentando-se ainda a partir dos estudos de Ratzel, Vidal de La Blache e Richard Hartshorne. Nesse período, o espaço não era um conceito-chave nos estudos geográficos, uma vez que o enfoque estava no conceito de território, através da Escola Alemã de Geografia de cunho determinista, cujo principal pensador era Friederich Ratzel; no conceito de paisagem, por meio dos estudos de Paul Vidal de La Blache, na Escola Francesa de Geografia, também conhecida como escola possibilista; e, por último, o conceito de região



desenvolvido pelo geógrafo Richard Hartshorne na Escola Anglo-Saxônica, através do neokantismo.

Porém, é preciso ressaltar que em sua obra *Antropogeografia*, Ratzel elaborou o conceito de espaço vital, que se refere ao equilíbrio entre os recursos naturais que uma determinada sociedade necessita para seu desenvolvimento tecnológico (CORRÊA, 2000), sendo entendido por Ratzel como fundamental à vida humana. No entanto, na concepção de espaço vital de Ratzel, é dada uma maior ênfase à ideia de defesa de território em detrimento da ideia de ampliá-lo ou expandi-lo (CAZAROTTO, 2000).

Por outro lado, Vidal de La Blache criticava a visão Ratzeliana de espaço, uma vez que nesse contexto, o homem era considerado apenas um componente do espaço geográfico. Para Vidal de La Blache, cabia à Geografia, sobretudo a Geografia Humana, a abordagem dos aspectos naturais e das questões humanas de forma conjunta, ou seja, para o autor, o espaço geográfico era entendido como o local onde homem e natureza coexistiam. Vidal de La Blache (1911, *apud* SANTOS, 2004, p. 36) elaborou então o conceito de gênero de vida, no qual “[...] o espaço como objeto de estudo seria o resultado de uma interação entre uma sociedade localizada e um dado meio natural: um argumento sob medida para reforçar a ideia de região como unidade de estudo geográfico”.

Richard Hartshorne concorda com a concepção de espaço estabelecida por La Blache, de que dentro de uma mesma área ocorrem fenômenos naturais e sociais. Ainda, Richard Hartshorne enfatiza que o estudo sobre o espaço é fundamental, tendo em vista a possibilidade de descrever e analisar os fenômenos espaciais e suas interações. Com base nas ideias de Kant – influenciadas por Newton –, Hartshorne afirma que o espaço é absoluto, entendido como:

Um conjunto de pontos que têm existência em si, sendo independente de qualquer coisa. É um quadro de referência que não deriva da experiência, sendo apenas intuitivamente utilizado na experiência. Trata-se de uma visão kantiana, por sua vez influenciada por Newton, em que o espaço (e o tempo) associa-se a todas as dimensões da vida (CORRÊA, 2000, p. 18).

Como se pode observar, através de Friedrich Ratzel, Vidal de La Blache e Richard Hartshorne, os estudos da Geografia Tradicional não priorizavam a compreensão aprofundada do espaço, limitando-se apenas à sua descrição, método utilizado na corrente tradicional dos

estudos no âmbito da Geografia, tendo em vista sua concepção positivista fundamentada em uma perspectiva de acumulação de conhecimentos empíricos e descritivos.

Destemporalizando o espaço e desumanizando-o, a Geografia acabou dando as costas ao seu objeto e terminou sendo ‘uma viúva do espaço’. Para esse resultado contribuiu o fato de terem sido perdidos muito esforço e muito talento na busca de soluções imediatistas para problemas considerados imediatos, em perseguir respostas particulares para problemas considerados específicos. Acabamos por isso tendo uma multiplicidade tão grande de Geografias que justificaria a um espírito irônico dizer que, nos dias de hoje, há muitas Geografias, mas nenhuma Geografia (SANTOS, 2004, p. 119).

A Geografia Tradicional já não era mais suficiente para explicar de maneira satisfatória a nova organização mundial vivenciada após a Segunda Grande Guerra, marcada por transformações tecnológicas, científicas, sociais e econômicas. Contrapondo-se à Geografia Tradicional, na década de 1950 surge então a corrente denominada de Nova Geografia, através da Revolução Quantitativa e Teorética da Geografia. Baseada na filosofia do positivismo lógico e no método hipotético-dedutivo, a Nova Geografia introduziu profundas transformações na ciência geográfica, tanto no âmbito conceitual como também na própria definição do campo de atuação. Sobre a Nova Geografia, Christofolletti (1982) destaca que,

Ao se chamar um acontecimento de novo, há a pressuposição da existência de algo mais antigo que, ao se contrapor, pode ser chamado de velho. Desta maneira, a utilização dos adjetivos novo e velho serve para rotular dois conjuntos diferentes na Geografia, com as suas ideias, concepções teóricas e implicações no procedimento do geógrafo. Tais adjetivos não revelam uma sucessão precisa no tempo, pois na atualidade existem trabalhos científicos sendo produzidos sob ambas as perspectivas. (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 3).

A partir da Nova Geografia, Christofolletti (1982) esclarece que um dos objetivos desse período era o de estabelecer um objeto central para a Geografia, uma vez que os critérios regionalistas e o estudo da paisagem utilizados na Geografia Tradicional, apesar de atenderem à compreensão da relação entre o homem e o meio, eram insuficientes para uma análise mais profunda da totalidade. Assim, de acordo com Christofolletti (1982, p. 13, grifo do autor), “a noção de paisagem tornou-se insatisfatória para preencher os requisitos do paradigma contemporâneo da Geografia, sendo substituída pela noção de *sistema espacial* ou *organização espacial* [...]”.

Dessa forma, Christofolletti destaca a transformação no objeto da Geografia, sendo definida como a “*ciência que estuda as organizações espaciais*” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 14, grifo do autor). A transformação do objeto de estudo da Geografia aponta também para a delimitação e uma maior precisão em seus objetivos, estabelecendo critérios para se propor a escala dos fenômenos a serem analisados.

A partir dessa perspectiva, são definidos por Christofolletti (1982) dois conceitos de espaço, isto é, espaço absoluto e espaço relativo. De acordo com o autor, o espaço absoluto está relacionado à noção de localização absoluta, cuja função é localizar a ocorrência de fenômenos e objetos com precisão através de instrumentos e técnicas cartográficas. Por outro lado, o conceito de espaço relativo está relacionado ao tempo e ao movimento, vinculado à localização relativa.

A localização relativa é a posição que um lugar ocupa em relação às outras localidades, podendo ser expressa das mais diversas maneiras (em tempo de percurso, em custo dos transportes, em frequência de comunicações e outras técnicas). Enquanto a posição absoluta dos lugares permanece constante, fixa, a posição relativa pode sofrer transformações com o decorrer do tempo, em virtude das inovações técnicas e dos meios de circulação e comunicação, fazendo com que haja aproximação e intensificação dos contatos. (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 16, grifo do autor).

Observa-se que o conceito de espaço é evidenciado a partir da Nova Geografia, adquirindo relativa importância no que se refere à Geografia Tradicional. A noção de espaço absoluto e espaço relativo foram amplamente utilizadas pelos geógrafos da Nova Geografia, sendo representado e delimitado em diversas cartas e mapas. No entanto, o espaço ainda aparece de forma muito descritiva e sistêmica.

Diferente de Christofolletti, David Harvey aborda o espaço a partir de um contexto dialético, como um conjunto de relações de conflitos contraditórios, os quais produzem uma realidade cuja harmonia é efêmera. Nesse sentido, Harvey concebe o espaço como sendo, ao mesmo tempo, absoluto, relativo e relacional. De acordo com o autor, o espaço é considerado absoluto enquanto existência material, relativo se comparado a outros objetos, e relacional pois contém e está contido em outros objetos (SUERTEGARAY, 2001).

A partir das formulações realizadas pelos geógrafos da Nova Geografia, o estudo do espaço é evidenciado, porém, não possuía uma unanimidade quanto ao seu objeto de estudo. Com base na crítica hartshorniana sobre a concepção de espaço absoluto, a Nova Geografia

conceitua o espaço geográfico a partir de uma perspectiva nomotética, isto é, generaliza e favorece o emprego de leis e determinados modelos (CHRISTOFOLETTI, 1982).

Desse modo, foram direcionadas diversas críticas à Nova Geografia, pois ela representou uma continuidade dos paradigmas da Geografia Tradicional. Com isso, “o grande equívoco da chamada, ‘geografia quantitativa’ foi o de considerar como um domínio teórico o que era apenas um método e além do mais, um método discutível” (SANTOS, 2004, p. 73). Nesse período, a Nova Geografia engajava-se na análise de conceitos e elementos derivados de outras ciências, o que descaracterizou e ainda retardou a institucionalização de uma epistemologia própria (SANTOS, 2004).

A partir de 1970, visando romper com a Geografia Tradicional por um lado e, por outro, com a Nova Geografia – também denominada de Geografia Teórica-Quantitativa –, surge a Geografia Crítica fundamentada no materialismo histórico e na dialética. O contexto de surgimento da chamada Geografia Crítica é o de renovação da ciência geográfica e redefinição do seu objeto de estudo.

Desta forma, o espaço geográfico volta ao centro das discussões enquanto objeto da Geografia. Como afirma Moreira (2007, p. 36) “a renovação deu-se essencialmente com o conceito de espaço, num alcance limitado. Todavia, mexeu ela com os pilares de um saber anos a fio refratário a grandes mudanças. E sem dúvida preparou terreno para mudanças subsequentes”. Verifica-se uma importante valorização do espaço a partir de publicações como *Por uma Geografia nova* (1978), do geógrafo Milton Santos, também das contribuições de Massimo Quaini, em *Marxismo e Geografia* (1979), assim como de Yves Lacoste através da obra *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (1976). (CAVALCANTE; LIMA, 2018).

De acordo com Cavalcante e Lima:

O conjunto dessas três obras, além de outras, contribuiu significativamente para pôr em xeque os paradigmas então predominantes na Geografia e para lançar as bases de uma teoria geográfica verdadeiramente preocupada com as questões sociais, até então bastante negligenciadas (CAVALCANTE; LIMA, 2018, p. 64).

Milton Santos, em sua obra *Por uma Geografia nova* (1978), pondera a importância de se estabelecer um objeto para Geografia, uma vez que a Geografia em si foi amplamente estudada, mas quase nada sobre o seu objeto de estudo. O autor enfatiza que

“desgraçadamente, porém, de todas as disciplinas sociais, a Geografia foi a que mais se atrasou na definição de seu objeto e passou, mesmo, a negligenciar completamente esse problema” (SANTOS, 2004, p. 144).

No contexto de renovação crítica do pensamento geográfico, os pensadores que contribuíram para a construção de uma Geografia Crítica são numerosos. Porém, Moreira (2012 *apud* CAVALCANTE; LIMA, 2018), aponta para cinco principais eixos de reflexão no âmbito da Geografia a partir do entendimento do espaço como seu objeto de investigação, isto é: 1) o espaço como condição de reprodução das relações sociais de produção a partir dos estudos de Lefebvre (1974); 2) o espaço como mediação das relações de dominação de classes e de poder, com Lacoste (1976); 3) o espaço como estrutura de valorização do capital, a partir de Harvey (1977); o espaço como formação social em Milton Santos (1978); a sociedade como natureza socializada e história naturalizada em Quaini (1979). Todas essas percepções colaboraram para o progresso da ciência geográfica nas últimas décadas<sup>15</sup>, e estão centradas no conceito de espaço.

Com a renovação da Geografia, o espaço geográfico é compreendido a partir da dimensão social enquanto construção histórica e permanente do homem por meio do trabalho. Porém, não se trata de um conceito acabado, visto que o espaço geográfico comporta variadas interpretações possíveis. Segundo Lefèbvre (2006, p. 111-112), “o espaço não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos [...]. Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto”.

Sobre essa questão, Milton Santos destaca a dificuldade de definição do espaço: “Não sejamos injustos. Compreende-se porque os geógrafos se dedicaram muito mais à definição de geografia do que à definição de espaço. Esta última é uma tarefa extremamente árdua” (SANTOS, 2004, p. 150), uma vez que o espaço enquanto categoria histórica está em constante modificação. Ainda, Santos afirma: “mas o que é esse espaço geográfico? Sua definição é árdua, porque a sua tendência é mudar como processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social” (SANTOS, 2004, p. 151).

Desta forma, o espaço que interessa a Milton Santos é o espaço social, indispensável para a realização das atividades humanas ao longo da história, isto é, o espaço não pode ser

---

<sup>15</sup> Destaca-se ainda as contribuições de Ruy Moreira, Antônio Carlos Robert Moraes, Manuel Correia de Andrade, Ana Fani Alessandri Carlos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armen Mamigoniam, José Willian Vesentini, Amélia Luisa Damiani, Carlos Walter Porto Gonçalves, Roberto Lobato Corrêa, entre outros.

explicado apenas pelo presente, uma vez que ele é um processo de construção histórica. Santos (2004) compreende o espaço como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente, representada por relações que estão acontecendo e que se manifestam através de processos e funções. O autor acrescenta que “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (SANTOS, 2004, p. 153).

Suertegaray (2001) reforça que:

[...] o espaço geográfico é a coexistência das formas herdadas (de uma outra funcionalidade), reconstituídas sob uma nova organização com formas novas em construção, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente (SUERTEGARAY, 2001, p. 3).

Nesse sentido, o espaço não é apenas um reflexo social, mas também um fato social, pois é simultaneamente produtor e produto da ação humana, uma realidade objetiva, um fator social, uma vez que é resultado de processos passados e condição para processos futuros, através das rugosidades. O espaço geográfico é uma instância da sociedade que precisa ser considerada em sua totalidade (SANTOS, 2004).

No estudo sobre o espaço geográfico, Milton Santos reforça que, independentemente do seu período histórico, o espaço é produto da relação sociedade-natureza, constituída por meio do trabalho humano e por intermédio das técnicas. Isto quer dizer que, para o autor, o espaço é resultado da transformação da natureza e da reprodução das relações sociais.

Moreira (1993) corrobora com Milton Santos ao afirmar que a natureza socializada carrega consigo uma natureza original, isto é, a primeira natureza, cuja mediação entre ambas ocorre por intermédio do trabalho humano, evidenciando a relação dialética entre sociedade e natureza, representada através da materialidade. Nas palavras de Moreira (1993, p. 36, grifo do autor) “a *forma-natureza*, transmutou-se em uma segunda, a *forma-sociedade*, que ao mesmo tempo contém e nega a primeira”. Ou seja, a história dos homens é caracterizada pela transformação constante da natureza em sociedade.

Portanto, “o espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho” (SANTOS, 2012, p. 30).

O estudo da organização do espaço geográfico deve considerar quatro categorias de análise específicas, sendo elas: forma, função, processo e estrutura, as quais necessitam estar alinhadas e devem ser analisadas simultaneamente para o entendimento de como o espaço está estruturado.

*Forma* é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função*, [...] sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 1985, p. 50, grifos do autor).

Desse modo, forma, função, processo e estrutura, compreendidas conjuntamente, são fundamentais para a análise e o entendimento de como historicamente os homens se organizam no espaço e como a concepção e o uso feito do espaço geográfico pelo homem sofrem mudanças. É a sociedade em movimento. É relevante destacar que no contexto da Geografia, é impossível falar em espaço geográfico e eliminar deste a figura humana. O espaço geográfico é então um conjunto indissociável, complementar e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2006).

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. Paralelamente, impõem-se a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre uma tecnoesfera e uma psicoesfera. E do mesmo passo podemos propor a questão da racionalidade do espaço como conceito histórico atual e fruto, ao mesmo tempo, da emergência das redes e do processo de globalização. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local (SANTOS 2006, p. 12-13).

A produção do espaço, em seu sentido mais amplo, abrange a reprodução dos meios de produção e a reprodução das relações sociais, isto é, a reprodução da vida. Nas palavras de Lefebvre:

Trata-se da produção no sentido amplo: produção das relações sociais e re-produção de determinadas relações. É nesse sentido que o espaço inteiro torna-se o lugar dessa reprodução, aí incluídos o espaço urbano, os espaços de lazeres, os espaços ditos educativos, os da cotidianidade etc. (2003, p. 22).

Portanto, o ponto de partida aqui é a sociedade, cuja realização se dá no espaço geográfico, isto é, o espaço é resultante das relações socioespaciais. Ao realizar o movimento de reprodução da vida, conseqüentemente, o homem produz o espaço. Nesse sentido, o espaço, enquanto produto das relações sociais, está sempre em construção. Desse modo, o espaço é produto, meio e condição das práticas sociais.

Em outras palavras, a sociedade tem papel fundamental, tendo em vista que as relações estabelecidas entre si refletem na dinamização do espaço, trazendo como consequência sua configuração e reconfiguração constante. O movimento de produção espacial e sua materialização ocorrem na esfera do cotidiano e do espaço vivido, permeado pelas representações que são construídas historicamente e socialmente as quais medeiam o modo de ver e perceber o mundo.

Por outro lado, o cotidiano e as relações sociais são influenciados pela organização do espaço, em outros termos, sua configuração ou arranjo espacial, cuja realização ocorre através de diversos atores (Estado, instituições privadas, etc.) que buscam impor sua lógica dominante. Dentro da lógica hegemônica capitalista, o espaço passa a gerar uma organização espacial hierarquizada de poder. De acordo com Lefebvre:

[...] o espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial. É um modo nas mãos de “alguém”, individual ou coletivo, isto é, de um poder (por exemplo, um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo que tanto pode representar a sociedade global, quanto ter seus próprios objetivos, como os tecnocratas, por exemplo. (LEFEBVRE, 1976, p.44-45)

Cumprido considerar, portanto, a apropriação desigual do espaço geográfico e suas contradições, ocasionando conflitos e tensões entre os diversos grupos sociais que se manifestam na forma pela qual o espaço está organizado. De um lado, predominam os interesses econômicos das classes dominantes e a criação de espaços cada vez mais excludentes, enquanto do outro lado, as classes abastadas reivindicam o direito à cidade.



## 5.2 Cidadania

Na atualidade, a cidadania aparece na centralidade do debate teórico e político das democracias representativas. No entanto, este termo não é recente e foi historicamente transformado. Sobre essa questão, Botelho e Schwarcz (2012) enfatizam que:

Ainda que tenhamos uma considerável tradição de pensamento a respeito dela, conceitos de cidadania não são estáveis; eles antes convivem e disputam significados e sentidos não só práticos como simbólicos, até porque respondem a uma variedade de tipologias resultantes das mais diversas experiências históricas. Mesmo assim, algumas aproximações razoáveis são possíveis (e desejáveis), até porque nos ajudam a qualificar cidadania como, fundamentalmente, uma 'identidade social politizada'. Isso significa dizer que cidadania envolve modos de identificação intersubjetiva entre as pessoas e sentimentos de pertencimento criados coletivamente em inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas e simbólicas (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p. 11).

O conceito de cidadania se transforma através da história dos territórios. Dagnino (1994, p. 107) aponta que:

[...] não há uma essência única e imanente ao conceito de cidadania, seu conteúdo e seu significado não são universais, não estão definidos e delimitados previamente, mas respondem à dinâmica dos conflitos reais, tais como vividos pela sociedade num determinado momento histórico.

As primeiras referências históricas ao conceito de cidadania e sua prática estão relacionadas à Antiguidade, mas foi na Grécia Antiga que adquiriu os significados de liberdade, igualdade e virtudes republicanas, ainda hoje a ele associados (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012).

Na civilização grega, a concepção de cidadania balizava as práticas cotidianas e se concretizava na participação política, sendo capaz de promover o exercício de direitos e deveres, de forma limitada a um pequeno número de homens, uma vez que excluía aqueles que viviam do próprio trabalho, as mulheres, os escravos e os estrangeiros. Ou seja, na concepção da cidadania clássica, só era considerado cidadão aquele que possuísse riquezas materiais e propriedade de terra. Nesse sentido, diversos direitos eram garantidos a *civis*, e, portanto, distinguiam o cidadão. E, apesar das limitações em torno das definições e práticas, a cidadania adquiriu relevância política na *polis* grega.

Na Idade Média, o exercício da cidadania foi praticamente inexistente, em função do poder hierárquico da Igreja Católica em toda organização da sociedade. De fato, o desenvolvimento e a consolidação da cidadania ocorrem na Modernidade, em um momento de reorganização social e política e do reordenamento territorial. De acordo com Botelho e Schwarcz (2012), a prática da cidadania adquire fundamentos filosóficos modernos com o surgimento da burguesia, ainda no mundo medieval, e com a chamada tradição contratualista, especialmente nas obras de John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). A partir de Locke e Rousseau, a noção de um “contrato” firmado entre cidadãos e o Estado ganha relevância, tornando-se a base de toda a organização social.

Nesse período, os direitos civis são considerados a todos, pois são direitos naturais inalienáveis do indivíduo à vida, tais como: vida, propriedade e liberdade, garantidos pelas Declarações de Direitos, através das revoluções liberais como a Revolução Gloriosa (1688-1689), na Inglaterra; a Revolução Francesa, em 1789; e a Emancipação Política dos Estados Unidos, em 1776. Nesse contexto, a cidadania liberal está pautada na liberdade individual e na igualdade formal. Todos os indivíduos passam a ser reconhecidos como cidadãos com iguais direitos e deveres.

Pela lógica liberal, o papel do Estado, porém, é limitado a apenas garantir os direitos civis e políticos, não interferindo nas atividades econômicas dos indivíduos que competem entre si em condições de igualdade de oportunidades, as quais seriam asseguradas a todos pela liberdade. Contudo, a realidade do Estado liberal acentuou as desigualdades e as injustiças sociais com privilégios aos mais fortes economicamente.

Na contemporaneidade, a chamada cidadania clássica moderna entra em crise, tendo em vista a realidade pluralista da sociedade contemporânea, e a concepção da cidadania enquanto elemento intermediário entre sociedade e Estado vai sendo superada. Porém, é na contemporaneidade que a cidadania passa a se solidificar, mais do que em outras etapas anteriores.

A cidadania, enquanto entidade social se cristaliza através dos séculos, imersa na cultura e experiência histórica próprias de cada país, assumindo uma função peculiar no seio da formação social, dentro da qual ela emerge e se desenvolve. Ou seja, a cidadania é um produto social que exige tempo de maturação para aflorar e desabrochar. Enquanto processo, ela não é nem autônoma nem soberana, pois ao longo do seu percurso ela interage com outras entidades e processos sociais, como a

cultura, o Estado, o desenvolvimento econômico e político, entre outros (HAGUETTE, 1994, p. 17).

No atual contexto, a cidadania é fundamentalmente caracterizada pela sua expressão política e pela busca da criação de espaços sociais de lutas, manifestando a conquista e a consolidação da cidadania no âmbito social e político. Contudo, destaca-se a diferença estabelecida entre “cidadania passiva, outorgada pelo Estado, da cidadania ativa, na qual o cidadão, portador de direitos e deveres, é essencialmente criador de direitos para abrir novos espaços de participação política” (VIEIRA, 2000, p. 40). Cavalcanti (1999, p. 44) defende a ideia de que “[...] cidadão é aquele que exerce seu direito a ter direitos, ativa e democraticamente, o que significa exercer seu direito de, inclusive, criar novos direitos, ampliar outros”.

Ao lado do aspecto político da cidadania, enfatizado anteriormente, é importante salientar também o entendimento mais amplo no que se refere tanto à vida pública e às práticas formais/jurídicas de direitos e deveres, como também ao sentido ético de uma vida solidária e a prática cotidiana coletiva e individual. Desse modo, destaca-se a cidadania como processo cultural, a qual inclui direitos à igualdade e à diferença (CAVALCANTI, 1999).

Contudo, a realidade brasileira em torno da cidadania está muito aquém dos conceitos estabelecidos ao longo da história. A sociedade brasileira é constituída de uma maneira extremamente desigual e, de acordo com Santos (1998), os pobres e as minorias no Brasil jamais tiveram direitos e, portanto, jamais conheceram a cidadania. Além disso, Santos (1998) atrela as questões econômicas ao processo de exclusão da cidadania e assim “[...] uma história como a brasileira se desenvolve a partir da não existência da cidadania” (SANTOS, 1998, p. 151).

O contexto da realidade brasileira evidencia o papel centralizador das elites sociais através do domínio político e econômico tradicionalmente assegurados, e a filiação a uma concepção liberal burguesa de cidadania. Para Milton Santos, trata-se de “[...] uma cidadania mutilada, subalternizada, muito longe do que, habitualmente, em outros países capitalistas, define o instituto” (SANTOS, 2007, p. 37).

É importante ressaltar que, historicamente, a cidadania não foi dada a todos, mas socializada em determinados momentos históricos em função dos movimentos de base, o que possibilitou a inclusão social. Milton Santos (1998, p.148) afirma ainda que “a cidadania é

uma conquista lenta, dura”. Em sua concepção, ser cidadão “é ser como o estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado”. (SANTOS, 1997, p.134).

De acordo com Manzini-Covre, a Constituição de cada país é um instrumento de garantia para reivindicar e exigir a cidadania, isto é, seus direitos e deveres “(conteúdo do exercício da cidadania)” (MANZINI-COVRE, 1995, p. 82). A autora destaca ainda que “[...] só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaço, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão”. (MANZINI-COVRE, 1995, p. 82). Covre sintetiza ainda o conceito de cidadania como:

[...] o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homem(s) no Universo (MANZINI-COVRE, 1995, p. 82).

Dessa forma, o exercício da cidadania ativa e democrática, baseada a partir do seu sentido mais amplo – coletivo e emancipatório –, é entendido aqui enquanto a luta daqueles que compõem a cidade, e se concretiza no âmbito do cotidiano e na apropriação coletiva dos espaços, visto que um espaço somente se realiza como social quando é apropriado.

### **5.3 A produção acadêmica sobre a capoeira**

O subtópico em questão tem o objetivo de apresentar a produção acadêmica na pós-graduação em torno da temática sobre a capoeira. Especificamente, as informações foram coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que agrupa, ao todo, 759.782 produções acadêmicas (2022).

A escolha da BDTD como base de dados e fonte de pesquisa ocorreu tendo em vista o acesso a informações referentes à produção acadêmica em teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas.

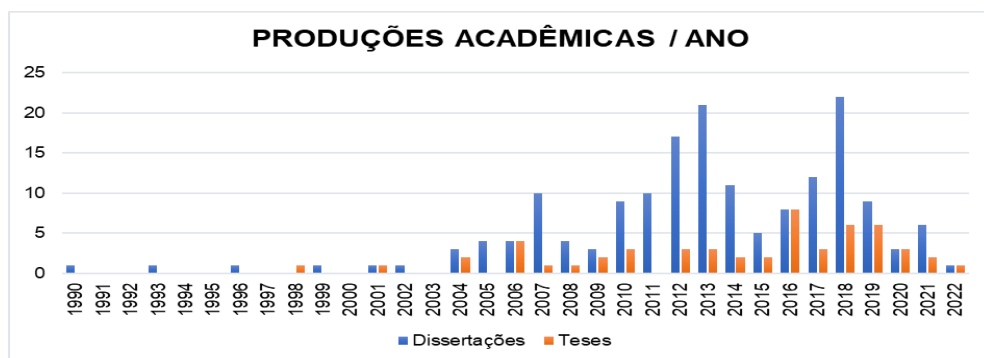
A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O acesso a essa produção científica é livre de quaisquer custos. A BDTD contribui para o aumento de conteúdos de teses e dissertações brasileiras na internet, o que significa a maior visibilidade da produção científica nacional e a difusão de informações de interesse científico e tecnológico para a sociedade em geral. Além disso, a BDTD também proporciona

maior visibilidade e governança do investimento realizado em programas de pós-graduação (BDTD, 2022, on-line).

As primeiras investigações foram realizadas ainda em 2022, através da busca pela expressão “capoeira”, na aba “assunto”. Levou-se em consideração toda a produção acadêmica existente na plataforma em relação à temática, pesquisada entre os anos de 1990 e 2022, cujos dados podem ser observados na Figura 12. No período, foram localizados 759.782 trabalhos publicados, entre teses e dissertações, dos quais apenas 237 contemplam a temática da capoeira. A partir dessa lista, alguns aspectos como o grau acadêmico, programas e instituições foram selecionados.

Analisando as publicações através da leitura dos resumos e palavras-chaves, foi possível observar em alguns trabalhos a utilização do termo capoeira<sup>16</sup> enquanto um tipo de vegetação secundária. No entanto, esta pesquisa compreende a capoeira como uma importante manifestação cultural afro-brasileira. Por isso, foram consideradas apenas as produções acadêmicas que atendessem a esse critério, isto é, 228 trabalhos, entre teses e dissertações. Foi identificado ainda que algumas pesquisas constavam mais de uma vez na lista e, por isso, as pesquisas em duplicidade não foram consideradas, restando um total de 220 publicações.

**Figura 12 - Variação da quantidade de teses e dissertações sobre capoeira no período analisado (1990 - 2022)**



**Fonte:** Catálogo de Teses e Dissertações da BDTD. Adaptado pela autora (2022).

<sup>16</sup> No dicionário Michaelis online (2023), a palavra capoeira tem como significados: ca-po-ei-ra: 1 Espécie de gaiola grande ou cubículo onde se alojam ou criam capões e outras aves. 2 O conjunto das aves mantidas em um desses cubículos ou gaiolas. 3 As aves domésticas consideradas em seu conjunto. 4 Qualquer local onde se criam aves. E ainda: 1 Terreno cujo mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outras finalidades. 2 Mato ralo, constituído por vegetação de pequeno porte, que nasce em terrenos esgotados e abandonados depois da derrubada de mata primária. Acrescenta: 1 Espécie de jogo, luta ou dança, ou de luta dissimulada sob a forma de dança, em que dois parceiros executam movimentos rituais circulares e descendentes, em esquiva, regidos pelo toque de berimbau.

Através das informações coletadas, é possível constatar que a maior parte das produções acadêmicas sobre a capoeira no período analisado (1990 - 2022) são dissertações, ao todo foram identificadas 167 produções nos diferentes campos do conhecimento, enquanto as teses somam apenas 53 trabalhos. A Tabela 1 evidencia detalhadamente as informações coletadas.

**Tabela 1 - Número de publicações sobre a capoeira no Catálogo da BDTD por ano no período de 1990 – 2022**

Ano	Dissertações (Mestrado)	Teses (Doutorado)	Total de Produções
1990	1	0	1
1991	0	0	0
1992	0	0	0
1993	1	0	1
1994	0	0	0
1995	0	0	0
1996	1	0	1
1997	0	0	0
1998	0	1	1
1999	1	0	1
2000	0	0	0
2001	1	1	2
2002	1	0	1
2003	0	0	0
2004	3	2	5
2005	4	0	4
2006	4	4	8
2007	10	1	11
2008	4	1	5
2009	3	2	5
2010	8	3	11
2011	10	0	10
2012	17	3	20
2013	21	3	24
2014	11	2	13
2015	5	2	7
2016	8	8	16
2017	12	3	15
2018	22	6	28
2019	9	6	15
2020	3	3	6
2021	6	2	8
2022	1	1	2
<b>Total</b>	<b>167</b>	<b>53</b>	<b>220</b>

**Fonte:** Catálogo de Teses e Dissertações da BDTD. Adaptado pela autora (2022).

Considerando o total de publicações acadêmicas relacionadas à temática da capoeira, observa-se que o ano com maior número foi 2018, com 28 produções; seguido por 2013, com 24; e 2012, com 20 trabalhos, entre teses e dissertações. Em relação ao quantitativo de dissertações investigadas, é possível constatar o maior número de publicações nos anos de 2013 e 2018, com 21 e 22 produções, respectivamente. Na terceira posição, encontra-se o ano de 2012, com um total de 17 dissertações.

O maior registro de teses foi encontrado no ano de 2016, com oito publicações, seguido de 2018 e 2019, ambos com seis. Analisando os dados da Figura 12 e da Tabela 1, é possível identificar que a totalidade de teses relacionadas à temática aqui estudada sempre foi inferior ao de dissertações. No que se refere ao registro de teses e dissertações, especificamente no âmbito da capoeira, é importante destacar um declínio nas publicações a partir do ano de 2020, possivelmente em função do impacto das condições pandêmicas causadas pelo COVID-19.

As produções referentes à temática da capoeira estão distribuídas em diversas Áreas do Conhecimento, organizadas nas Grandes Áreas, conforme estabelecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Consoante à CAPES, Grande Área é a aglomeração de diversas áreas do conhecimento, em razão da correlação dos seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais, levando em consideração o contexto sociopolítico específico.

Enquanto a Área do Conhecimento, ou Área Básica, é entendida como um conjunto de conhecimentos que se comunicam, coletivamente construídos, concentrados segundo a natureza do objeto de estudo, com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas. São as Grandes Áreas: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar. Através do Catálogo da BDTD, foi possível identificar as Áreas de Conhecimento de cada publicação e investigar as Grandes Áreas dos trabalhos vinculados à temática da capoeira (Tabela 2).

**Tabela 2 - Relação das produções em estudos no âmbito da capoeira a partir das Grandes Áreas do Conhecimento (1990 – 2022)**

<b>Grande Área do Conhecimento</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Produções</b>
CIÊNCIAS DA SAÚDE	Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.	35
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	Direito, Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Informação, Museologia, Comunicação e Serviço Social.	12
CIÊNCIAS HUMANAS	Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política e Relações Internacionais.	127
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	Linguística, Letras e Artes.	42
MULTIDISCIPLINAR	Interdisciplinar	4
<b>TOTAL</b>		<b>220</b>

**Fonte:** Catálogo de Teses e Dissertações da BDTD. Adaptado pela autora (2022).

Conforme se pode observar, a maior parte das produções relacionadas à temática da capoeira registradas no Catálogo da BDTD no período de 1990 a 2022 está vinculada à Grande Área do Conhecimento em Ciências Humanas, com 127 produções, o que significa 58% do total de publicações. Especificamente, as teses e dissertações se encontram nas áreas de Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política e Relações Internacionais.

A segunda Grande Área com maior número de produções, conforme a Tabela 2, é a de Linguística, Letras e Artes, representando um total de 19%; seguida das Ciências da Saúde, com 16%; Ciências Sociais Aplicadas, com 5%; e 2% em produções Multidisciplinares. Em relação às demais Grandes Áreas, como Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias e Ciências Agrárias, não foram localizadas publicações no Catálogo da BDTD no âmbito da capoeira.

A relação dos trabalhos produzidos sobre capoeira apresentados no Catálogo da BDTD demonstra ainda que maior parte da produção é realizada nas instituições públicas de ensino (Tabela 3), com predominância da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 43 produções, seguida da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com 21, enquanto a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) aparecem com 12 publicações, entre teses e dissertações.



**Tabela 3 – Instituições de Ensino Superior com maior número de produções sobre capoeira (1990 – 2022)**

Instituição de Ensino Superior – IES	Produções
Universidade Federal da Bahia – UFBA	43
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	21
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ	12
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	12
Universidade Federal do Ceará – UFC	10
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	9
Universidade de Brasília – UNB	9
Universidade Federal da Paraíba – UFPB	7
Outras	97

**Fonte:** Catálogo de Teses e Dissertações da BDTD. Adaptado pela autora (2022).

No que se refere às publicações da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Catálogo da BDTD sobre a temática aqui investigada, somente uma dissertação de mestrado em História foi localizada no período de 1990 e 2022, cujo estudo forneceu contribuições importantes para esta pesquisa, ao apresentar *Uma possível “simbiose”: vadios e capoeira em Alagoas (1878-1911)*<sup>17</sup>. Ainda, foi realizada uma investigação no banco de dados da BDTD em relação à produção acadêmica em torno da capoeira a partir do estudo geográfico em âmbito nacional (Tabela 4).

**Tabela 4 – Produção acadêmica sobre a capoeira a partir do estudo geográfico disponível no Catálogo da BDTD (1990 – 2022)**

Ano	Autor	Título	Instituto/programa	Palavras-chave
2018	MENEGHELLO, Danuza.	Na roda de rua de capoeira: o mercado público de Florianópolis e a resistência política.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia (Dissertação).	Capoeira; Roda; Resistência; Espaço Público.
2018	BARCELLINI, Mariana Leme Ferreira.	Narrativas de capoeiras por capoeiristas na moenda viva da territorialização do Estado brasileiro.	Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Dissertação).	Capoeira; Escravidão; Formação do Estado Nacional; Mobilidade do Trabalho; Recôncavo Baiano; Territorialização do Capital.
2019	OLIVEIRA, Elvis Reis de.	Iê, viva a capoeira, camará! Apropriação do espaço pela capoeira em Vitória/ES: consolidando a identidade cultural e ampliando a cidadania.	Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Geografia (Dissertação).	Capoeira; Território; Identidade Cultural; Cidadania.

**Fonte:** Catálogo de Teses e Dissertações da BDTD. Adaptado pela autora (2022).

<sup>17</sup> Cf. BARBOSA, G. B. *Uma possível “simbiose”: vadios e capoeiras em Alagoas (1878-1911)*. 2017. 129 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

A dissertação *Na roda de rua de capoeira: o mercado público de Florianópolis e a resistência política*, de Danuza Meneghello (2018), aborda a capoeira enquanto luta e manifestação cultural afro-brasileira. O trabalho apresenta como objetivo norteador a discussão do uso privado dos espaços públicos e a roda de capoeira como possibilidade de resistência e de conscientização política em Florianópolis e no mercado público da capital. Nesse sentido, foi traçada inicialmente uma reflexão acerca dos fundamentos do Grupo Capoeira Angola Palmares. Em seguida, foi realizado um histórico da Roda do Mercado e seu significado para a capoeira local e um breve panorama sobre a cidade de Florianópolis. Por fim, foi exercida uma investigação, através de entrevistas com os diferentes grupos sociais, para identificar se a roda de capoeira de rua pode ser compreendida como lugar de conflito e/ou resistência política.

Na dissertação de mestrado *Narrativas de capoeiras por capoeiristas na moenda viva da territorialização do Estado brasileiro*, por Mariana Leme Ferreira Barcellini (2018), a capoeira é discutida através da linhagem da Capoeira Angola do Recôncavo Baiano, especialmente na cidade de Santo Amaro. Desse modo, o estudo articula a história da capoeira às experiências vivenciadas no contexto da capoeira do Recôncavo Baiano. Em um resgate histórico, a pesquisa apontou a possibilidade de discutir criticamente, através da capoeira, a formação das relações de trabalho no Brasil.

Por outro lado, o trabalho *Iê, viva a capoeira, camará! Apropriação do espaço pela capoeira em Vitória/ES: consolidando a identidade cultural e ampliando a cidadania*, realizado por Elvis Reis de Oliveira (2019) através do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, analisou o processo de apropriação do território na cidade de Vitória pelos grupos de capoeira.

É evidente a ausência de trabalhos sobre a capoeira através de uma análise geográfica na Universidade Federal de Alagoas. Nesse sentido, cabe destacar que a Geografia, apesar de compor as Ciências Humanas – Grande Área do Conhecimento com maior número de publicações sobre a temática no período de 1990 a 2022 – ainda se apresenta de forma inexpressiva diante de outras áreas do conhecimento. Desse modo, a pesquisa em questão pretende contribuir para a valorização e reconhecimento da prática da capoeira enquanto elemento de produção espacial a partir da abordagem geográfica.

# A Trajetória da Capoeira Maceioense

---



## **6 A TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA MACEIOENSE: PRODUÇÃO ESPACIAL E PRÁTICA DA CIDADANIA**

Neste capítulo, será realizada a discussão relativa às narrativas produzidas pelos mestres<sup>18</sup> dos grupos de capoeira a partir das entrevistas e a historicização de suas trajetórias no mundo da capoeiragem.

### **6.1 Histórias e memórias dos mestres da capoeira em Maceió**

#### **6.1.1 Mestre Ventania – Grupo de Capoeira Raça**

Fernando Antônio Menezes Tavares, conhecido como mestre Ventania, nascido em 19 de junho de 1960, é graduado em educação física com licenciatura plena pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), possui especialização em treinamento de lutas e preparação de atletas. Iniciou a prática da capoeira quando garoto nas ruas de Salvador, lugar em que passou parte de sua infância, quando retornou a Maceió por volta do ano de 1975, buscando dar prosseguimento aos seus treinos.

Quando eu cheguei em Maceió, lembro de um rapaz chamado Márcio Sidnei no bairro do Prado. Ele ensinava a capoeira no quintal da casa dele, depois ele encontrou um espaço perto dele, e ensinava a capoeira no bairro do Prado, mas era somente para o pessoal da rua dele. Eu já entrei ali através de um amigo, porque eu não morava no Prado. Então a primeira pessoa a praticar capoeira aqui em Maceió, foi ele. A primeira pessoa que eu vi, foi ele. E nesse mesmo período, eu comecei no Santo Eduardo, no bairro do Poço. E foi no Santo Eduardo, em 1980 que surgiu o primeiro grupo de capoeira, o Salve Axé. Começamos o grupo e com pouco tempo, a gente colocou o nome de Salve Axé. Junto com o Índio que fazia capoeira também comigo lá com o Márcio Sidnei (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Ainda nos anos de 1980, mestre Ventania passou a coordenar as rodas de capoeira na Feirinha do Artesanato na Pajuçara.

---

<sup>18</sup> A divulgação da identidade dos entrevistados, fundamental a esta pesquisa, obteve prévia autorização por meio do Termo de Consentimento.

Ainda nos anos de 1980 a gente começou com as rodas de capoeira. Naquela época a gente começou a fazer as rodas de capoeira na praia de Pajuçara. Eu morava próximo e a gente começou a fazer as rodas capoeira. Depois, a gente juntou com o mestre Cláudio e começamos a fazer as rodas na Feirinha da Pajuçara, quase em frente ao antigo Iate Clube. Mestre Celso, na época, colocou uma barraca da capoeira vendendo berimbau e outros instrumentos, e aí, a gente conversou com o Celso para fazer a roda por ali. Foi na época também em que o mestre Cláudio começou a dar aula no SESC. Mestre Jacaré começou a dar aula no CEPA. Depois, o mestre Cláudio ficou dando aula no SESC junto do mestre Celso e a gente fazia as rodas de capoeira na Pajuçara. As rodas na Pajuçara eram legais porque vinha muita gente. E depois foram surgindo também outras pessoas na roda, como o pessoal do mestre Caveirinha que vinha da região da Santa Lúcia e Tabuleiro. O espaço da Pajuçara, a roda da Pajuçara era um espaço que aparecia gente de vários lugares, e também muitos turistas. A gente foi sofrendo influência de outras pessoas de fora. Gente que vinha de Pernambuco, por exemplo. Mestre Teté, que era de Pernambuco, e começou a visitar a gente aqui. Vinha sempre de passagem por aqui e a gente também fazia capoeira por lá. Mestre Adilson, na época, vinha de Brasília. Ele tinha um aluno que começou a treinar comigo no Santo Eduardo, então mestre Adilson vinha sempre. E outras pessoas (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Posteriormente, mestre Ventania foi convidado a integrar o Grupo de Capoeira Raça, fundada por Luís Antônio Oliveira Rocha, conhecido como mestre Medicina, na cidade de Muritiba, Bahia. O Grupo de Capoeira Raça difundiu-se em diversas cidades e estados brasileiros, inclusive em Maceió, com um número significativo de participantes. Atualmente, o Grupo de Capoeira Raça realiza suas atividades em diversos bairros.

Mestre Ventania é um dos precursores da capoeira em Alagoas, cujo trabalho é reconhecido através de importantes títulos como Prêmio Bambas do Ano (2017) e o Notório Saber Ancestral da Capoeira (2018). Ganhador do Prêmio Mandingueiros como Mestre destaque de Alagoas em duas edições, nos anos de 2017 e 2019. Foi ainda reconhecido através da Comenda Zumbi dos Palmares (2019), pelos esforços na difusão da história da capoeira e seus ensinamentos.

#### 6.1.2 Mestre Cláudio – Grupo Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares

Fundador do Grupo Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares, Severino Cláudio Figueiredo Leite, conhecido como mestre Cláudio, é professor de educação física com pós-graduação em treinamento esportivo, pós-graduação em educação física na educação escolar e pós-graduação em conscientização da cultura afro-brasileira. Iniciou a capoeira no Rio de Janeiro, sua cidade natal, aos 12 anos com mestre Mauro Pernetá.

Meu nome é Severino Cláudio Figueiredo Leite, tenho 67 anos. Sou professor de educação física e mestre de capoeira. Eu comecei a capoeira no Rio de Janeiro – eu sou carioca – aos 12 anos de idade com mestre Mauro Pernetá, que era aluno do mestre Soldado no Rio de Janeiro e que era aluno do mestre Gary. Em 1981, vim conhecer a terra do meu falecido pai, Alagoas. Me apaixonei e vim morar aqui em 1982. E nessa época, eu havia terminado a faculdade de educação física, fiz um concurso público pela Secretaria de Educação do Estado de Alagoas e passei (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Ao chegar em Maceió, no ano de 1982, mestre Cláudio passou a ministrar aulas na Escola Estadual Theotônio Vilela Brandão, no bairro do Poço. Além das aulas de educação física, ele também ministrava aulas de capoeira.

Comecei a trabalhar na Escola Théo Brandão em 1982 e dava aula de capoeira, voleibol, futsal e jazz. Em 1985 comecei a trabalhar com deficientes físicos na ADEFAL<sup>19</sup>, saindo da ADEFAL, eu fui para o CEPA<sup>20</sup>. No CEPA, implantei a capoeira nas onze escolas, com aproximadamente 350 alunos. Já em 1987 eu entrei para o SESC, e também a capoeira no SESC, com aproximadamente 230 alunos. Nesse período, viajei de volta para o Rio de Janeiro para fazer a especialização da cultura afro-brasileira com o Abdias Nascimento. Conseqüentemente, me afastei do SESC<sup>21</sup>, mas deixei o mestre Celso trabalhando em meu lugar até meados de 1993. Em 1995, eu retornei para o SESC e fiquei até 2001. Paralelo a isso, eu trabalhei entre 1984 a 1986 no Colégio Madalena Sofia com aulas de voleibol e aos sábados também com capoeira. Nesse período, o mestre Conde fazia capoeira comigo no Madalena Sofia e outros capoeiristas mais antigos. Em 1989 fui para Bahia e fiz um curso de complementação para o meu currículo de educação física, em específico, na área de capoeira pela Universidade Católica de Salvador e tive como professor o mestre Saci, que foi aluno do mestre Bimba. Entre 1989 e 1990, trabalhei no BOPE, ministrando o primeiro curso de especialização de operações especiais do BOPE. Então fui chamado pra trabalhar no CFAP<sup>22</sup>. Tive 600 alunos na Polícia Militar. As primeiras 236 mulheres que entraram na Polícia Militar, foram todas minhas alunas de capoeira com defesa pessoal. Nos anos seguintes, eu viajei para a Suíça e Itália. Quando voltei, entrei para a Polícia Militar. No final dos anos de 1990, voltei a trabalhar como professor no Estado até me aposentar. Sempre dando aulas de capoeira. Hoje, estou com 55 anos de capoeira e 67 anos de idade. Mas ainda não realizei o último sonho, que é ver todos os mestres, professores de capoeira lecionando nas escolas (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

---

<sup>19</sup> Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL).

<sup>20</sup> Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA).

<sup>21</sup> Serviço Social do Comércio (SESC).

<sup>22</sup> Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP).

**Figura 13 – Centro de Treinamento do mestre Cláudio nos anos 1990**



**Fonte:** Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (1994).

No que tange especificamente às aulas de capoeira, mestre Cláudio afirma que sua primeira academia foi no bairro de Jacarecica.

A primeira academia foi em 1988 em Jacarecica. Depois eu tive uma sede própria, no caso, um local que eu aluguei na Cruz das Almas e que, assim como o espaço em Jacarecica, foi muito conhecido em 1989. Eu fiz um cimentado na casa, pintei de branco. Era uma sede diferente em Maceió e que ninguém tinha. E em 1994 também na Cruz das Almas, na Rua da Cooperativa Brasil, um lugar lindo, todo apropriado (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

**Sobre o surgimento do Grupo Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares:**

Eu comecei a dar aula de capoeira em 1982, mas o primeiro nome de grupo foi em 1986, quando conheci o mestre Huck, que era alagoano, mas morava em Santos. Quando ele veio para Alagoas, passei a treinar com ele porque o meu primeiro mestre havia falecido, o mestre Mauro Pereira. Então, eu fui reconhecido aluno formado em 1987 com o mestre Hulk. Mestre Hulk foi quem colocou o nome do grupo de Netos de Escravos, mas quando eu passei a integrar o movimento negro, tomei consciência de que aquele nome não era bom, porque nós não éramos escravos, o nosso povo foi escravizado. Esse nome foi mantido até 1989, ano em que criei o grupo Quilombo Pôr do Sol dos Palmares, ativo até os dias de hoje, com atividades em Maceió, Murici, Branquinha, Rio Largo, Luziápolis, Barra de Santo Antônio, São Miguel dos Milagres e São Luiz Quitunde (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

**Figura 14 – Centro de Treinamento: mestre Cláudio**



**Fonte:** Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (1994).

Atualmente, além de coordenar todas as atividades desenvolvidas pelo Grupo Capoeira Quilombo Pôr do Sol dos Palmares, mestre Cláudio também é coordenador pedagógico do Projeto Ginga Capoeira, que é desenvolvido nas escolas públicas municipais de Maceió, numa parceria entre a Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC) e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) em convênio com o Governo Federal. O objetivo do projeto é desenvolver oficinas de capoeira nas escolas da Rede Municipal de Ensino, inserindo a cultura afro-brasileira no contexto escolar, colaborando com a formação educacional dos alunos.

### 6.1.3 Mestre Girafa – Grupo Muzenza de Capoeira

Marcelo José dos Santos Cardoso, conhecido como mestre Girafa, é aluno do curso de educação física da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), responsável pelo Grupo Muzenza de Capoeira em Alagoas

Me chamo Marcelo José dos Santos Cardoso, nasci em 07 de julho de 1970. Minhas primeiras memórias me levam ao bairro Jaraguá em Maceió/AL, lugar em vivi até os meus 7 anos. Mas foi no bairro do Bom Parto em que passei a maior parte da minha



infância e juventude e construí relações de afetividade. Por pertencer a uma família muito pobre, desde muito cedo precisei conciliar os estudos com o trabalho na venda do sururu e flau pelas ruas do Bom Parto para ajudar minha mãe nas despesas com meus irmãos mais novos (MESTRE GIRAFA – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Mestre Girafa iniciou a capoeira aos 12 anos, especificamente em 1982, com mestre Cláudio, na cidade de Maceió.

Eu conheci a capoeira dos anos de 1980. No meu bairro tinha uns homens que trabalhavam em construção civil. Acho que eram serventes de pedreiros que viajavam para a Bahia e quando eles voltavam, eles faziam alguns movimentos de capoeira que eles aprendiam lá... algumas pernadas e ficavam na rua. Aí, eu vi a capoeira, já no meu bairro. Era o Matraca, Abílio, Ronaldo Caçamina e outros que eu não lembro o nome. Mas tinha vários, inclusive já rapazes. Na época eles faziam essa capoeira e eram conhecidos como maloqueiro no bairro. Precisamente no ano de 1982, eu conheço a capoeira na Escola Théo Brandão com o mestre Cláudio. Conheço e treino em alguns dias, porque eu não podia ir treinar todos os dias. Era muito distante, eu morava no Bom Parto e ia a pé. Então eu fui algumas vezes treinar com o mestre Cláudio. Eu frequentava os dias normais de treino (MESTRE GIRAFA – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Logo, mestre Girafa começou a ministrar aulas de capoeira, mais precisamente no ano de 1989, ao fundar o Grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares.

**Figura 15 – Mestre Cláudio (à esquerda) e Marcelo (à direita)**



**Fonte:** Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (1994).

Em 1991, passou a integrar o Projeto de Educação Alternativa (Figura 16), na Ilha de Santa Rita, em Marechal Deodoro/AL, com aulas de capoeira destinadas às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Através do projeto, passei a buscar entender melhor o processo educativo e, como professor de capoeira, poderia contribuir para formação dos alunos envolvidos. A partir de então, passei a ampliar minha área de atuação ministrando aulas em diversos lugares da cidade de Maceió/AL, tais como, academias, centros de treinamentos, escolas, etc. (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

**Figura 16 – Projeto de educação alternativa com a capoeira**



**Fonte:** Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (1991).

Em 1995, ingressou no Grupo Muzenza de Capoeira, sendo reconhecido contramestre de capoeira no ano seguinte, em 1996. Nesse período, mestre Girafa começa a disseminar a capoeira alagoana para outros estados brasileiros e para outros países, ao participar de grandes eventos de capoeira pelo mundo.

Em 1999, mestre Girafa sofreu um acidente automobilístico e, devido à gravidade das lesões, amputou o membro inferior esquerdo. Foram dois anos de reabilitação, e atualmente ele usa uma perna artificial (prótese) que o auxilia nas atividades cotidianas. Apesar das

dificuldades, ele não parou a capoeira, inaugurando um Centro de Treinamento pouco tempo depois, no bairro do Clima Bom, em 2001.

Em 1999 sofri um acidente automobilístico, vindo a amputar uma das pernas. Foram dois anos acamado, com diversas infecções e muitas outras sequelas. Precisei reaprender a viver e a me adaptar às novas circunstâncias. Mas nunca desisti. E nesse processo, a capoeira me ajudou, pois foi uma terapia e uma reabilitação. Voltei a dar aulas de capoeira e fundei meu próprio centro de treinamento no Clima Bom, bairro da periferia de Maceió (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

**Figura 17 – Centro de Treinamento do Grupo Muzenza de Capoeira no Clima Bom**



**Fonte:** Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (2001).

Em 2001, coordenou a implantação da capoeira na Associação Pestalozzi de Maceió, que é direcionada à terceira idade e aos portadores de necessidades especiais. Este trabalho tornou-se um referencial para a capoeira adaptada, mantido até os dias de hoje. Foi também precursor do Dia da Capoeira e do Capoeirista a nível municipal e estadual, comemorados anualmente no dia 3 de agosto, sancionados em 2012 e 2014, respectivamente.

Ainda em 2001, ocorreu o seu reconhecimento enquanto mestre de capoeira, pelo presidente nacional do Grupo Muzenza de Capoeira, mestre Burguês. Outra forma de reconhecimento foi a comenda Zumbi dos Palmares, recebida em 2016 através da Câmara Municipal de Vereadores de Maceió, pelos serviços prestados à comunidade e pela promoção

e preservação da cultura afro-brasileira, além do Troféu Berimbau de Ouro em 2018, destinado aos destaques da capoeira no Brasil.

Foi através da capoeira que tive a oportunidade de viajar para diversos estados brasileiros e alguns países mundo afora divulgando a capoeira e a cultura brasileira, enquanto ferramenta de inclusão para portadores de necessidades especiais. Nesse processo, sempre busquei aprimorar meus conhecimentos voltados para a cultura e a identidade afro-brasileira. Mais tarde, compreendi que precisava voltar para a escola. Foi quando retornei aos estudos e concluí o ensino fundamental e médio por meio do EJA. Sempre tive o sonho de cursar o ensino superior e, inevitavelmente, pela minha história de vida enquanto professor e mestre de capoeira, escolhi a licenciatura por acreditar na educação como uma ferramenta indispensável para a transformação da história de vida dos indivíduos (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

No momento, o Grupo Muzenza de Capoeira em Alagoas, coordenado por mestre Girafa, desenvolve diversos trabalhos nos diferentes bairros da cidade de Maceió.

São 41 anos treinando e estudando a capoeira, de 1982 até agora. E hoje, como mestre de capoeira, tenho 22 anos de mestria. Me formei em 2001 e pertenceo atualmente ao Grupo Muzenza. Dentro do grupo, nós realizamos anualmente várias atividades como o Muzenzumbi Capoeira, o Grota Capoeira, a Copa Benedito Bentes, a Parada Cultural, Fé na Capoeira, Muzenzerê, que é um evento destinado às crianças, a Vigília do Berimbau na Serra da Barriga. Enfim, são diversos eventos que são feitos nas comunidades, principalmente nas periferias de Maceió. É um trabalho de muitos anos com a capoeira porque eu acredito na capoeira como instrumento de transformação de vida. E por isso, nunca desisti. (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

#### 6.1.4 Mestre Besourão – Escola Ubuntu da Capoeiragem

Ivanildo Antônio da Silva Santos, conhecido como mestre Besourão, é graduado em educação física com pós-graduação em metodologia do ensino da capoeira. Iniciou a prática da capoeira no final da década de 1980.

Meu primeiro contato com a capoeira foi na oitava, como dizem os antigos mestres. Minha mãe era raizeira no mercado da produção, na Levada e eu fazia muito mandado dela. Ia comprar mercadoria, entregar mercadoria e nessas idas e vindas pela Levada, no mercado do artesanato, no Mercado Público onde vende peixes e flores, eu sempre via algumas pessoas fazendo movimentos de capoeira. Eu via aquilo e quando chegava em casa começava a reproduzir isso. Então comecei a capoeira nesse sentido. No bairro onde eu moro, esses mesmos capoeiristas que ficavam no bairro da Levada, iam para a Brejal, Virgem dos Pobres, porque tinham alunos nesses conjuntos e ali faziam rodas de capoeira. E eu ia lá ver e ficava



treinando. Isso aconteceu entre os anos de 1987 e 1988. Mas eu só me oficializei em um grupo de capoeira em 1989 no Sesc Poço. Quem dava aula lá era o mestre Celso Lacerda e já tinha uma equipe com o mestre Durão, Queixada, enfim, muitos capoeiristas já frequentavam o espaço. E eu já entrei sabendo tocar, jogar... dentro do que eu ia vendo na rua. Não demorou muito, fui batizado e peguei a corda que antigamente era vermelha e verde. Depois disso, eu pedi autorização ao mestre Celso pra treinar perto de casa, na Praça Padre Cícero no espaço Dom Adelmo, que quem dava aula era um aluno dele, o Pedro Erlan, que hoje é o mestre Bode. Fazia parte da família Aluandê. Então, comecei a treinar com o Bode nesse espaço Dom Adelmo, no grupo Acauã. Com o tempo, esse grupo Acauã passou a ser supervisionado por um mestre de Pernambuco, o mestre Nenê do Ginga Brasil Capoeira, e nós tínhamos como tutor o mestre Berimbau, que foi quem deu todas as instruções pra gente entrar nesse novo grupo que era o Ginga Brasil (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Em 1994 mestre Besourão passou a ministrar aulas de capoeira, sendo reconhecido mestre em 2014, ano em que forma o seu primeiro grupo de capoeira.

Saímos do Ginga Brasil, mestre Berimbau e eu, e formamos a Escola de Capoeiragem. Foi o primeiro grupo que a gente formou em 2014, quando eu ganhei o reconhecimento de mestre. Em 2017 eu senti a necessidade de trilhar o meu próprio trabalho, fazer meu próprio trabalho. Foi quando fizemos uma adaptação, Escola Ubuntu da Capoeiragem, minha atual escola (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

A sede da Escola Ubuntu da Capoeiragem está localizada no bairro do Vergel, no conjunto Joaquim Leão. De acordo com mestre Besourão, no momento, a escola de capoeira também desenvolve suas atividades no bairro do Farol, especificamente na Pitanguinha, com um grupo de idosos (Figura 18).

**Figura 18 – Escola Ubuntu da Capoeiragem, coordenado por Mestre Besourão**



**Fonte:** Pesquisa direta (2023).

## 6.2 Identificação e espacialização geográfica dos grupos de capoeira em Maceió

A trajetória histórica da capoeira em Maceió está sendo construída e reinventada ao longo dos tempos. Conforme as informações coletadas em pesquisa de campo, o processo de institucionalização e ascensão de sua prática é recente e datam entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, com a criação do primeiro grupo de capoeira na capital alagoana, o Salve Axé.

Recorrendo à memória popular, existem relatos e até mesmo um consenso de que anteriormente a esse período e após a sua descriminalização em 1932, a capoeira no estado de Alagoas e, especificamente em Maceió, não deixa de existir, mas é vivenciada no cotidiano e nas ruas da cidade, não estando vinculadas a grupos ou academias.

Portanto, o processo de institucionalização da capoeira na capital alagoana é relativamente atual, se comparado com as cidades do Rio de Janeiro e Recife, por exemplo, e tem como seus precursores os mestres Ventania, Cláudio, Jacaré, Caveirinha e Tunico. Mestre Ventania, fundador do primeiro grupo de capoeira em Maceió, o Salve Axé e atual responsável pelo Grupo de Capoeira Raça em Alagoas, registra que:

Eu vi surgir algumas pessoas. O mestre Cláudio que ensinava na Escola Théo Brandão, depois apareceu o mestre Jacaré no Ouricuri, já com outro grupo também. E foi um dos primeiros grupos. Nessa mesma época, surgiu também o mestre Caveirinha, na região do bairro do Tabuleiro. [...] Então esses são os primeiros grupos. Desses grupos, foram surgindo outros. Depois eu me lembro que surgiu no outro extremo, a capoeira do CSU da Jatiúca com o mestre Tonico. Mestre Tonico apareceu lá no Santo Eduardo fazendo capoeira, magrinho e tal, e depois ele colocou a capoeira no CSU da Jatiúca. Logo em seguida, surgiu o mestre Marco Baiano também (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Sobre esse período, Mestre Cláudio também enfatiza:

No ano de 1982, quando eu implantei a capoeira na Escola Théo Brandão, foram aparecendo alguns capoeiristas que já sabiam alguns movimentos, como o Índio, que era do grupo Salve Axé no Santo Eduardo. Lembro também de um rapaz chamado Jorge Amélio, que não era mestre, mas ele ensinou capoeira durante um tempo no Museu Théo Brandão. Então eu sabia que exista capoeira em Maceió nesse período. Soube também que em meados dos anos 1978 havia um rapaz em Arapiraca chamado Lira e que deu aula de capoeira em Arapiraca. Soube também de um mestre da Bahia que passou por aqui trabalhando em uma construtora e ensinou capoeira por um tempo em uma academia no Jaraguá, na academia do Moura. Era

uma academia de judô. A primeira roda que eu participei em Maceió foi em 1983, na Feirinha da Pajuçara, que era organizada pelo pessoal do Salve Axé, com o mestre Ventania (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

A década de 1980 é marcada pela rápida expansão da capoeira na cidade, com diversas rodas de capoeira e apresentações:

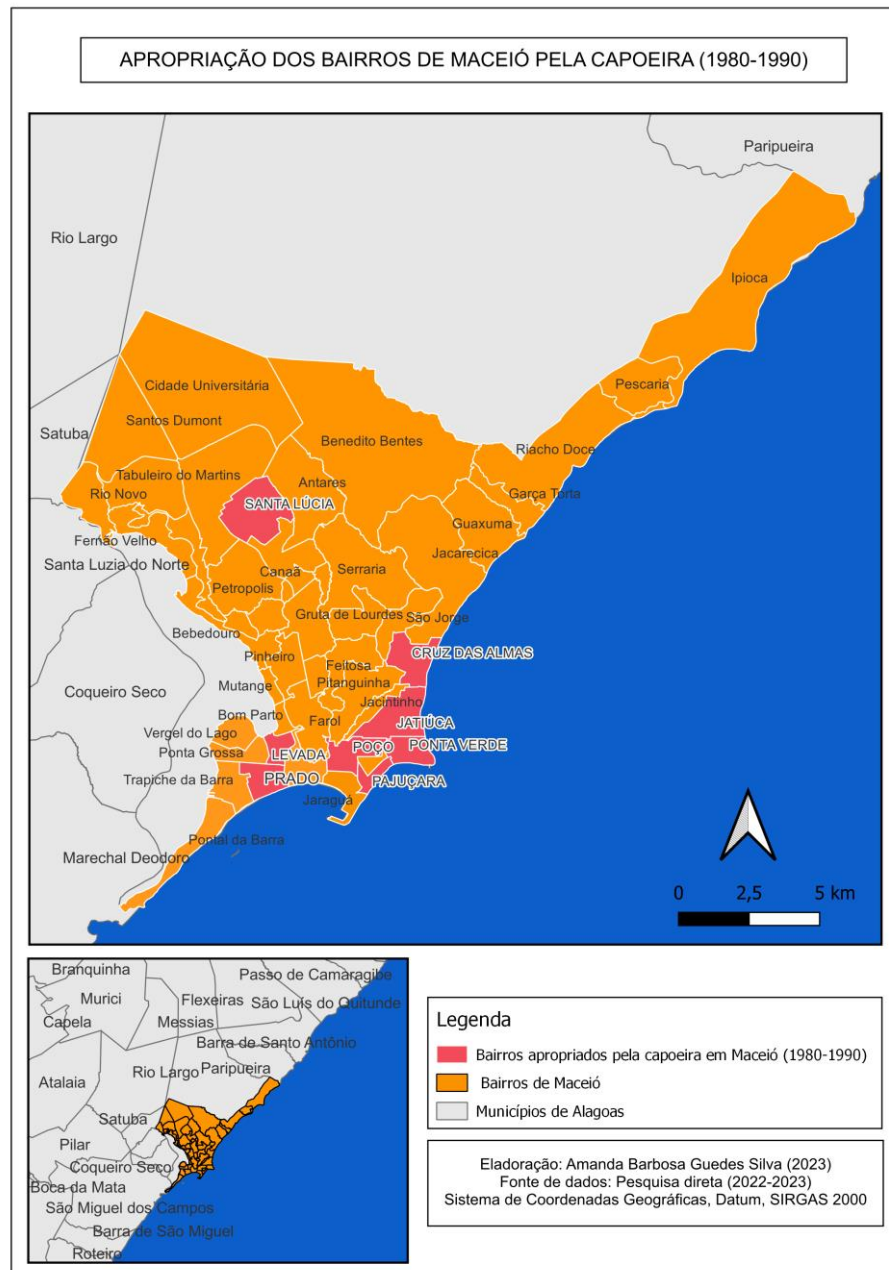
Em relação às rodas de capoeira em Maceió na década de 1980, nós tínhamos as rodas do Mercado, organizadas pelo mestre Jacaré, e na Feirinha do Artesanato da Pajuçara, com o mestre Ventania. Além desses dois lugares, eu criei dois espaços. Um deles era no Alagoinhas no sábado à tarde. E no domingo, nós fazíamos roda no Posto 7, conhecida também por muito tempo em Maceió. E na Praça Ganga Zumba na Cruz das Almas. [...] Nós tínhamos um grupo de apresentação também e a gente fazia apresentações em alguns hotéis de Maceió, como o Enseada Pajuçara, no Matsubara na Lagoa da Anta, e às sextas-feiras fazíamos shows no Hotel Bitingui em Japaratinga para divulgação da capoeira nesse período. (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Nos anos de 1980 nós tínhamos algumas rodas muito conhecidas em Maceió. Nós tínhamos as rodas no Mercado da Produção com o mestre Jacaré, que também realizava rodas de capoeira no Ouricuri no bairro do Prado. Rodas na Feirinha do Artesanato na Pajuçara com o mestre Ventania. Na parte alta da cidade, nós tínhamos as rodas de capoeira com o mestre Caveirinha na Santa Lúcia. E ainda, as rodas na Praça Ganga Zumba na Cruz das Almas, no Posto 7 na Jatiúca e na jangada do Fellini na Ponta Verde, próximo ao Alagoinhas, com o mestre Cláudio (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

A espacialização e a apropriação dos grupos de capoeira nos bairros de Maceió em meados dos anos de 1980 e 1990 podem ser melhor compreendidas a partir da Figura 19, construída através das narrativas dos mestres de capoeira entrevistados, as quais colaboram para desvendar os rastros e vestígios da presença da capoeira na capital de Alagoas.

De acordo com as informações coletadas, os principais bairros apropriados pela capoeira a partir da década de 1980 eram: Levada, Prado, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Cruz das Almas e Santa Lúcia. Em todos esses bairros eram desenvolvidas as rodas mais tradicionais da capital alagoana, muito mencionadas pelos entrevistados, que ressaltaram a função das rodas proporcionarem a reunião de capoeiristas de diversas regiões da cidade e até mesmo de outros estados brasileiros. Para mestre Girafa, “um ponto forte da capoeira em Maceió eram as rodas de capoeira abertas entre os anos de 1980 e 1990” (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

**Figura 19 – Apropriação dos bairros pela capoeira em Maceió (1980-1990)**



**Fonte:** Pesquisa direta. Elaborado pela autora (2023).

Através das narrativas registradas, é possível identificar ainda que a prática da capoeira em ruas e praças de Maceió no período estudado não foi coibida ou sofreu algum tipo de repressão, assim como a formação de grupos em escolas, associações comunitárias e centros sociais. Sobre essa questão, mestre Cláudio aponta que “para a realização das atividades em espaços públicos, nós nunca tivemos nenhum tipo de impedimento. Sempre tive



o apoio da população. A realização das rodas era um show, um espetáculo. Muitas pessoas vinham participar e olhar também” (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

As referidas rodas de capoeira na capital alagoana entre os anos de 1980 e 1990, porém, passaram a expressar as rivalidades e tensões entre determinados grupos e praticantes de capoeira, isto é, em muitas ocasiões, as rodas se converteram em espaços acirrados de disputas entre os capoeiristas.

Ainda de acordo com os depoimentos dos mestres, nesse período a capoeira maceioense não possuía identificação com um determinado tipo de jogo, isto é, nem com a Capoeira Angola e suas variadas vertentes, nem com a Capoeira Regional de mestre Bimba, mas era praticada a partir de um estilo de jogo próprio, influenciado, sobretudo, pelas vivências dos seus praticantes nas ruas de Maceió, o que evidencia o complexo processo de desenvolvimento histórico da capoeira. O contato com praticantes e grupos de outros estados foi também um fator de influência na capoeira maceioense nesse período.

Essa prática subalterna, que foi historicamente marginalizada e perseguida, em solo alagoano passa então a ampliar seu campo de aceitação e a atrair diversos adeptos e aprendizes das diferentes classes sociais, principalmente a partir da década de 1990, com a chegada dos chamados grandes grupos.

Mas os grupos de capoeira começaram a ter visibilidade nos anos de 1990, porque começou a se fazer uma divulgação dos grupos. Então foi uma invasão de grupos. Nesse período, surge o Grupo Muzenza de Capoeira, o Grupo de Capoeira Raça, o Grupo Candeias, Grupo Capoeira Brasil, entre outros. Vários grupos em que os mestres fundadores eram de outros estados brasileiros, mas começaram a vir para Alagoas. Então eram grupos que não haviam se originado aqui em Alagoas. Mas houve um crescimento e uma disseminação muito forte desses grupos em todo o Estado (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Com a ascensão da prática da capoeira na cidade de Maceió ao longo dos anos, especialmente entre os anos de 1990 e 2000, o campo de atuação dos grupos consequentemente se expandiu para além das regiões litorâneas e centrais da cidade, passando a ocupar, principalmente, os bairros periféricos mais distantes do centro, com diversas atividades nas comunidades e espaços públicos.

**Figura 20 – Roda de capoeira na Grota da Alegria – Benedito Bentes**



Fonte: Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (2002).

**Figura 21 – Roda da Vadiagem – Benedito Bentes**



Fonte: Acervo pessoal – Marcelo José dos Santos Cardoso (2005).

Tendo como referência o mapeamento realizado pelo IPHAN entre o período de 2019 a 2021, para reavaliação da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira, com vistas ao título de Patrimônio Cultural do Brasil, é possível identificar que a cidade de Maceió possui apenas 18 grupos e entidades cadastradas no Portal Capoeira, totalizando 149 capoeiristas entre alunos, professores e mestres.

Conforme as informações coletadas no Portal da Capoeira do IPHAN, foi possível organizar as informações apresentadas na Tabela 5.

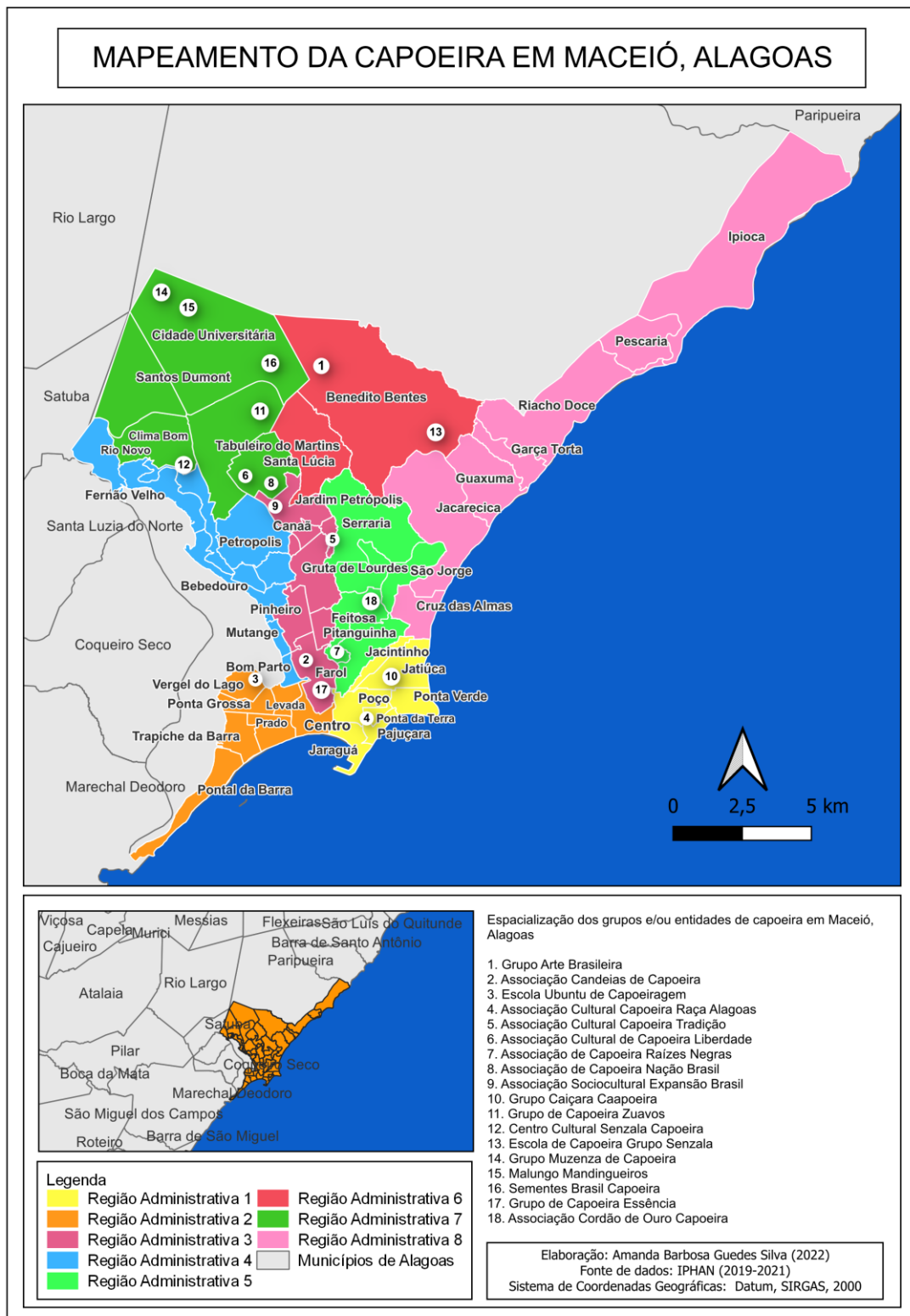
**Tabela 5 – Grupos e entidades cadastrados no Portal da Capoeira – IPHAN (Maceió/AL)**

	<b>Grupo/Entidade</b>	<b>Responsável</b>	<b>Localização/Bairro</b>
<b>01</b>	Grupo Arte Brasileira	Contramestre Jonas	Benedito Bentes
<b>02</b>	Associação Candeias de Capoeira	Mestre Lula	Farol
<b>03</b>	Escola Ubuntu de Capoeiragem	Mestre Besourão	Vergel do Lago
<b>04</b>	Associação Cultural Capoeira Raça Alagoas	Mestre Ventania	Ponta da Terra
<b>05</b>	Associação Cultural Capoeira Tradição	Mestre Minha	Ouro Preto
<b>06</b>	Associação Cultural de Capoeira Liberdade	Mestre Carlos	Santa Lúcia
<b>07</b>	Associação de Capoeira Raízes Negras	Mestre Veneno	Feitosa
<b>08</b>	Associação de Capoeira Nação Brasil	Mestre Paulo do Rato	Santa Lúcia
<b>09</b>	Associação Sociocultural Expansão Brasil	Mestre Virgulino	Jardim Petrópolis
<b>10</b>	Grupo Caiçara Caapoeira	Mestre Tamuia	Jatiúca
<b>11</b>	Grupo de Capoeira Zuavos	Mestre Petuti	Tabuleiro dos Martins
<b>12</b>	Centro Cultural Senzala Capoeira	Professor Veio	Clima Bom
<b>13</b>	Escola de Capoeira Grupo Senzala	Professor Cutia	Benedito Bentes
<b>14</b>	Grupo Muzenza de Capoeira	Mestre Girafa	Cidade Universitária
<b>15</b>	Malungo Mandingueiros	Mestre Mancha	Cidade Universitária
<b>16</b>	Sementes Brasil Capoeira	Contramestre Arapuá	Cidade Universitária
<b>17</b>	Grupo de Capoeira Essência	Mestre Marciano	Farol
<b>18</b>	Associação Cordão de Ouro Capoeira	Mestre Jr Gordo	Feitosa

**Fonte:** Dados do Portal da Capoeira – IPHAN. Organizado pela autora (2022).

A localização e distribuição espacial dos grupos de capoeira na cidade de Maceió, de acordo com as informações coletadas no Portal Capoeira do IPHAN (2019-2021), podem ser melhor compreendidas através do mapeamento demonstrado na Figura 22.

**Figura 22 - Mapeamento da capoeira em Maceió – IPHAN**



**Fonte:** Dados do Portal da Capoeira – IPHAN. Organizado pela autora (2022).

Analisando as informações coletadas no Portal da Capoeira do IPHAN referentes à espacialização dos grupos e/ou entidades de capoeira em Maceió, através da Tabela 5 e da Figura 22 é possível verificar que a Região Administrativa RA7 concentra a maior parte das entidades, com um total de sete grupos situados entre seus bairros, seguida da RA3, com quatro. As Regiões Administrativas RA1, RA5 e RA6, com dois grupos em cada uma delas, enquanto R2 apresenta apenas um grupo de capoeira.

Nas informações coletadas, não constam nenhum grupo ou entidade registrados nas Regiões Administrativas RA4 e RA8, conforme demonstrado na Tabela 6.

**Tabela 6 - Atuação dos grupos de capoeira por Região Administrativa de Maceió**

	REGIÃO ADMINISTRATIVA – RA	QUANTIDADE DE GRUPOS DE CAPOEIRA
<b>RA1</b>	Poço, Jaraguá, Ponta da Terra, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Mangabeiras	2
<b>RA2</b>	Centro, Pontal da Barra, Trapiche da Barra, Prado, Ponta Grossa, Levada e Vergel do Lago	1
<b>RA3</b>	Farol, Pitanguinha, Pinheiro, Gruta de Lourdes, Canaã, Santo Amaro, Jardim Petrópolis e Ouro Preto	4
<b>RA4</b>	Bebedouro, Chã de Bebedouro, Chã de Jaqueira, Bom Parto, Petrópolis, Sta. Amélia, Fernão Velho, Rio Novo e Mutange	-
<b>RA5</b>	Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, Serraria e São Jorge	2
<b>RA6</b>	Benedito Bentes e Antares	2
<b>RA7</b>	Santos Dumont, Clima Bom, Cidade Universitária, Santa Lúcia e Tabuleiro dos Martins	7
<b>RA8</b>	Jacarecica, Garça Torta, Cruz das Almas, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca	-

**Fonte:** Pesquisa direta. Elaborado pela autora (2022)

Além dos dados obtidos através do Portal da Capoeira do IPHAN, alguns contatos foram estabelecidos com as entidades de capoeira do estado de Alagoas, como a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (FECEAL), através do seu presidente, mestre Carlos, do Grupo de Capoeira Liberdade, para obtenção de dados e informações que pudessem ampliar o mapeamento ou até mesmo auxiliar o entendimento da espacialização dos grupos de capoeira em Maceió. A Tabela 7 demonstra os dados coletados no período entre 2021 e 2023.

**Tabela 7 – Relação de grupos de capoeira atuantes na cidade de Maceió (2021-2023)**

	<b>GRUPO/ENTIDADE</b>	<b>RESPONSÁVEL</b>	<b>BAIRRO</b>
01	Acauã Brasil	Mestre Bode	Vergel do Lago
02	Associação Cultural Berimbau de Ouro	Mestre Dumel	Benedito Bentes
03	Capoeira Alagoarte	Mestre Russo	Benedito Bentes
04	Grupo Aluandê Capoeira	Mestre Celso	Cruz das Almas
05	Angola Palmares	Mestre Marco Baiano	Riacho Doce
06	Grupo Caiçara Caapoeira	Mestre Tamuia	Jatiúca
07	Associação Candeias de Capoeira	Mestre Lula	Farol
08	Associação Cordão de Ouro Capoeira	Mestre Jr Gordo	Chã da Jaqueira
09	Grupo Cruzeiro do Sul	Mestre Cobra	Ipioca
10	Escola Ubuntu de Capoeiragem	Mestre Besourão	Vergel do Lago
11	Grupo de Capoeira Essência	Mestre Marciano	Pontal da Barra
12	Associação Sociocultural Expansão Brasil	Mestre Virgulino	Jardim Petrópolis
13	Grupo de Capoeira Filhos de Angola	Mestre Diamante Negro	Jacintinho
14	Capoeira Guerreiros	Mestre Rastafári	Tabuleiro dos Martins
15	Grupo Legado Capoeira	Mestre Coca e Mestre Tabica	Fernão Velho
16	Associação Cultural de Capoeira Liberdade	Mestre Carlos	Santa Lúcia
17	Grupo Mocambo dos Angoleiros	Mestre Aleluia	Santos Dumont
18	Grupo Muzenza de Capoeira	Mestre Girafa	Cidade Universitária
19	Associação Cultural de Capoeira Muarama	Mestre Rasteira	Cidade Universitária
20	Associação de Capoeira Nação Brasil	Mestre Paulo do Rato	Santa Lúcia
21	Grupo de Capoeira Ordem e Progresso	Mestre Caixinha	Benedito Bentes
22	Capoeira Angola Quilombola Arte e Cultura	Mestre Tunico	Ponta da Terra
23	Caa-puêra Quilombo Pôr do Sol dos Palmares	Mestre Claudio	Jacarecica
24	Associação Cultural Capoeira Raça Alagoas	Mestre Ventania	Ponta da Terra
25	Grupo Raízes Negras	Mestre Veneno	Feitosa
26	Instituto Sociocultural de Capoeira Resistência	Mestre Tatu	Tabuleiro dos Martins
27	Capoeira São Bento	Mestre João	Farol
28	Capoeira São Bento	Mestre Bolacha	Jatiúca
29	Associação Cultural Capoeira Tradição	Mestre Minha	Ouro Preto
30	Centro Cultural Yá Capoeira	Mestre D’Lua	Benedito Bentes
31	Grupo de Capoeira Zuavos	Mestre Petuti	Tabuleiro dos Martins
32	Escola Internacional de Capoeira Cadência Brasileira	Mestre Ovo	Feitosa
33	Capojutsu Fight Team	Mestre Mola	Feitosa
34	Grupo Arte Brasileira	Contramestre Jonas	Benedito Bentes
35	Coral Capoeiragem	Contramestre Preto	Tabuleiro dos Martins
36	Escola Brasil Capoeira	Contramestre Paciência	Farol
37	Grupo Gato Capoeira	Contramestre Cebola	Fernão Velho
38	Grupo de Capoeira Maré Cheia	Contramestre Tuta	Jacintinho
39	Grupo de Capoeira Moriá Brasil	Contramestre Bem-te-vi	Petrópolis
40	Grupo Nação Alagoas	Contramestre Envergado	Bebedouro
41	Grupo Raízes Alagoanas	Contramestre Thiago	Chã da Jaqueira
42	Sementes Brasil Capoeira	Contramestre Arapuá	Cidade Universitária
43	Grupo Tabuleiro de Bambas	Contramestre Aquático	Cidade Universitária
44	Centro de Capoeira Lua de São Jorge	Contramestre Denis	Garça Torta
45	Capoeira Baluarte	Contramestre Guará	Santa Amélia
46	Grupo Legião Brasileira de Capoeira	Mestrando Rico	Santa Lucia
47	Grupo Raridade Negra	Mestrando Caveira	Benedito Bentes
48	Centro Cultural Senzala Capoeira	Professor Veio	Clima Bom
49	Escola de Capoeira Grupo Senzala	Professor Cutia	Benedito Bentes

50	Grupo de Capoeira Renascer	Professor Negão	Santa Lúcia
51	Malungo Mandingueiros	Professor Sururu	Cidade Universitária
52	Centro Esportivo Ubuntu's Capoeira	Professor Meia Lua	Jatiúca
53	Grupo Águia Negra de Capoeira	Professora Sirlene	Jacintinho
54	Capoeira Terranossa	Estagiário Recruta	Cidade Universitária
55	Grupo de Capoeira Nagô – Alagoas	Instrutor Zulu	Cidade Universitária
56	Abadá Capoeira – Alagoas	Instrutor Morcego	Vergel do Lago
57	Grupo Ubuntu Capoeira	Instrutor Faísca	Prado
58	Grupo Lei Áurea	Monitor Perna	Benedito Bentes
59	Grupo de Capoeira Arca	Formado Júnior	Jacintinho
60	Grupo de Capoeira Raízes Alagoanas	Professor Sombra	Chã da Jaqueira
61	Capoeira Engenho Velho	Mestre Padre	Levada
62	Escola Prática de Capoeira	Mestre Peruca	Santa Lúcia
63	Escola de Capoeira Angola Ifé	Treinel Bigodinho	Cidade Universitária

**Fonte:** Pesquisa direta (2021-2023).

No levantamento realizado em pesquisa de campo, através das informações fornecidas pela FECEAL e do contato direto com os mestres e professores, foi possível identificar e mapear 63 grupos e/ou escolas de capoeira distribuídos pelos diversos bairros da cidade de Maceió. A partir dos dados coletados, observa-se que a quantidade de grupos na capital alagoana é bem mais expressiva do que aquela apresentada anteriormente pelo próprio IPHAN, o que demonstra que o mapeamento proposto não é uma tarefa fácil, e que só se tornou possível em função da rede de contatos estabelecida ao longo desta pesquisa.

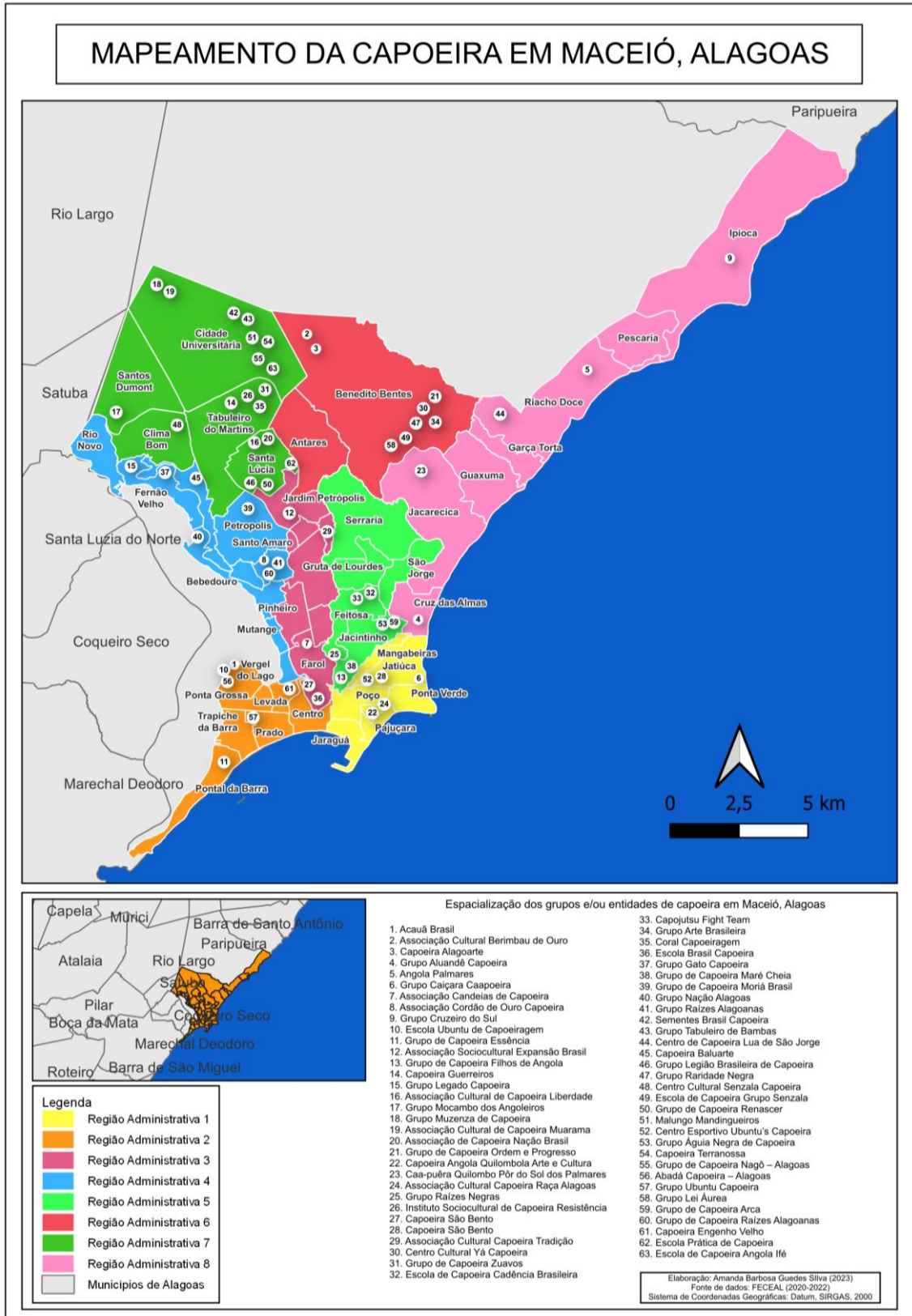
No que tange ao levantamento e identificação dos grupos de capoeira e sua espacialidade geográfica em Maceió, deve-se destacar que os dados são mutáveis, uma vez que, por diversos motivos, muitos grupos encerram suas atividades na cidade, ou são incorporados a outros grupos maiores.

Os dados de mapeamento dos grupos de capoeira quanto à sua localização consideraram apenas as sedes das entidades na cidade de Maceió, excluindo, portanto, suas ramificações. Dentre os principais articuladores, levando em consideração a hierarquia presente na capoeira, estão listados 36 mestres, 12 contramestres, 2 mestrados, 7 professores, 3 instrutores, 1 monitor, 1 formado, 1 graduado treinel e 1 estagiário, totalizando 63 grupos de capoeira identificados na capital alagoana atualmente.

A localização e a distribuição espacial dos grupos de capoeira em Maceió, identificados entre os anos de 2021 e 2023, podem ser melhor compreendidas por meio da Figura 23.



**Figura 23 – Relação de grupos de capoeira atuantes na cidade de Maceió (2021-2023)**



**Fonte:** Pesquisa direta. Elaborado pela autora (2023).



A Tabela 8 demonstra a distribuição dos grupos de capoeira de acordo com a relação entre localização geográfica e Região Administrativa.

**Tabela 8 – Atuação dos grupos de capoeira por Região Administrativa de Maceió (2021-2023)**

	<b>REGIÃO ADMINISTRATIVA – RA</b>	<b>QUANTIDADE DE GRUPOS DE CAPOEIRA</b>
<b>RA1</b>	Poço, Jaraguá, Ponta da Terra, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Mangabeiras	5
<b>RA2</b>	Centro, Pontal da Barra, Trapiche da Barra, Prado, Ponta Grossa, Levada e Vergel do Lago	6
<b>RA3</b>	Farol, Pitanguinha, Pinheiro, Gruta de Lourdes, Canaã, Santo Amaro, Jardim Petrópolis e Ouro Preto	5
<b>RA4</b>	Bebedouro, Chã de Bebedouro, Chã de Jaqueira, Bom Parto, Petrópolis, Sta. Amélia, Fernão Velho, Rio Novo e Mutange	8
<b>RA5</b>	Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, Serraria e São Jorge	7
<b>RA6</b>	Benedito Bentes e Antares	8
<b>RA7</b>	Santos Dumont, Clima Bom, Cidade Universitária, Santa Lúcia e Tabuleiro dos Martins	19
<b>RA8</b>	Jacarecica, Garça Torta, Cruz das Almas, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca	5

**Fonte:** Pesquisa direta. Elaborado pela autora (2023)

Diante do contexto apresentado a partir dos dados coletados através da pesquisa de campo, é possível observar que a capoeira está distribuída praticamente em todos os bairros da capital alagoana.

Observa-se ainda que, assim como nas informações obtidas no Cadastro Nacional da Capoeira do IPHAN no Portal da Capoeira, a maior quantidade de grupos está localizada na Região Administrativa RA7, com um total de 19 grupos (Tabela 8); seguida da RA6 e RA4, ambas com oito. Enquanto RA5 consta um registro de sete grupos de capoeira e RA2 com seis. Por fim, RA1, RA3 e RA8 aparecem com um registro de cinco grupos em cada uma.

Entretanto, os bairros com o maior número de grupos ou entidades de capoeira são o Benedito Bentes e Cidade Universitária, ambos com um registro de oito grupos, seguidos do bairro da Santa Lúcia, com um total de cinco grupos. Em sequência, aparecem os bairros do Tabuleiro dos Martins e Jacintinho, ambos com quatro registros de grupos ou escolas de capoeira até o momento desta pesquisa.

### **6.3 Algumas considerações sobre a produção do espaço geográfico da cidade de Maceió pela capoeira e a prática da cidadania**

Através do levantamento bibliográfico e da pesquisa de campo, identificou-se que não é possível afirmar quando a capoeira surge em Alagoas e, especificamente, em Maceió. No entanto, as notas publicadas em jornais e as páginas policiais veiculadas pela imprensa alagoana a partir de 1834 dão indícios de que a capoeira esteve presente nas ruas da capital desde outrora.

No que tange à capoeira de forma institucionalizada, existe um consenso entre os capoeiristas alagoanos – sobretudo, os mais velhos –, de que os mestres Ventania, Cláudio, Jacaré, Caveirinha e Tunico exerceram um importante papel na difusão da capoeira no Estado, instituído os primeiros grupos e entidades. Nesse processo, outros importantes mestres e praticantes construíram uma trajetória de relevante contribuição para o desenvolvimento e a divulgação da capoeira maceioense, tais como mestre Celso, mestre Coca, mestre Bené, mestre Marinho, mestre Russo, mestre Diamante Negro, mestre Gato, e ainda Carlos Capoeira, Índio, Canoa, Durão, Gere, dentre tantos outros.

A partir de então, a capoeira em Maceió passa a se expandir e se apropriar dos diferentes espaços da cidade, constituindo um sentimento de pertencimento, resgate cultural e social para pessoas das diferentes faixas etárias. Portanto, pode-se dizer que os grupos de capoeira atuantes na capital alagoana na atualidade fazem parte e são resultantes desse processo vivenciado especialmente em meados da década de 1980 e 1990.

Na intenção de melhor compreender a produção espacial pela capoeira em Maceió, foram destinadas aos mestres entrevistados algumas questões referentes aos espaços utilizados pelos grupos e entidades para a realização das suas atividades como rodas, aulas, treinos e demais eventos, e se há algum critério que determine a escolha.

Nesse sentido, mestre Girafa informa que:

Atualmente, o nosso grupo tem trabalho em alguns bairros de Maceió, como no Feitosa, Jacintinho, na Serraria, Antares, Benedito Bentes, Santa Lúcia e Eustáquio Gomes, mas também no Cruzeiro do Sul em Rio Largo, e em outros municípios, como Barra de São Miguel, São Miguel dos Campos, União dos Palmares, Satuba, Água Branca, no alto sertão. E nós fazemos rodas em todos esses bairros. Nós temos atuação na cidade de Maceió e em cinco municípios alagoanos, além de atuarmos em outros estados como Pernambuco e Bahia, ou seja, temos alguns núcleos de

treinamento nesses estados e também fora do Brasil, atualmente em Israel. Não temos sede própria, então nossas atividades de treino, aulas e vivências ocorrem em associações comunitárias, em praças ou em escolas públicas que são cedidas. Já as nossas rodas são sempre realizadas nas praças, nas feiras, nas grotas desses bairros pelo menos uma vez por mês, mas em alguns casos, semanalmente. Por exemplo, no Benedito Bentes nós já atuamos há muito tempo e fazemos várias rodas e até mesmo grandes eventos como na praça das Oliveiras no Alto da Alegria, na entrada do conjunto Cidade Sorriso, na feira do Benedito Bentes, na Grotta da Alegria, na praça Padre Cícero. Atuamos sempre nas periferias. A escolha da periferia como lugar de atuação ocorre pela necessidade que o Grupo Muzenza tem em levar cultura para o nosso povo. Uma vez ou outra fazemos roda na praia para divulgar o trabalho do grupo (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

**Figura 24 – Roda de capoeira na praça Padre Cícero – Benedito Bentes**



**Fonte:** Acervo pessoal – Amanda Barbosa Guedes Silva (2018).

No caso da Escola Ubuntu da Capoeiragem, coordenada pelo mestre Besourão:

As rodas e demais atividades são realizadas na nossa academia ou nas praças. Tem uma praça, em especial, que a gente sempre faz roda, que é a praça Santa Tereza. Já é uma tradição na Zona Sul de Maceió fazer roda nesse espaço. A praça está em reforma, sendo revitalizada, então passamos a fazer roda na praça Padre Cícero que também foi revitalizada. Então essas duas praças na Zona Sul de Maceió é uma tradição a realização de rodas de capoeira. [...] O outro espaço que nós realizávamos atividade é o núcleo cultural da Zona Sul, o famoso Mar e Pesca. Dei aula nesse espaço por muito tempo, mais de dez anos, e hoje nós estamos com a sede própria, mas continuamos ocupando as praças na Zona Sul para a realização das nossas rodas. Então tudo isso é no bairro do Vergel, Ponta Grossa e adjacências. [...] A

estratégia é essa, é centralizar na periferia (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

**Figura 25 – Atividade realizada na orla da Laguna Mundaú – Vergel do Lago<sup>23</sup>**



**Fonte:** Acervo pessoal – Ivanildo Antônio da Silva Santos (2023).

Em relação ao Grupo de Capoeira Raça, mestre Ventania aponta que:

Realizamos atividades no Tabuleiro, no Santos Dumont, no Santo Eduardo e em Paripueira, que é a grande Maceió. E no Trapiche também com o mestre Muruim. E fazemos roda na Pajuçara, em Paripueira, próximo ao Santo Eduardo, Ponta Verde, no Tabuleiro e Farol (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Através dos depoimentos dos mestres, é possível identificar a tendência histórica em relação à apropriação dos espaços públicos da cidade de Maceió, como ruas e praças na realização das diversas atividades desenvolvidas pelos grupos de capoeira, dentro da comunidade a qual estão inseridos. De acordo com Corrêa (1995), o espaço urbano é um campo de lutas constituído por diferentes usos, os quais caracterizam a organização espacial

<sup>23</sup> Projeto Ubuntu desenvolvido pela Escola Ubuntu da Capoeiragem, destinado a crianças e adolescentes.

da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Assim, o espaço urbano passa a ser um reflexo e um condicionante social.

Os relatos dos entrevistados e as pesquisas bibliográficas sobre o processo de constituição da capoeira evidenciam a relação histórica dessa manifestação cultural com os espaços de livre acesso. Desse modo, é possível traçar um comparativo da capoeira desenvolvida atualmente na cidade de Maceió e daquela vivenciada a partir do século XIX, sobretudo nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, cuja prática ocorria nas ruas, praças, becos e vielas, apesar de sua proibição definida por meio do Código Penal da República de 1890.

Isto é, apesar de a capoeira maceioense, por meio dos seus grupos, estar inserida em espaços como escolas, academias, centros comunitários e diversas outras instituições em ambientes fechados com acesso restrito ou privativo desde a década de 1980, com a profissionalização e o processo de institucionalização, essa manifestação cultural continua ocupando as praças, ruas, parques e demais espaços públicos com acesso livre à população. Isso pode ser verificado por meio dos grupos aqui pesquisados, o que não exclui, por exemplo, as ações desenvolvidas por outros grupos e federações de capoeira nos diferentes espaços de livre acesso à população maceioense.

No que tange aos critérios que determinam a escolha dos lugares, observa-se a inclinação em relação à apropriação dos espaços com grande circulação de pessoas, propiciando maior visibilidade aos grupos e às suas atividades. Outro fator de importante relevância é a proximidade desses lugares com a comunidade à qual o grupo pertence.

Um dos fatores que influenciaram a escolha desses locais é porque é perto da comunidade, uma vez que desde 1994 que eu trabalho com a comunidade. Então tem esse processo de pertencimento da Zona Sul. [...] Esse local, a praça Santa Tereza é escolhida justamente por centralizar esses bairros periféricos como o Trapiche, Vergel, Ponta Grossa, Prado, Levada. Então, é de fácil acesso. Sem falar também que a praça é ampla. E agora, a praça Padre Cícero também dando esse suporte com um espaço bem legal para as rodas de capoeira (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Bem, no Santo Eduardo foi onde eu comecei a dar aulas e onde surgiu o Salve Axé nos anos de 1980. Já as rodas na Pajuçara eu comecei a fazer porque eu morava na região da Pajuçara. Os outros locais foram escolhidos porque os alunos começaram a dar aula. Moravam nesses bairros e começaram a dar aula em espaços nesses mesmos bairros. Ou seja, no Santos Dumont com um aluno que já morava lá, no Tabuleiro também. Então os meninos foram se espalhando e os lugares de treinamento também. A gente deu aula também no Benedito Bentes com outra turma

que morava na região. Então são esses os fatores (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Nesse sentido, deve-se destacar o apoio imprescindível de parte da população local, que não apenas prestigia as atividades, mas também, em alguns casos, contribui financeiramente para a manutenção dos grupos, visto que muitos deles não recebem nenhum tipo de incentivo ou apoio por parte do Estado. No entanto, a grande maioria dos grupos se mantém com recursos próprios.

Em relação à concessão de apoios financeiros aos grupos, mestre Ventania aponta que “[...] esse tipo de apoio é difícil. É difícil a gente conseguir apoio até para os eventos realizados através da capoeira. Até hoje é uma dificuldade grande” (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Além da visibilidade e da proximidade com a comunidade local mencionadas, mestre Cláudio enfatiza a estrutura adequada enquanto um dos fatores determinantes de escolha dos espaços públicos para a prática da capoeira.

Os fatores que influenciaram a escolha dos espaços foi primeiro por oferecer uma estrutura mais adequada, mas eu posso dizer também que por ser ponto turístico. Então nas rodas que eu realizava, eu recebia muita gente tanto de Maceió, como de outros estados, inclusive de outros países e que jogavam nessas rodas. Além das pessoas que vinham para observar o movimento da capoeira. Outro fator que influenciou bastante foi a questão de que eu morava próximo ao Posto 7, na Jatiúca (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Por outro lado, mestre Girafa ressalta a apropriação realizada pelo Grupo Muzenza de Capoeira dos espaços localizados nas periferias de Maceió.

Bom, eu acho que os fatores que influenciam a escolha desses lugares estão relacionados à prática da capoeira e de como ela surge na história. Ou seja, a capoeira surge da marginalidade e do preconceito, como luta por liberdade, por uma vida digna e encontra espaço nas grandes periferias, nos locais onde as pessoas têm menos acesso à educação, tem menos acesso à cultura ou a esportes. Então nós levamos isso em consideração. A capoeira precisa estar onde o seu povo está. E muitos mestres começaram a desenvolver trabalhos de capoeira em comunidades pobres, até mesmo sem cobrar nada em projetos sociais. A escolha desses locais faz parte das características da capoeira. Isso não quer dizer que a capoeira também não esteja nos bairros da classe média. Mas, a grande maioria dos praticantes da capoeira hoje, principalmente no Nordeste, e especificamente em Maceió, está na periferia. Então a escolha é natural porque a capoeira nasce desse contexto social marginalizado, discriminado, e ela encontra apoio das camadas mais pobres da sociedade. A escolha desses lugares talvez ocorra de forma espontânea, mas eu

acredito também no caráter de ligação ancestral com a capoeira (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

No entanto, apesar do apoio encontrado em parte da comunidade local, os depoimentos dos entrevistados apontam algumas das dificuldades enfrentadas no cotidiano dos grupos de capoeira.

As dificuldades enfrentadas pelo grupo são aquelas de sempre. Dificuldade para encontrar um espaço, no caso quem não tem o seu espaço próprio. A dificuldade de arranjar apoio, a dificuldade de encontrar incentivos. Essa coisa toda. São vários empecilhos, mas a gente vai batalhando, conseguindo justamente com o coletivo. Eu acho que hoje em dia está melhor. Nós, tanto no grupo como a capoeira em si, temos caminhado para frente. (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Por se tratar de um trabalho em uma comunidade periférica, a maior dificuldade que eu encontro hoje é justamente o tráfico de drogas, uma vez que essas crianças, quando não estão na capoeira, elas mal vão para a escola e se tornam sempre alvo fácil para serem aviõezinhos ou até de usarem drogas. Então a maior dificuldade que eu sinto hoje, na minha comunidade, é esse enfrentamento. [...] Então eu acredito que a maior dificuldade que eu encontro hoje como profissional é justamente essa, a questão do tráfico de drogas. (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Ainda vivenciamos de maneira muito forte na capoeira o preconceito, o racismo, a intolerância. Isso é uma barreira muito grande que a gente ainda enfrenta, mas eu tenho certeza que a gente vai vencer porque a gente está levando educação para as crianças, para os jovens e adolescentes através da capoeira. Transformação de vida. (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Eu acho que as principais dificuldades vivenciadas pelos grupos de capoeira ainda estão enraizadas na sociedade. A capoeira ainda é vista como uma arte marginal. A capoeira, por ser intimamente ligada à história do povo negro, ainda sofre vários preconceitos dentro da sociedade. E, em alguns lugares, a capoeira ainda é vista como prática marginal. Então essa é uma dificuldade que os capoeiristas, não só de Maceió, mas no Brasil inteiro, ainda precisa combater. O preconceito, o racismo e a discriminação ainda fazem parte do contexto da nossa sociedade, principalmente por não conhecer essa manifestação cultural que é a capoeira. Essa é a grande dificuldade. Além da falta de apoio e incentivos públicos no desenvolvimento de projetos destinados especificamente à capoeira, para valorização da capoeira e dos seus mestres (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Ainda de acordo com as narrativas apresentadas pelos entrevistados, apesar das dificuldades acima apresentadas, não há ou não foi identificado atualmente nenhum tipo de impedimento ou resistência no que se refere à apropriação ou uso dos espaços públicos pela



capoeira, principalmente em função da estreita relação estabelecida entre os grupos e a comunidade local, apesar da perseguição historicamente estabelecida à capoeira, conforme apresentado ao longo deste trabalho.

Os eventos ou rodas ou alguma outra ação que a gente faz, sempre tem o apoio da própria comunidade, que é comerciante. Então a comunidade é toda inserida nesse processo com a nossa escola. A gente tem essa parceria com a comunidade, essa boa aceitação da comunidade (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Nos espaços que o grupo ocupa, nós não vimos ou temos nenhuma resistência, nada que impedisse nossas atividades de serem realizadas. Até porque nós somos um grupo com um longo trabalho conhecido e reconhecido na comunidade. Então, até hoje nós não tivemos essa dificuldade ou algo que nos impedisse de desenvolver as atividades nas comunidades e nos locais em que o grupo está inserido. Eu acho justamente que hoje a capoeira está mais consolidada, mais conhecida. Isso poderia ter sido há alguns anos ou no começo da capoeira em Alagoas. Mas hoje, pelo menos em relação ao Grupo Muzenza, nós não tivemos nenhum tipo de empecilho para desenvolver nossas atividades (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Em relação às possíveis contribuições da capoeira às comunidades locais, enfatizam que:

Primeiramente, a capoeira inserida na comunidade faz essa manutenção da qualidade de vida de quem a pratica. Também faz a manutenção da salvaguarda da cultura local, uma vez que a Escola Ubuntu da Capoeiragem não trabalha somente a capoeira, mas em outros segmentos afro-culturais como maculelê, o samba de roda, a puxada de rede. Trabalhamos também com oficinas de confecção. Tanto confecção de instrumentos de capoeira, como também de artesanato em geral. Enfim, nós temos algumas parcerias também. Parcerias com algumas instituições que vêm dar esse fomento de ações afirmativas para a comunidade. [...] A capoeira tem como principal instrumento a transformação e a formação humana. Então a própria oralidade, a própria ancestralidade, a africanidade contida na capoeira, educa. Ela sempre vai ser usada como ponte pra esses valores civilizatórios dentro das comunidades que atua. A capoeira é um forte instrumento sociocultural pedagógico. E é visível suas contribuições às crianças, adolescentes, adultos e principalmente aos idosos (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Através da cultura da capoeira que a gente consegue fazer com que as pessoas se identifiquem com outras culturas e valorize, principalmente, a cultura alagoana. [...] A gente coloca dentro das comunidades que atuamos, essa cultura da capoeira, os saberes da capoeira. Porque a capoeira, além de tudo ela forma cidadão. Então só isso é uma das contribuições para a comunidade local. É ensinar a ser cidadão acima de tudo (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).



A capoeira é uma prática transformadora e suas contribuições à comunidade local são inúmeras. Aqui eu posso citar algumas. Uma das contribuições que o grupo de capoeira oferece pra comunidade local é o combate à violência tão presente nas periferias de Maceió. Outra importante contribuição é a formação de cidadão política e socialmente conscientes e críticos. O sentimento de pertencimento, que é resultado da formação da identidade cultural, colabora para a busca por melhorias sociais. Então essa contribuição é fundamental para as comunidades, principalmente nas regiões periféricas, onde o Estado dificilmente chega. Nós, a capoeira e os capoeiristas, estamos lá (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

E acrescenta:

Eu acredito que quando a capoeira ocupa um espaço na sua comunidade, essa utilização fortalece a questão de uso coletivo, fortalece a questão do pertencimento ao lugar e fortalece também a identidade cultural, ou a própria construção dessa identidade. A utilização desses espaços fortalece ainda o cuidado e o respeito dentro da comunidade para a manutenção desses lugares e para que ele seja acessível a todos. A apropriação que a capoeira faz fortalece os espaços da comunidade dando um caráter coletivo e também de pertencimento (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Os depoimentos evidenciam não apenas o caráter coletivo dos espaços apropriados, mas, sobretudo, revelam o fortalecimento ou a consolidação da identidade cultural a partir da prática da capoeira e a dimensão afetiva na produção do espaço geográfico, o qual deve ser compreendido através do conteúdo a ele agregado pelos indivíduos que, de alguma forma, inscrevem ali a sua história (SANTOS, 2006). Para além da identidade comum a todos os capoeiristas, no âmbito do cotidiano de grupo, existe a formação de uma identidade específica ao grupo a qual os sujeitos pertencem, isto é, cada grupo possui uma organização própria, uma conduta a ser seguida.

Em relação aos objetivos e às intencionalidades de apropriação dos espaços da cidade de Maceió, destaca-se a importância da democratização do acesso à cultura como elemento fundamental para a transformação social, principalmente nas regiões periféricas e mais distantes dos centros. É importante salientar ainda o papel fundamental exercido pela capoeira, manifestação cultural afro-brasileira, como uma ferramenta que aproxima os seus praticantes e expectadores à história de luta e resistência do povo negro.

Bom, no caso do Grupo de Capoeira Raça, essa apropriação dos espaços é para divulgação da capoeira e da cultura afro-brasileira. A gente faz pra realizar nossa atividade e desenvolver a cultura da capoeira (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Então, é para divulgar o trabalho, principalmente os novos capoeiristas que foram apresentados para comunidade, fazer essa divulgação da cultura, essa massificação. Mostrar também essa questão da salvaguarda da capoeira no bairro e também fortalecer a cultura do bairro. Uma vez que na praça a gente sempre está fazendo a interação com outros grupos que é o hip-hop, o Bumba Meu Boi, entre outros. Então a gente sempre está fazendo essa divulgação e eu não chamo nem de divulgação, mas sim uma manutenção constante da cultura local, da cultura do bairro (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Acho que nessa questão dos espaços ocupados pelo grupo, a nossa proposta é tornar cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos, atuantes na sociedade também. A nossa intenção é que através da capoeira a gente possa conscientizar os meninos e as meninas, os jovens e adolescentes para que eles possam se tornar indivíduos atuantes em nossa sociedade. O nosso objetivo aqui é construir cidadãos participativos nos temas importantes da comunidade. Fazer com que entendam por que eles não têm investimentos na saúde, na educação e por que as periferias viveram às margens das políticas públicas de Estado e lutar por melhorias. Então, a intenção do nosso trabalho é essa: formar cidadãos. Cidadãos conscientes e que possam levar as discussões políticas, culturais e sociais para dentro da sua comunidade e, quem sabe, em todo Estado de Alagoas. Que as pessoas possam fazer capoeira, mas também que elas desenvolvam o conhecimento, o sentimento de pertencimento, o ser, a identidade cultural. A nossa intenção, além da prática da capoeira, também é essa, contribuir com a formação de cidadãos capazes de fomentar as discussões sociais, políticas e culturais em busca de melhorias para a sua comunidade e entorno (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Nesse sentido, a capoeira compreendida como ferramenta para formação cidadã, transformação e consciência social, evidencia que o seu campo de atuação vai além da utilização de técnicas e habilidades corporais, estendendo-se para a consolidação de valores e para a constituição de sujeitos sociais, ensinamentos que ultrapassam as gerações e que aguçam o sentimento de pertencimento e as memórias individuais e coletivas, indispensáveis à produção espacial.

Apontada nos depoimentos dos entrevistados, entende-se aqui que a cidadania, de fato, “[...] passa pela concreta participação e o envolvimento integral do indivíduo no lugar em que ele vive, seja na escala micro ou macro: o bairro ou a grande cidade” (FREIRE, 2006, p. 19). No entanto, Freire aponta que:

Precisamos enfatizar, antes de tudo, que a busca pelo direito de cidadania, pelo direito à cidade, precede uma intensa luta pela melhoria nas condições da vida cotidiana, a existência digna, o que significa, dentre outros movimentos relevantes, a luta contra um cotidiano massacrante e alienante a favor da humanização do homem. Daí podermos pensar, sim uma cidadania e uma democracia verdadeiras (FREIRE, 2006, p. 17).

De modo geral, a cidade de Maceió apresenta enorme concentração de renda nas mãos de poucos, uma materialização das desigualdades cujas raízes históricas e sociais centralizam a maior parcela da população negra nas áreas periféricas. Socialmente excluída, além das precárias condições materiais de vida, os direitos básicos e inalienáveis como o acesso à saúde, educação e condições adequadas de saneamento básico são restritos. Isto é, torna-se claro a figura do não-cidadão, definido por Milton Santos (2007). Conforme, Santos (2007, p. 21), “é extensa a tipologia das formas de vida não-cidadãs, desde a retirada, direta ou indireta, dos direitos civis à maioria da população, ao abandono de cada um à sua própria sorte”.

Para os mestres entrevistados, a cidadania pode ser entendida de acordo com as seguintes respostas:

Exercer a cidadania é exercer um bem comum em prol da comunidade. Eu como mestre e através do grupo, promovemos a cidadania com as pessoas, com os alunos, com as pessoas da cidade. Porque a cidadania é isso, é exercer direitos e deveres. E no nosso caso com a capoeira, a capoeira faz com que a gente exerça essa cidadania, esse dever de ensinar. Esse dever que se torna bem maior, que é formar os cidadãos (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

Eu vejo a cidadania como o direito de ser criança, de ser adolescente, de ser adulto, de ser idoso, esse direito de viver feliz e ter acesso à informação, acesso à educação de qualidade, e ter acesso à moradia e ter acesso à saúde (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Eu entendo que a cidadania é o direito à vida, mas uma vida digna onde os cidadãos possam ser protagonistas da sua história, onde os cidadãos possam participar ativamente das discussões políticas e sociais em busca da melhoria das condições de vida da população. Condições dignas de acesso à saúde, educação, cultura, lazer (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

Cidadania é o entendimento dos nossos deveres e principalmente praticar no dia a dia a verdadeira humanidade. Ser cidadão é isso, ser cidadão é você se preocupar com a sua família, se preocupar com a sua comunidade e estar sempre transmitindo valores. E esses valores dentro de uma perspectiva sociocultural com a capoeira, para que você seja um exemplo para as crianças e adolescentes da comunidade. Sempre orientando para que essa comunidade perceba a importância dos valores contidos na capoeira. Então pra mim, a cidadania é justamente isso, desenvolver ações em conjunto que permitam o indivíduo, inserido na sua comunidade, de ter orgulho também, aí vem a questão do pertencimento étnico-racial e o seu estado de espírito elevado, a autoestima elevada, pra se valorizar, aprender a se valorizar enquanto pessoa, enquanto cidadão. Cidadania pra mim é isso, é esse conjunto de ações que faz com que a gente tenha mais dignidade de vida (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

O conceito de cidadania, embora muito valorizado na atualidade, é muitas vezes carregado de imprecisas significações. No entanto, nas narrativas apresentadas permeia o entendimento de que a prática da cidadania vai além dos referenciais meramente institucionais, isto é, a cidadania não se traduz apenas pelo cumprimento de um dever que pode até mesmo, em alguns casos, limitar a luta por direitos. Entende-se que a cidadania é participativa, inclusiva e solidária para a garantia de uma vida digna para um número cada vez maior de pessoas. Nessa linha, Manzini-Covre (1995) define que a cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno, construído coletivamente.

E mais além, Freire afirma que “a cidadania ampla passa, inclusive, pela existência de tempo, não o tempo da produção, mas o tempo para a vida mais digna; para que o indivíduo possa usá-lo no seu cotidiano; tempo para aprender, tempo para criar, tempo para o vivido” (FREIRE, 2006, p. 18).

Tendo em vista as desigualdades sociais presentes no cotidiano da população maceioense, especificamente, a capoeira pode exercer um papel imprescindível dentro da perspectiva de contribuição à formação cidadã. Sobre essa questão, Silva e Heine defendem que:

A capoeira sempre foi e será símbolo de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e com direitos reais e iguais para todos. Com a capoeira, os escravizados lutaram pelo direito a vida e não se acomodaram nem aceitaram a escravidão. Acreditaram no sonho de liberdade, arregaçaram as mangas, criaram estratégias e batalharam por uma vida mais digna. Assim, a capoeira pode dar às pessoas um sentido de dignidade para a vida, esperança e força para lutar e construir um futuro melhor para todos (SILVA; HEINE, 2008, p. 29).

Quanto à prática da cidadania no contexto da capoeira, por meio das várias ações promovidas pelos grupos pesquisados, destaca-se que:

A capoeira ela atua na cidadania a partir do momento em que ela é mais do que esporte, em que ela é mais do que cultura, ela atua na vida do indivíduo, do jovem, da criança, do idoso. A capoeira se torna um ambiente acolhedor. A capoeira é acolhedora, ela contribui para formar o cidadão. [...] A capoeira atua para incluir a todos. Então nada mais cidadão do que isso. [...] Nós percebemos a cidadania dentro das atividades capoeira a partir do momento em que uma mãe nos relata que o comportamento do filho melhorou. A partir do momento em que o idoso fala que está se sentindo mais feliz, mais acolhido, a partir do momento em que o deficiente chega e se sente à vontade. A partir do momento em que a mulher está dentro da

capoeira se sentindo igual a todos. A capoeira atua muito bem nessas atividades. É a integração, é integrar o indivíduo. Isso é cidadania. A capoeira dá qualidade de vida, o que é o mais importante. A capoeira contribui bastante pra formação cidadã, toda a sua história de luta e de resistência faz com que a capoeira se torne não só uma luta, uma troca de pernadas, mas essa contribuição para a formação do cidadão (MESTRE VENTANIA – Transcrição de entrevista realizada em 11 de março de 2023).

A capoeira pode contribuir para que a gente amplie a formação cidadã. Isso é notório porque a capoeira chega em qualquer âmbito da sociedade. Diga-se de passagem, que a capoeira entra em qualquer lugar que, muitas vezes, nenhum projeto governamental entra. Onde o Estado é ausente. Não é à toa que a capoeira está sendo praticada em diversos países e o mundo inteiro já viu a capoeira como instrumento sociocultural e pedagógico. [...] A capoeira tem muitas ações afirmativas, muitas políticas públicas, porém o que é preciso é uma fiscalização para se cobrar efetivamente. Mas também para que essas ações sejam colocadas em prática, sair do papel. Essa é a questão. [...] As contribuições da Escola Ubuntu da Capoeiragem à prática da cidadania já começam pelos vários projetos internos que são desenvolvidos. Nós temos aqui um projeto com os idosos, que é o passeio temático à Serra da Barriga, que ocorre em busca da ancestralidade. O passeio ocorre anualmente há quatro anos no dia 20 de novembro, com batizado e a troca de cordas. Dentro da comunidade onde eu moro, nós trabalhamos com dois projetos. O projeto Ubuntu que está voltado para as crianças e adolescentes do bairro, com todo esse processo de formação e transformação de vida. E temos também o projeto Sankofa, que é um voo pela ancestralidade, onde a gente sempre faz estudos, leitura de textos, rodas de conversas e videoteca. Fazemos esse resgate para sempre estarmos ligados à nossa ancestralidade. Então, o projeto Sankofa é isso, o nosso mais novo projeto e que estamos colocando em prática. Tem dado super certo. São essas ações que a gente faz e que levam essa contribuição de formação para a cidadania aos praticantes (MESTRE BESOURÃO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Hoje eu me sinto realizado. Realizado pelo trabalho que fiz em Alagoas. Uma coisa que nunca perdi de vista é que a capoeira educa. Eu sempre usei a capoeira como educação. Eu ensino a você jogar capoeira comigo respeitando a minha integridade física. A capoeira precisa estar voltada para a educação, para a formação do caráter dos indivíduos, para a cidadania. Quantas pessoas já não saíram das drogas através da capoeira? Na minha escola, no meu grupo, eu tenho vários testemunhos disso. Então a função da capoeira é formar cidadãos. A capoeira é uma luta, mas é um jogo também, é uma dança, é uma brincadeira lúdica (MESTRE CLÁUDIO – Transcrição de entrevista realizada em 7 de março de 2023).

Eu acredito que a própria utilização dos espaços públicos para a prática da capoeira fortaleça a cidadania. Além dos espaços de discussão, as rodas de diálogos, a própria transmissão dos saberes, o incentivo a práticas culturais e sociais, à participação ativa nas comunidades são exemplos de práticas cidadãs desenvolvidas pelos grupos de capoeira. Um exemplo muito de cidadania ocorre na roda de capoeira, porque na roda de capoeira você joga e dialoga com o outro. O outro não é seu adversário, é um companheiro de jogo porque você necessita da outra pessoa para jogar capoeira. Eu vejo a cidadania na roda de capoeira quando você precisa de um coletivo para treinar capoeira. Você pode treinar outras artes de forma individual ou com a participação de um ou outro. Mas na capoeira você necessita de um coletivo. Você precisa de uma orquestra de berimbau, todos os instrumentos com tocadores e cantadores. Então, eu vejo a roda de capoeira com um espaço para a prática de

cidadania, onde se tem o respeito à integridade física do outro. A roda de capoeira é para todos, é inclusão. Como dizia mestre Pastinha, a roda de capoeira é para homem, menino e mulher. Então a roda de capoeira para mim é o exercício significativo da cidadania. A roda de capoeira reúne pessoas de diferentes classes sociais, com religiões e etnias diversas, com visões de mundo também diferentes. Na roda de capoeira nós temos o homem, a mulher, a criança, o idoso, o portador de necessidades especiais. Mas, acima de tudo, a roda de capoeira é o respeito à diversidade (MESTRE GIRAFÁ – Transcrição de entrevista realizada em 26 de janeiro de 2023).

No contexto da prática da cidadania ativa e democrática através da capoeira, o processo educativo, as ações desenvolvidas pelos grupos de capoeira e a apropriação dos espaços públicos da cidade de Maceió desempenham papel imprescindível para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao meio em que estão inseridos. Ainda, o sentimento de pertencimento proporcionados pelas diversas atividades tem possibilitado o resgate cultural e social, fundamentais para a consolidação da identidade cultural de inúmeros indivíduos, uma vez que a capoeira ainda resiste.

## Considerações Finais

---



---

*Adeus povo bom adeus  
Adeus eu ja vou me embora  
Pelas ondas do mar eu vim  
Pelas ondas do mar  
eu vou me embora*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, a dinâmica da produção espacial da cidade de Maceió foi analisada a partir do resgate histórico da capoeira, com o objetivo de verificar os aspectos de contribuição ou não à prática da cidadania. O estudo foi norteado pelas indagações iniciais em torno dos espaços historicamente apropriados pela comunidade da capoeira maceioense a partir do seu processo de institucionalização nos anos de 1980, e as possibilidades dessa apropriação ser capaz de gerar uma noção cidadã.

Cumprido ressaltar que as análises foram aqui realizadas por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, com fundamentação teórica no materialismo histórico e dialético para a compreensão da totalidade concreta. Em consonância, as análises não esgotam as questões que foram aqui enfocadas, mas se espera que, através das informações levantadas, as discussões em torno da capoeira maceioense, enquanto elemento da produção espacial, sejam ampliadas, sobretudo, seu processo histórico de constituição.

Durante as análises realizadas – desde as fontes bibliográficas que deram o suporte teórico para a sustentação desta proposta investigativa, ao levantamento no banco de teses e dissertações, até os dados gerados e coletados na pesquisa empírica por meio do roteiro de observação, das entrevistas e anotações de campo – a rede de contatos estabelecida com alguns grupos e entidades, assim como a convivência com os capoeiristas foram fundamentais para a construção do conhecimento e entendimento do fenômeno espacial estudado. Para isso, quatro grupos de capoeira foram investigados no município.

Primeiramente, o estudo sobre a capoeira evidenciou que, apesar de ser analisada por pesquisadores dos diversos campos do conhecimento, sua origem ainda não está completamente esclarecida. Em Alagoas e especificamente na cidade de Maceió, a história da capoeira apresenta diversas lacunas, o que aponta para a necessidade de se ampliar os estudos e pesquisas com rigor teórico e metodológico necessários para a compreensão desta realidade.

Em seguida, a teorização bibliográfica a partir do viés geográfico em sua perspectiva crítica permitiu resultados mais significativos, indispensáveis às análises das narrativas dos mestres entrevistados. As breves considerações sobre a produção do espaço levam à compreensão de que este, enquanto fruto das relações sociais é constantemente produzido e nunca acabado. Para além da reprodução das relações sociais de produção, o espaço é lugar de



encontro, de contestação, de ação, onde as múltiplas trajetórias coexistem, onde a vida cotidiana acontece e suas inúmeras possibilidades. O espaço é também o lugar do exercício da cidadania, entendida a partir de uma dupla acepção, relacionada aos direitos civis, direitos políticos e direitos sociais e relacionada a prática de reivindicação à vida plena, materializada na apropriação dos espaços.

Conforme identificado através do mapeamento realizado, a maior quantidade de grupos de capoeira em Maceió está concentrada nas regiões das zonas periféricas da cidade, especialmente nos bairros do Benedito Bentes, Cidade Universitária, Santa Lúcia, Tabuleiro dos Martins e o Jacintinho. A precariedade da configuração espacial, a ausência da infraestrutura e da oferta de serviços básicos para a população são características das periferias de Maceió.

Nesse contexto, a capoeira surge enquanto uma alternativa de manifestação cultural e como meio de educação de transmissão de valores sociais. Abib (2004) considera que as manifestações da cultura popular, como a capoeira, contribuem para o processo educativo não formal. Pois, o que se aprende durante o jogo de capoeira, se transforma em um aprendizado social, a partir do momento em que o indivíduo passa a realizar analogias entre a roda de capoeira e a “roda da vida” (ABIB, 2004).

As contribuições da capoeira maceioense à prática da cidadania são evidenciadas a partir das narrativas produzidas pelos mestres entrevistados e das diversas ações socioeducativas desenvolvidas pelos grupos, que promovem a autonomia, a integração e a participação dos envolvidos. A capoeira mostra-se, então, como um agente de transformação social.

O estudo desenvolvido propôs analisar e relacionar a produção espacial urbana de Maceió a partir da apropriação dos espaços públicos da cidade pela prática da capoeira e sua relevância na afirmação da cidadania. A partir das constatações estabelecidas, ao sugerir a relação entre produção do espaço e cidadania, foi possível observar que a apropriação dos espaços públicos por meio da prática da capoeira dinamiza o espaço, de modo a contribuir para a formação cidadã e a inclusão social ao propiciar a interação e as trocas sociais, estimulando o sentimento de pertencimento e afetividade em relação ao lugar, consolidação da identidade cultural e de reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, São Paulo. 2004. 170 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 113 p.

BARBOSA, G. B. **Uma possível “simbiose”**: vadios e capoeiras em Alagoas (1878-1911). 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

BDTD. BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. **Acesso e visibilidade às teses e dissertações brasileiras**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: ALVAREZ, M. J.; SANTOS, B. dos; BAPTISTA, T. M. Porto: Porto Editora, 1994. 336 p.

BOTELHO, A; SCHWARCZ, L. M. **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 22 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. **Código Criminal do Império do Brasil, de 16 de dezembro de 1830**. Manda executar o Código Criminal. Brasília, DF: Presidência da República, 1830. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm)>. Acesso em: 17 out. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. (revogado). Brasília, DF: Presidência da República, 1890. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CAMPOS, H. Capoeira, identidade tradições e globalização. *In*: PIRES, A. L. C.S; FIGUEIREDO, F. S.; MAGALHÃES FILHO, A. (orgs.). **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo**. 1. ed. Cruz das Almas: EDUFRB, Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 279-289.

CAMPOS, H. **Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009. 306 p.

CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990. 156 p.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 238 p.

CARVALHO, C.P. **Formação histórica de Alagoas**. 5. ed. Maceió: EDUFAL, 2019. 345 p.

CAVALCANTE, L. V.; LIMA, L. C. Epistemologia da Geografia e espaço geográfico: a contribuição teórica de Milton Santos. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 1, p. 61-75 mês. 2018. ISSN 2179-0892.

CAVALCANTI, L. de S. A cidadania, o direito à cidade e a Geografia escolar: elementos de Geografia para o estudo do espaço urbano. **Geosp – Espaço e Tempo**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 41-56, 1999.

CAZAROTTO, R. T. **Desenvolvimento sustentável: o paradigma territorial a partir do conceito de espaço vital de Friedrich Ratzel – 1844–1904**. 2000. 99 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/634/1/Rosmari.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 11-36.

COMO VIVEM os “maloqueiros” em Maceió. **Diário de Pernambuco**. Recife, 06 de setembro de 1935.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave na geografia. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª ed. Bertrand: Rio de Janeiro, 2000. p. 15-47.

CORRÊA, R. L. **Espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, série Princípios, 3ª. Edição, n.174, 1995. p. 1-16.

CORRÊA, R. L. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Geografia, espaço e memória**. São Paulo: Terra Livre, nº 10, janeiro-julho, 1992. p. 93-116,

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. *In*: DAGNINO, E; (Org.) **Anos 90**. Política e Sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 103-115.

FREIRE. A. L. Ensaio sobre a cidade anti-democrática: pensando os bens e serviços a favor da cidadania. **Geografares**. Vitória, nº 05, ano 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/1052/773>. Acesso em: 07 mar. 2023.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo: v. 35, n. 3 p. 20-29, maio/jun, 1995.

HAGUETTE, T. M. F. **O cidadão e o Estado**: a construção da cidadania brasileira. Edições UFC, 1994. 213 p.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2022**: prévia da população dos municípios com base do censo demográfico 2022. Maceió: IBGE, 2022. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>. Acesso em: 23 fev. 2023.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê**: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190 p. (El espacio. *In*: LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, 190 p.).

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

MAGALHÃES FILHO, P. A. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. Salvador: EDUFBA, 2012. 261 p.

MANZINI-COVRE, M. **Cartas de direitos, cidadania e cidadãos**. Pensam. Real. Ano II, n. 4/99, 1995. p. 78-94.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, R. Repensando a geografia. *In*: SANTOS, M. (org.). **Novos rumos da Geografia Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

PASTINHA, M. **Capoeira angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. *Paulista de Geografia*, n. 54, 1977, p. 81-100.

PESSÔA, V. L. S.; RAMIRES, J. C. de L. Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. *In*: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.;

PESSÔA, V. L. S. (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 23-35.

PMM. PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. **Plano Diretor Lei Municipal nº5486**. Maceió, Alagoas, 2005. Disponível em: <https://www.sedet.maceio.al.gov.br>. Acesso em: 07 jan. 2022.

REGO, W. **Capoeira angola: ensaio socio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968. 417 p.

REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 1997. 265 p.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012. 136 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 392 p.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 176 p.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004. 288 p.

SANTOS, M. As exclusões da globalização: pobres e negros. *In*: Thoth, escriba dos deuses: Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes. **Informe de distribuição restrita do senador Abdias do Nascimento**, nº 4, Brasília: Gabinete do Senador Abdias do Nascimento, 1998.

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. *In*: GERNER, J. (org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-144.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 120 p.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, 1977, p. 81-100.

SEPLAG. SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO. **Alagoas em mapas**. Disponível em: <https://dados.al.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SILVA, G. de O.; HEINE, V. **Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008. 192 p.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, 612 p.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002. 112 p.

SOUZA, D. **População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872**. Fundação Cultural Palmares. 2013. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=25817>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 5, n. 93, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em: 09 dez. 2022.

THALHEIMER, A. **Introdução ao Materialismo Dialético**. São Paulo: Ciências Humanas Ltda, 1979. 78 p.

TORRES, F. do C. **Espaço Público: Apropriação e direito ao uso**. A territorialidade das rodas de capoeira em Brasília (Distrito Federal), 263 p. Dissertação (Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Pós-Graduação em Geografia). Brasília, 2014.

TOZONI-REIS, M.F.de C. O método materialista histórico e dialético para pesquisa em educação. **Simbio-Logias: Revista Eletrônica de Educação, Filosofia e Nutrição**, v. 12, n. 17, p. 67-84. 2020. ISSN 1983-3253.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 87 p.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2000. 144 p.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**. Brasília, v. 1, n. 14, 2008.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 34, p. 81-121, 1998.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Histórias, memórias e trajetórias da capoeira:** a produção do espaço urbano e a prática da cidadania em Maceió

Instituição: Universidade Federal de Alagoas  
Responsável: Amanda Barbosa Guedes Silva

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

#### IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Nome / Idade / Escolaridade / Profissão

Trajetoira na capoeira / Tempo de capoeira e mestria / Grupo de capoeira atual

1. Atualmente, quais são os lugares que o grupo realiza suas atividades na cidade de Maceió (aulas, rodas de capoeira, etc.)?
2. Quais fatores influenciam a escolha destes lugares?
3. Na apropriação de um determinado espaço pelo grupo, há alguma outra intenção além da realização das atividades desenvolvidas?
4. Existe ou já existiu algum tipo de impedimento em relação à realização das atividades da capoeira nestes espaços? Explique.
5. Você acredita que a utilização do espaço pela capoeira reforça o caráter coletivo do espaço? Como?
6. Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo grupo de capoeira?
7. Quais são as contribuições que o grupo fornece para a comunidade local?
8. O que você entende por cidadania?
9. Existe alguma ação que o grupo realiza que contribui para o exercício da cidadania? Se sim, quais?
10. Em sua opinião, como a capoeira atua em prol da cidadania?
11. Como você percebe a cidadania dentro das atividades realizados pela capoeira?
12. Como a capoeira pode contribuir para a ampliação da formação cidadã?